

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ITAJUBÁ - UNIFEI
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM MESTRADO EM DESENVOLVIMENTO,
TECNOLOGIAS E SOCIEDADE

FICÇÃO CIENTÍFICA E PROGRESSO TECNOLÓGICO:
UMA ANÁLISE DE DISTOPIAS CLIMÁTICAS DO SÉCULO XX

DENIS MARCIO RODRIGUES JUNIOR

Itajubá

2021

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ITAJUBÁ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM MESTRADO EM DESENVOLVIMENTO,
TECNOLOGIAS E SOCIEDADE

DENIS MARCIO RODRIGUES JUNIOR

FICÇÃO CIENTÍFICA E PROGRESSO TECNOLÓGICO:
UMA ANÁLISE DE DISTOPIAS CLIMÁTICAS DO SÉCULO XX

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação (PPG) em *Desenvolvimento, Tecnologias e Sociedade* (DTecS) da UNIFEI – Universidade Federal de Itajubá, sob a orientação da **Prof^a Dr^a Daniele Ornaghi Sant’Anna**

Área de concentração: Desenvolvimento, Tecnologias e Sociedade

Linha: Desenvolvimento e Sociedade

Itajubá

2021

DEDICATÓRIA

A Elise

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Universidade Federal de Itajubá (Unifei), ao Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Tecnologia e Sociedades (DTecS) e à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) por me permitirem realizar essa pesquisa.

Agradeço a minha orientadora, a professora Daniele Ornaghi Sant'Anna, por estar sempre disponível, por me ajudar a desenvolver meu trabalho e a navegar as partes mais difíceis do mestrado.

Agradeço a todos os professores do programa, aos colegas e amigos pelas leituras, contrapontos, discussões, conversas formais e informais, em suma, por enriquecerem este trabalho. Agradeço também aos funcionários da Unifei, por facilitá-lo.

Agradeço a minha avó Sidney, por cuidar de mim durante este período, a minha mãe Ana Paula, pela eterno amor e paciência mesmo nos meus momentos de maior incerteza, a minha irmã Bruna, pela amizade e conversas esclarecedoras, e a minha sobrinha Elise, por me dar uma razão particular para me preocupar com o futuro.

Também agradeço a minha avó Dalva, aos meus primos e primas, aos tios e tias, e a todo o resto da minha família. Eu me sinto afortunado por tê-los todos os dias.

Agradeço, em particular, ao meu primo Paulo Cezar, o Juninho, por ter me mostrado o caminho em diferentes momentos da minha vida, e a minha tia Rosa (em memória) por ter sempre acreditado em mim mais do que eu mesmo.

Agradeço ao Klaus, meu melhor amigo e correspondente em assuntos acadêmicos. Nossas conversas, suas notas e sugestões foram sempre valiosas para mim.

EPÍGRAFE

O grande triunfo da humanidade com que eu havia sonhado tomou assim uma conformação diferente em minhas ideias. Não fora o triunfo da educação moral e da cooperação entre todos que eu imaginara. Em vez disso, o que eu via era uma verdadeira aristocracia, munida de ciências avançadas e aperfeiçoando até sua conclusão lógica o sistema industrial de hoje. Seu triunfo não tinha sido apenas sobre a Natureza, mas sobre a Natureza e sobre seus próprios semelhantes.

H.G. Wells, A Máquina do Tempo

Nem a sua prata nem o seu ouro os poderá livrar no dia do furor do Senhor, mas, pelo fogo do seu zelo, toda esta terra será consumida, porque certamente fará de todos os moradores da terra uma destruição total e apressada.

Sofonias 1:18

RESUMO

A ficção científica tem sido um dos gêneros mais populares da literatura desde o seu surgimento no século XIX. O gênero busca então olhar para o futuro, imaginando novos avanços tecnológicos que então pareciam ilimitados, o que o faz se aproximar da literatura de utopia e distopia. Após o fim da Segunda Guerra Mundial e a explosão da bomba atômica, o otimismo em um mundo guiado pela ciência diminui consideravelmente e as distopias consideram o próprio fim da civilização através dos subgêneros apocalíptico e pós-apocalíptico. O cataclisma nuclear permanece popular nas obras ficcionais ao longo de todo o século, mas a partir dos anos 70, uma nova ameaça se revela tão perigosa para a civilização humana quanto: as crises ambientais. O prognóstico de um colapso cria um imaginário distópico tão poderoso quanto o de uma guerra nuclear, sendo também uma ameaça ao modo de produção capitalista, uma vez que limites externos ao crescimento econômico são estabelecidos. Se a bomba atômica evidenciou o potencial destrutivo da tecnologia bélica, as crises ambientais colocam em questão os mesmos artefatos tecnológicos que permitiram o otimismo do século XIX. Este trabalho se pergunta como obras de ficção distópicas caracterizam as crises ambientais ao longo do último século. Tem objeto de estudo, portanto, as distopias climáticas, definidas como: obras ficcionais situadas em um futuro próximo ou distante que descrevam uma sociedade pior, de acordo com o autor, do que a do momento e local em que foi escrita e que tratem de questões ecológicas ou ambientais como o foco, ou um dos focos, da disfuncionalidade do seu mundo. Seu objetivo é investigar as diferentes percepções críticas em relação a tecnologia em distopias climáticas. Para fazê-lo, se propõe a examinar a história da difusão da crença nas mudanças climáticas antropogênicas, comparar o caráter distópico de obras de ficção científica ao longo do século XX e identificar nestas críticas específicas a tecnologia, levando em conta seu contexto histórico e artístico. Em seus resultados, observa-se que: a oposição entre civilização e natureza é um tema recorrente nas obras estudadas, ao refletir sobre modos alternativos de existência fora da sociedade industrial moderna; As obras se mostraram úteis para o estudo da história das crises ambientais, ao revelar características de momentos chave da conscientização quanto a estas; E, por fim, não há uma linearidade na crítica que realizam quanto ao progresso tecnológico, mas todas manifestam posições contrárias ao modo de vida capitalista.

PALAVRAS-CHAVE: Distopia. Ficção científica. Crises ambientais. Tecnologia.

ABSTRACT

Science fiction has been one of the most popular genres in literature since its emergence in the 19th century. The genre sought to look at the future, imagining new technological advances, that then seemed unlimited, which brought it closer to the literature of utopia and dystopia. After the end of World War II and the explosion of the atomic bomb, optimism in a world guided by science diminishes considerably and dystopias considered the very end of civilization through the apocalyptic and post-apocalyptic subgenres. The nuclear cataclysm remained popular in fictional works throughout the century, but in 1970s, a new threat proved to be just as dangerous for human civilization: the environmental crises. The prognosis of a collapse created a dystopian imagery as powerful as that of a nuclear war. It was also a threat to the capitalist mode of production since external limits to economic growth are established. If the atomic bomb showed the destructive potential of war technology, environmental crises call into question the same technological artifacts that allowed the optimism in the 19th century. This dissertation asks how works of dystopian fiction characterize environmental crises over the last century. Therefore, climatic dystopias are the object of study, defined as: fictional works located in the near or distant future that describe a worse society, according to the author, than that of the moment and place in which it was written and that deal with ecological or environmental issues such as the focus, or one of the focuses, of the dysfunctionality of their world. Its objective is to investigate the different critical perceptions regarding technology in climatic dystopias. To do so, it proposes to examine the history of the belief in anthropogenic climate change, to compare the dystopian character of science fiction works throughout the 20th century and to identify in these specific criticisms the technology, taking into account its historical and artistic context. In the results, it is observed that: the opposition between civilization and nature is a recurring theme in the works studied, when reflecting on alternative modes of existence outside modern industrial society; The works proved to be useful for the study of the history of environmental crises, by revealing characteristics of key moments of awareness regarding these; And, finally, there is no linearity in their criticism of technological progress, but they all manifest positions contrary to the capitalist way of life.

KEYWORDS: Dystopia. Science fiction. Environmental crises. Technology.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	8
1.1. A angústia futurológica	8
1.2. Distopias ficcionais e concretas	12
2. METODOLOGIA	17
2.1. Bases teóricas	17
2.1.1. As crises ambientais	17
2.1.2. Ficção como fonte histórica	18
2.1.3. Crítica do progresso	19
2.2. Proposta e abordagem	22
2.3. Seleção e análise das obras	23
2.4. Estrutura do trabalho	25
3. ANTECEDENTES DA DISTOPIA CLIMÁTICA	27
3.1. Civilização contra Selvageria	28
3.2. Utopia e anti-utopia	35
3.3. Distopia e Ficção Científica	42
4. AS PRIMEIRAS DÉCADAS	55
4.1. Indústria contra conservacionismo ambiental	57
4.2. O cataclismo natural de J.G. Ballard	65
5. UMA PREOCUPAÇÃO GLOBAL	80
5.1. O insustentável modo de vida americano	83
5.2. A distopia crítica de Octavia Butler	96
6. RESULTADOS E DISCUSSÃO	109
CONCLUSÃO	115
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	116

1. INTRODUÇÃO

Desde seu surgimento como gênero literário, a distopia tem expressado as ansiedades do século XX (MOYLAN, 2000). A partir da década de 70, uma das principais preocupações para toda a humanidade é a iminência de um colapso ambiental (MARQUES, 2018), também refletida em diversas obras de ficção científica, como tinha sido, por exemplo, a possibilidade de uma guerra nuclear. Neste trabalho, tomamos como fonte primária essas obras de ficção distópica que olham para crises ambientais como um dos elementos da disfuncionalidade de seu mundo. Ao procurar nelas as interpretações de seus autores sobre o contexto histórico e artístico que informaram a construção de cada obra, podemos lançar luzes sobre a história da percepção pública das crises ambientais. Afinal, ao especular sobre o futuro, os escritores falam de seu próprio tempo.

1.1. A angústia futuroológica

“Para onde vamos?” é uma das questões fundamentais da filosofia. Formulações escatológicas, quer dizer, sobre o fim dos tempos, estão presentes nas culturas mais diversas espacial e temporalmente – o Ragnarok nórdico, os ciclos maias ou o Kali Yuga hindu, por exemplo -, mas na história do ocidente, nos últimos dois milênios, essa angústia tem sido respondida em grande parte pela teologia judaico-cristã.

Marilena Chauí (2000:387) aponta como característica dessa escatologia o que chama de milenarismo. De acordo com a filósofa, o milenarismo não está presente apenas no cristianismo, mas é próprio das religiões de salvação: é a esperança de felicidade perene, quando a divindade livra seus escolhidos do pecado e dos sofrimentos próprios dessa vida e os regeneram, purificam, para uma nova forma de existência ideal.

O termo está presente no livro do Apocalipse, tradicionalmente atribuído a João de Patmos e que contém as profecias bíblicas quanto ao ponto final da história humana e deste mundo. O livro narra vividamente a história futura do universo através de alegorias: o dragão, as bestas e o falso profetas aparecem como figuras malignas que trazem desgraças sobre a terra e tornam a vida dos fiéis em profundo sofrimento, até que Jesus Cristo retorne em sua segunda vinda, a qual ele mesmo profetizou; Satanás é preso por mil anos na era de paz aludida pelo termo “milenarismo”, é solto e vencido para sempre em uma última batalha e, por fim, o juízo final ocorre, separando aqueles fiéis a Deus para o galardão eterno, para o seu definitivo destino após este mundo ser destruído. No penúltimo capítulo de toda a Bíblia Sagrada, o profeta narra:

E vi um novo céu e uma nova terra. Porque já o primeiro céu e a primeira terra passaram, e o mar já não existe. (...) E Deus limpará de seus olhos toda lágrima, e não haverá mais morte, nem pranto, nem clamor, nem dor, porque já as primeiras coisas são passadas. (BÍBLIA, Apocalipse 21:1,4)

Não é difícil enxergar a atração desta promessa. De fato, seu poder permanece real para grande parte das pessoas. Para Chauí, “a esperança milenarista é própria das classes populares, em sociedades onde prevalecem a desigualdade, a injustiça e a miséria”.

Entretanto, no âmbito intelectual, o iluminismo e a revolução científica trouxeram uma profunda mudança de mentalidade ao afastar Deus da construção e validação do conhecimento, bem como das rédeas da história. Afinal, as profecias bíblicas visam o porvir, mas não de forma proativa: o homem não pode fazer nada contra os planos divinos, apenas se adequar às virtudes exigidas de um santo para não ser lançado no lago de fogo.

Podemos observar isso em diversos trechos onde as escrituras respondem diretamente as angústias futuroológicas, ora em um nível pessoal com uma mensagem de tranquilidade: “Não vos inquieteis, pois, pelo dia de amanhã (...)” (Mateus 6:34), “Não estejais inquietos por coisa alguma (...)” (Filipenses 4:6), “Lançando sobre Ele toda a vossa ansiedade (...) (I Pedro 5:7)”; Ora com uma advertência quanto a predestinação divina nos rumos da história: “Eu sei, ó Senhor, que não é do homem o seu caminho (...)” (Jeremias 10:23), “(...) Eu sou Deus (...) que anuncio o fim desde o princípio e, desde a antiguidade as coisas que ainda não se sucederam; que digo: O meu conselho será firme, e farei toda a minha vontade.” (Isaías 46:9, 10); “(...) [Cristo], o qual foi conhecido ainda antes da fundação do mundo” (I Pedro 1:20).

Fica claro que na escatologia cristã o futuro pertence totalmente a um Deus soberano e o homem, embora central e primeiro dentro da criação, é reduzido a um instrumento em suas mãos, uma parte da natureza mais ampla. Na modernidade, a ciência permite ao homem assumir este papel central, dominante sobre todo o resto do mundo físico. Francis Bacon escreve em 1609 sobre a lição do mito de Prometeu:

O homem, se atentarmos às causas finais, pode ser visto como o centro do mundo, tanto que, se desaparecesse, o resto careceria de finalidade (...). De fato, o mundo inteiro opera de concerto a serviço do homem (...) a tal ponto que as coisas parecem obedecer às necessidades do homem e não as suas próprias. (MARQUES, 2018:628)

Luiz Marques (2018:612) comenta sobre o antropocentrismo presente na filosofia de Bacon, conectando-o a vocação expansionista do homem moderno: expandir as fronteiras de seu mundo, avançando maritimamente para novos territórios e aumentando o seu conhecimento sobre as realidades naturais. Conhecimento, para Bacon, é poder e

na medida em que a ciência e a técnica se expandem também seu domínio sobre a natureza avança, permitindo ao homem construir o seu próprio mundo e a sua própria realidade.

Foi especialmente com os escritos de Charles Darwin que esse novo paradigma se concretizou. O naturalista inglês tira da humanidade seu status sagrado: se sua origem não é mais deliberada, planejada, tampouco o é o seu fim. As escatologias teológicas perdem prestígio acadêmico, mas a angústia histórica com o futuro não fica suspensa: a partir de então os avanços técnicos, possibilitados pelo desenvolvimento científico, assumem o papel central como o definidor do destino humano.

O conceito de “evolução” cientificamente detalhado em relação à Biologia por Darwin causa profunda impressão nos pensadores da época em todas as áreas do conhecimento. Herbert Spencer foi o mais bem sucedido em termos de popularidade dentre eles. Ele propunha uma grande teoria unificadora do conhecimento humano em sua “filosofia sintética”, usando como eixo explicador a ideia de evolução, que se aplicaria não apenas às espécies, ao conhecimento das ciências duras, mas também às sociedades e culturas humanas, justificando assim o etapismo histórico que seria hegemônico por um longo tempo e influente até hoje.

De acordo com Hobsbawn (2001:350), na segunda metade do século XIX, as teorias de Spencer atingem o seu ápice de popularidade e não sem motivo. Os sucessivos e impressionantes sucessos em diversos campos da ciência enchem a elite intelectual novecentista de confiança no futuro: a Física parecia praticamente resolvida; a Biologia encontrava no darwinismo um grande esclarecedor, a Química fazia grandes avanços, assim como a medicina; as máquinas a vapor, o telégrafo, ondas de rádio, a fotografia, o fonógrafo, entre inúmeras outras invenções, apareciam por todos os lados e causavam uma profunda impressão de uma era de avanço. Os contemporâneos não poderiam estar mais confiantes e seguros com os rumos da sociedade que haviam construído.

Não que achassem que tivessem alcançado o fim da história necessariamente, mas sim que estavam no caminho certo. A ideia de que o lugar em que se encontravam teleologicamente conduziria ao fim da história era compartilhada por conservadores liberais e críticos revolucionários, com a diferença de que alguns achavam que seria um percurso direto e outros que seria descontínuo. Mas a ideia de uma única linha do tempo compartilhada pelos diferentes povos, apenas em estágios diferentes de “evolução” ou “progresso” era hegemônica e justificava, por exemplo, o domínio de uma nação civilizada sobre outra selvagem ou atrasada.

Hans Jonas (2006) em seu famoso livro *O princípio responsabilidade*, publicado originalmente em 1979, aponta como o desenvolvimento tecnológico gerou uma completa mudança de mentalidade quanto ao futuro, gerando um vácuo na ética. De acordo com o filósofo alemão, a ética tradicional olha para o aqui e o agora, para o círculo imediato de ação, porque esse seria o alcance do poder humano. Ele afirma como exemplo: “foi dito “não matarás” porque o homem tem poder para matar, e frequentemente a ocasião e a inclinação para isso – em suma, porque de fato se mata” (JONAS, 2006:66). O futuro não seria parte do domínio da ética porque pertenceria a Deus, como afirmavam os teólogos cristãos, ou a sorte, mas não aos homens, que pouco ou nada podem fazer quanto a ele.

Entretanto, a ampliação do domínio sobre a natureza louvado por Bacon abre novas possibilidades, estende o alcance do braço humano no espaço e no tempo. A ética sob o signo da tecnologia, para Jonas, não tem mais a ver apenas com a ação de indivíduos isolados, mas possui uma projeção causal sem precedentes no futuro, acompanhada de uma capacidade inédita de produzir previsões fundamentadas, mesmo que estas continuem sendo incompletas e imprecisas. Daí vem a teoria da “responsabilidade” do título do livro: até então ausente da ética, ela deve se tornar o seu centro (JONAS, 2006:22).

O filósofo afirma que, embora outras formas de preocupação com o futuro existissem antes, apenas na modernidade surge a ideia de progresso que considera todo o passado como uma etapa preparatória para o presente e o presente como uma etapa preparatória para o futuro. A princípio um ciclo ilimitado que não privilegia nenhum estado como definitivo, mas se mantém em permanente evolução, ela acaba formando uma escatologia secularizada, um fim da história para o qual a humanidade teleologicamente se destina. Esta seria a perspectiva *utópica*.

Jonas destaca o marxismo como sistema de pensamento utópico em sua crítica, entretanto diversas outras construções futuroológicas modernas trouxeram a perspectiva utópica, de que a superação dos problemas da humanidade poderia ser atingida através do avanço tecnológico. Em geral, esta era apenas uma crença implícita dos intelectuais, entretanto algumas mentes imaginativas deram um passo adiante e criaram propostas de como essa sociedade ideal seria através da literatura de utopia.

A literatura de utopia evidencia a noção do presente como uma etapa preparatória para o futuro. Afinal, se os novecentistas se acreditavam os homens mais sábios da história, era impossível negar que a realidade concreta estava longe do ideal. Ao mesmo

tempo que a ciência fazia suas descobertas, a industrialização cobrava seu preço ao trazer um período de contradição social sem precedentes. As cidades cresciam e se enchiam de operários miseráveis, amontoados em subúrbios; as fábricas transformam a paisagem e se tornam o centro da vida urbana. O período contraditório entre otimismo científico e problemas sociais seria a combinação ideal para a proliferação da literatura de utopia.

O termo é cunhado por Thomas More em 1516 em seu livro *Utopia*, que apresenta uma sociedade ideal não em um tempo futuro, mas em um lugar distante, remoto, o que seria o tropo mais comum até o século XIX, quando o gênero atinge seu ápice de popularidade e influência, incorporando o cenário urbano e o desenvolvimento tecnológico como algumas de suas características fundamentais. José Vasconcelos (2013:251) destaca *Looking Backward* de Edward Bellamy, o maior *best seller* do gênero na época, como uma crítica ferrenha dos problemas do capitalismo, mas com uma crença de que uma sociedade igualitária e justa seria alcançada pacificamente e dentro do próprio sistema. Tratava-se então de um gênero progressista, particularmente reformista e não revolucionário.

Ao mesmo tempo, obras conservadoras se moviam na direção oposta: elas desconfiam do avanço tecnológico e não acreditam na utopia, não veem possibilidade de alcançar o paraíso nesta terra. Trata-se das anti-utopias, sendo um exemplo famoso na época a obra *The Republic of The Future* (1887) de Anna Bowman Dodd. É nesta definição que o livro de Dodd se encaixa: ela rejeita o socialismo da época que seria manifestado pouco depois por Bellamy. Ela é uma conservadora, contrária a movimentos progressistas como o feminismo e o igualitarismo. Dodd não rejeita o desenvolvimento científico porque o problematiza, mas por seu apego aos valores tradicionais, a uma forma de saber anterior ao método científico.

Anti-utopias são, portanto, um produto do gênero utópico, uma resposta crítica e as vezes satírica a ele. Tom Moylan se debruça sobre o tema, distinguindo ainda uma terceira forma literária que surge no século XX em profunda conexão com a emergente ficção científica e que salienta ainda mais notavelmente a angústia futurológica: a *distopia*.

1.2. Distopias ficcionais e concretas

É um erro fácil de cometer enxergar a distopia puramente como o oposto da utopia. Este era o caso quando o termo foi cunhado por John Stuart Mill em um debate em 1868, quando ele comenta sobre os governantes de então: “É talvez demasiado elogioso chamá-

los Utópicos; deveriam antes ser chamados distópicos ou cacotópicos. O que é comumente chamado Utópico é algo demasiado bom para ser praticável; mas o que eles parecem favorecer é demasiado mau para ser praticável” (MILL, 1988). Nessa interpretação política, se utopia é a situação imaginária ideal e sem imperfeições, a distopia é de fato o contrário: a situação definida pela imperfeição, tão ruim quanto a imaginação é capaz de gerar.

Mas as definições variam historicamente e de autor para autor. Na literatura, Tom Moylan (2000:168) traz uma série de interpretações de diferentes teóricos literários, mas ele mesmo chama a anti-utopia, conservadora e pessimista, de o oposto literário da utopia, esperançosa e progressista. A distopia não seria um sinônimo de anti-utopia, mas um gênero autônomo que negocia entre os dois extremos, podendo manifestar posições utópicas, anti-utópicas ou ambíguas.

De acordo com o autor, o gênero emerge das ansiedades do século XX: ele manifesta as dúvidas e inseguranças da sociedade tecnológica. Como prometido pelo século anterior, os avanços científicos não param, mas continuam em expansão em um ritmo inédito de produção de conhecimentos na história humana. Promessas de um futuro brilhante sustentado pelos mais incríveis avanços tecnológicos não necessariamente minguam, mas enfrentam oposições novas e um crescente sentido de consciência quanto ao potencial destrutivo de suas descobertas. O avanço do totalitarismo coloca em xeque as teorias de Herbert Spencer: a sociedade europeia não parece evoluir como as espécies, mas se move e distorce em direções inesperadas, algumas decisivamente piores do que as anteriores. Esses fatores contribuem para que neste momento grandes clássicos distópicos sejam produzidos.

Em 1909, E.M. Foster escreve *The Machine Stops*, uma crítica da vida mediada pela tecnologia; Em *Nós* (1920) de Yevgeny Zamyatin os indivíduos são reduzidos a números em prol da eficiência pelo governo totalitário; o filme *Metropolis* de 1927 apresenta a indústria como um monstro que devora os corpos humanos; Em *Admirável Mundo Novo* (1931) de Aldous Huxley a tecnologia atinge todo seu potencial de dominar completamente a vida; Já *1984* (1948) de George Orwell é um conto de puro pessimismo, em que os avanços tecnológicos permitem ao governo manter a vigilância completa sobre seus cidadãos.

Quando as grandes guerras, de proporções globais alimentadas por esse poder de destruição inédito, encontram seu ápice de horror tecnológico na explosão das bombas atômicas, a tendência da desconfiança se fortifica e o futuro da humanidade já não parece

tão brilhante nem para os maiores propagadores da ciência. Segue-se um mundo em estado de medo, duas potências se medindo, construindo progressivamente mais armas e, estas, progressivamente mais destrutivas: a destruição completa parece agora uma possibilidade perigosamente plausível.

Não é surpresa, portanto, que durante a maior parte da segunda metade do século XX, o cenário apocalíptico apresentado em obras de ficção fosse na maioria dos casos a guerra nuclear. Livros como *Alas, Babylon* (1959) de Pat Frank, *Um Cântico para Lebowitz* (1960) de Walter Miller Jr., *Do Androids Dream of Electric Sheep?* (1965), de Philip K. Dick, filmes como *On the Beach* (1959) de Stanley Kramer, *Dr. Strangelove* (1964) de Stanley Kubrick, séries de rádio e TV, histórias em quadrinhos, entre inúmeros outros exemplos, suportariam a ameaça atômica como um dos terrores mais poderosos no imaginário popular.

A predominância desse cenário pode ser facilmente explicada pelo medo real que a bomba atômica inspirava. Desde 1945 o *Bulletin of the Atomic Scientists* da Universidade de Chicago publica o *Doomsday Clock*. Trata-se de um indicador da vulnerabilidade da humanidade a uma catástrofe civilizacional que usa a analogia de uma contagem regressiva, evocando uma bomba prestes a explodir, até a meia-noite, evocando o apocalipse (MECKLIN, 2020). Fundado logo após a Segunda Guerra Mundial, o relógio chegou a dois minutos para meia noite em 1953, ano considerado o mais crítico da Guerra Fria (MARQUES, 2018:68).

Após variâncias diversas, o *Doomsday Clock* atinge seu número mais alto, 17 minutos, em 1991 em um terceiro aumento seguido. Com a queda do muro de Berlim e o relaxamento das tensões entre Estados Unidos e URSS, o risco de aniquilação não parece mais tão provável no futuro da humanidade.

Bruno Latour (1994:13) destaca o ano de 1989 como crucial para o modernismo. A queda do muro de Berlim representaria a vitória do liberalismo: o projeto marxista fracassa completamente e o mundo pertence agora todo aos capitalistas, para que continuem a exploração de seus recursos e a multiplicação da riqueza eternamente. Não é surpreendente que, pouco depois em 1992, a ideia de "fim da história" - popular nos confiantes anos do século XIX - seria retomada pelo filósofo liberal Francis Fukuyama: a utopia fazia sentido novamente. Entretanto, como Latour coloca, este triunfo dura pouco: no mesmo ano, a Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e o Desenvolvimento realizada no Rio de Janeiro traz uma conscientização inédita a urgência dos problemas ambientais, confirmando as preocupações existentes desde os anos 70,o

que poderia significar o fim das esperanças do capitalismo de dominação completa da natureza e de expansão ilimitada. A confiança tão duramente reconquistada se desmantela completamente diante de uma ameaça tão grande quanto a guerra nuclear.

Novamente, o *Doomsday Clock* indica o aumento do risco: exceto por um relatório em 2010, a contagem regressiva nunca mais veria um relaxamento e, em 2018, iguala a marca histórica de 1953, com o constante fracasso dos países em cumprir suas metas para a diminuição das emissões de carbono. Na declaração mais recente do Bulletin em 2020 o recorde é quebrado: a 100 segundos para a meia noite, nunca estivemos tão próximos da catástrofe.

Embora a ameaça tenha se manifestado tão claramente nas últimas décadas, a desconfiança quanto aos impactos negativos da industrialização sobre a natureza já está presente há mais tempo. Em 1962 Rachel Carson publica *Primavera Silenciosa*, um marco no despertar da consciência ambiental, que inspira diversas associações científicas e civis de caráter ecológico. *Blueprint for Survival*, escrito por Edward Goldsmith e Robert Allen, apela para a urgência e magnitude dos problemas ambientais em 1972. No mesmo ano também é publicado *The Limits of Growth* por Donella H. Meadows, Dennis L. Meadows, Jørgen Randers e William W. Behrens III, um estudo que procurava demonstrar que o crescimento econômico tinha limites externos, ambientais. Algumas obras de distopia em um cenário de colapso ambiental, como *The Sheep Look Up* (1972) de John Brunner e a trilogia *The White Bird of Kinship* (1978-82) de Richard Cowper, tornam-se mais populares. A partir da década de 90, o terror climático assume o topo, inspirando um termo específico para essas obras: ficção climática ou *cli-fi*.

O termo, derivado de *sci-fi*, foi cunhado pelo jornalista Dan Bloom apenas em 2006 (BRADY, 2017), após ler o relatório do mesmo ano lançado pelo Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas das Nações Unidas. Perturbado pela seriedade da ameaça, ele propôs o termo para promover obras ficcionais que tratassem sobre o tema. Elas são caracterizadas, de acordo com Caren Irr (2020), por esforços em imaginar o impacto de mudanças drásticas de caráter climatológico na vida e percepções humanas. E embora o termo seja bastante recente – testemunho da dimensão que essas preocupações atingiram na imaginação coletiva nas últimas décadas – diversas obras anteriores se encaixam nessa categoria desde o século XIX.

Bloom afirma que essas obras têm um papel na conscientização quanto as crises ambientais, ao expressar os terrores previstos pelas ciências duras em narrativas mais acessíveis para o grande público, o que é corroborado por Matthew Schneider-Mayerson

(2018) de maneira menos empolgada. Este ressalta que, embora sua pesquisa indique uma resposta positiva, poucos estudos foram feitos nessa área. De qualquer forma, se é difícil medir o impacto das obras ficcionais na percepção pública das mudanças climáticas, o movimento oposto é inequívoco: as obras ficcionais necessariamente refletem percepções de seus autores, já que estes são indivíduos históricos inseridos em um contexto específico.

Assim, embora diversos outros horizontes apocalípticos e distópicos que se baseiam em imaginários menos verossímeis – podendo envolver extraterrestres ou robôs, por exemplo – alcançam grande sucesso ao longo do mesmo período, a duradoura popularidade dos cenários nuclear e climático indicam que obras ficcionais podem refletir angústias concretas de seu tempo. Essa capacidade é que nos permite realizar o presente estudo.

2. METODOLOGIA

2.1. Bases teóricas

Estudamos as atuais crises ambientais a partir de uma perspectiva histórica e cultural. Podemos compreender as crises em curso como socioambientais, conectadas em suas origens e consequências ao sistema político e econômico produtivista moderno, desafiando a concepção de progresso linear guiado pela ciência e pela tecnologia. Em algum momento no último século, a partir do âmbito científico e político, o tema passou a alcançar também o imaginário popular. Obras de ficção, um tradicional e efetivo veículo de divulgação científica, podem ter um papel nessa transição ao propor novos cenários distópicos, em que as mudanças climáticas conduzem a catástrofe civilizacional.

Dessa forma, podemos organizar nossa pesquisa ao redor de três eixos temáticos: 1) As crises ambientais, especialmente em seu caráter sociopolítico e cultural; 2) O uso de obras ficcionais como fontes para o historiador, a partir do seu potencial de refletir as mentalidades do tempo em que foram escritas e, paralelamente, também influenciá-las; 3) A crítica da tecnologia elaborada a partir do pós-guerra, quando a confiança dos cientistas no progresso é abalada.

2.1.1. As crises ambientais

Quanto ao primeiro eixo, o livro *Capitalismo e Colapso Ambiental* de Luiz Marques (2018) será usado como principal referência. Inicialmente publicado pela editora da Unicamp em 2015, a relevância e o dinamismo do tema faz com que ele já esteja em sua terceira edição, publicada em 2018, atualizada com os últimos dados científicos e revista em suas previsões. O livro realiza uma compilação de informações e teorias das mais diversas áreas disciplinares, com o objetivo de evidenciar que o prognóstico de um colapso ambiental possui uma base científica concreta e inquestionável e, ao mesmo tempo, demonstrar a relação intrínseca entre as crises que conduzem a este colapso e a estrutura capitalista de organização civilizacional.

Ele se divide em duas partes: na primeira, “A convergência das crises ambientais”, o autor se debruça sobre os diversos aspectos da crise, levantando dossiês a partir das descobertas científicas mais recentes sobre os temas; Na segunda, “Três ilusões concêntricas”, tem um olhar mais amplo e faz uma análise histórica e filosófica das causas e implicações da crise, enxergando nela três ilusões ainda reproduzidas: a de um

capitalismo sustentável, a da ideia de que um maior excedente implica em maior segurança e o antropocentrismo.

Em primeiro lugar, o livro de Marques providencia a motivação desse trabalho, ao deixar evidente a seriedade das crises ambientais e o seu caráter transdisciplinar, relevante para todas as esferas do conhecimento humano. Além disso, ele oferece dados históricos, tanto estatísticas de cada faceta específica do colapso – o efeito estufa, as extinções em massa, o desflorestamento – em diferentes momentos, como a base ideológica que sustenta a contínua devastação do meio ambiente. Nesse sentido, ele não contribui apenas com o primeiro eixo, mas também com o terceiro, ao tratar do antropocentrismo que, no mundo moderno, é reforçado pela tecnologia e da ilusão de um capitalismo sustentável, baseada também na ideia do progresso. Finalmente, em sua conclusão, ele olha para o futuro, não apenas através das projeções científicas, mas reavaliando a ideia de utopia, importante para este trabalho.

Para a reconstituição da história das crises ambientais, suas implicações e percepções sociais, serão úteis também obras que já tenham proposto uma análise ampla sobre o tema, como os livros *Rumo ao Paraíso*, de John McCormick (1992), *Something New Under the Sun*, de John McNeil (2000), e *Environmentalism since 1945*, de Gary Haq e Alistair Paul (2012). Elas destacam não apenas os dados científicos da mudança, mas sua influência política, com o crescimento do movimento ambientalista e surgimento dos partidos verdes ao redor do mundo.

2.1.2. Ficção como fonte histórica

No segundo eixo, seguiremos os princípios descritos pelo historiador Peter Gay (2010). Usar uma obra ficcional como fonte histórica não é um movimento que possa ser feito sem cuidados, alerta o autor em seu livro *Represálias Selvagens*. É claro que desde o início do século passado não existe entre a maioria dos historiadores pretensão alguma de encontrar nas fontes uma revelação límpida do passado e mesmo relatos que se proponham reais, como uma narrativa jornalística ou um diário pessoal, também são embebidos em preconceitos e interpretações, mas a ficção apresenta dificuldades únicas, uma vez que não há pretensão de compromisso com a realidade da parte do autor.

Gay escreve sobre o romance realista do século XIX, particularmente sobre Charles Dickens, Gustave Flaubert e Thomas Mann, não a partir de seus métodos literários ou lugar na história da arte, nem buscando conhecimento edificador neles, mas sim como fontes para o historiador, procurando informações sobre a cultura da sociedade

em que foram escritos. As fontes de Gay consistem exclusivamente nos romances realistas, que se preocupavam em relatar costumes e detalhes da vida em suas épocas e assim assumem um valor específico para o historiador, quando, por exemplo, Flaubert narra os costumes de um casamento em *Madame Bovary*. Não porque seja verdade, se tratando de uma história inventada, mas sim porque há por parte do autor uma intenção de *verossimilhança*. Escrever ficção não é a mesma coisa que escrever história e, independentemente da vontade do autor, haverá uma distorção de imagens. Dessa forma, o autor afirma ser necessário, mais do que apenas estudar apenas o romance, prestar atenção em seu criador e na sociedade em que este se insere: tentar entender as motivações que levaram a existência da obra.

Para isso ele propõe três fontes de motivação a uma criação artística: a sociedade, a arte e a psicologia individual. A primeira diz respeito ao contexto histórico em que a obra foi produzida e deve ser estudada com o uso de outras fontes mais tradicionais e da produção bibliográfica; A segunda, ao lugar em que a obra se insere dentro de uma tradição artística, deve-se estudar o meio, o estilo e as influências sobre ela; E a terceira ao próprio autor, a sua biografia e psicologia que, segundo Gay, cumpre um papel duplo, pois é o artista que, através de sua cosmovisão, interpreta seu mundo e sua arte para conceber uma obra de ficção.

Em uma obra de ficção científica, que é o caso da maior parte das obras escolhidas para esta pesquisa, há uma clara diferença em relação ao romance realista: não há necessidade de verossimilhança, as amarras com a realidade são ainda mais soltas. Mas ainda assim as considerações de Peter Gay podem ser válidas em diversos aspectos, uma vez que qualquer romance, realista ou fantástico, é escrito por um sujeito histórico, inserido em uma tradição artística e cujas ideias e interpretações são indissociáveis de sua formação.

Para esta parte a análise de utopia, distopia e ficção científica, mesmo fora dos temas estritos deste trabalho, são necessários para compreensão das linguagens e imagens específicas dos gêneros. Referências úteis para este trabalho são, por exemplo, *Scraps of the Untainted Sky*, de Tom Moylan (2000) e *Archeologies of the Future*, de Fredric Jameson (2005).

2.1.3. Crítica do progresso

Podemos dividir o último e terceiro eixo em duas correntes críticas, uma no âmbito tecnológico e outra no âmbito econômico. Interconectadas em origens e frequentemente

em argumentos, ambas se opõem à ideia de progresso, seja como formulada pela modernidade cientificista de Francis Bacon, seja pelo capitalismo liberal de Walt Whitman Rostow, por exemplo (CONCEIÇÃO, 2016:13). Renato Dagnino (2011) explicita a relação intrínseca entre elas ao apresentar as classificações tradicionais da tecnologia – alta, de ponta – como manifestações de relações assimétricas de poder entre países centrais e países periféricos que favorecem os primeiros. Para ele, a própria representação do processo de desenvolvimento da tecnologia como progresso etapista reproduz o que chama de tecnociência capitalista.

Inspirado na teoria crítica da Escola de Frankfurt, Andrew Feenberg (2013) é um dos autores que contribuem com esse eixo. Ele questiona a ideia de neutralidade da ciência, que seria guiada puramente por critérios de eficiência em direção ao progresso, podendo ser usada para o bem ou para o mal por seres humanos, mas sempre apartada do mundo político. O autor propõe ao invés a Teoria Crítica da Tecnologia, em que o que conduz a construção de novas tecnologias não é a eficiência, o que é o mais avançado, mas estruturas políticas e sociais intrinsecamente conectadas. Outros autores, contribuem com a mesma ideia, como Renan Silva e Maria Costa (2014), para os quais a tecnologia se torna cada vez mais ao longo do tempo um tema da sociologia do século XX, tanto em suas origens como consequências. Ela se torna um tópico na agenda dos governos e no debate público, como fica evidente no caso das mudanças climáticas.

Já no âmbito econômico, diversos autores ao longo do século XX questionariam a ideia hegemônica de progresso dentro do sistema capitalista, que justificaria o colonialismo no início do século e o imperialismo cultural posteriormente e sempre o tratamento da natureza a partir de seu potencial de exploração e produção de riquezas. Diversos desses autores viriam de países periféricos, de uma perspectiva pós-colonialista, mas à medida que a seriedade da ameaça se evidenciava, ele passou a integrar o discurso político geral. Uma questão complexa, diversas propostas surgiram dessas discussões: entre as mais pessimistas que defendiam uma completa mudança de nossos parâmetros civilizacionais baseados no consumo e na produção de lixo e as mais otimistas que rejeitavam qualquer risco a partir da crença de que qualquer problema seria resolvido simplesmente pelo avanço tecnológico de produção energética mais eficiente. A ideia moderada de “desenvolvimento sustentável” emergiu vitoriosa como a mais universalmente aceita.

Também chamada de ecodesenvolvimento, essa é a vertente defendida pelo economista Ignacy Sachs (2008). Ele rejeita a ideia de crescimento zero ou decrescimento

porque manteria os países pobres na miséria e afirma que a conservação do ecossistema deve estar em harmonia com as necessidades produtivas dos povos, com o objetivo de um aproveitamento racional e sustentável da natureza, beneficiando a população local como uma estratégia de desenvolvimento. Coloca também importância crucial na participação democrática: para ele, a prioridade máxima pela vida digna de todos conduziria conseqüentemente a maior harmonia com a natureza

De acordo com José Veiga (2008) em seu livro *Desenvolvimento sustentável: o desafio do século XXI*, tanto o conceito de desenvolvimento, como de sustentabilidade ainda estão em disputa. Ele também apresenta as três vertentes e, embora também acabe pousando no caminho do meio, aponta a diferença de atenção que representantes dos outros dois recebem: Nicholas Georgescu-Roegen, um dos “profetas do desastre” que traz para a economia o conceito da segunda lei da termodinâmica de entropia, afirmando a incapacidade da manutenção do crescimento a longo prazo, recebe pouca atenção e é até evitado por alguns representantes da economia hegemônica, enquanto Robert M. Solow, que não vê ameaça alguma na natureza para o capitalismo é o contemplado pelo prêmio Nobel de economia de 1987.

Mais recentemente, com os frequentes fracassos do poder político em cumprir com suas metas dentro do “caminho do meio”, a crítica se volta para opções mais radicais. Serge Latouche, por exemplo, um crítico severo do produtivismo tanto do capitalismo como do socialismo real, considera “desenvolvimento” e “sustentável” oximoros, conceitos inconciliáveis. Ele propõe o decrescimento econômico, através de estratégias de desmonte do atual sistema (VARGAS, 2016:105).

Latouche coloca em questão mais do que simplesmente a visão de desenvolvimento como crescimento econômico. Ele pode ser encaixado entre os teóricos do chamado pós-desenvolvimento. Não se trata de uma teoria única, mas de uma crítica dos projetos desenvolvimentistas que causariam mais mal do que bem, ao propor uma organização social de cima para baixo, que trata os indivíduos como objetos (FREITAS, 2016:96).

Voltamos a unir as duas correntes críticas: o progresso é uma consequência da revolução científica e encontra seu sustento político e econômico nas mesmas crenças de Bacon e dos cientistas do século XIX quanto ao domínio da natureza, mesmo que problematizadas. Boaventura de Sousa Santos (2000) pode nos ajudar a entender essa relação a partir do que chama “razão proléptica”. Ela seria a face da razão indolente quando concebe o futuro a partir da *monocultura do tempo linear*: a hegemonização pelo

progresso, única possibilidade de linha do tempo. Para Santos, progresso como única possibilidade do futuro tira deste a dimensão do cuidado e planejamento, ele já estaria resolvido. Sua proposta de alternativa, a sociologia das emergências, é a investigação das alternativas que cabem no horizonte das possibilidades concretas: ela expande o presente ao colocar o domínio do futuro também nele através da nossa agência.

Esta ideia não é dessemelhante da proposta de Hans Jonas do princípio responsabilidade: considerar o alcance do *homo faber* empoderado pela tecnologia e trazer para o domínio da ética o futuro, abandonando a crença no progresso como destino manifesto da humanidade e, conseqüentemente, seu direito de dominação completa sobre a natureza.

2.2. Proposta e abordagem

Neste trabalho, propõe-se estudar percepções das crises ambientais a partir de sua representação em obras de ficção, uma vez que a iminência de um colapso é atualmente o maior desafio para a humanidade e concerne a todas as áreas do conhecimento. Conforme afirma Olga Pombo, certos temas devem ser tratados necessariamente de maneira interdisciplinar. Ela afirma que estes são:

Problemas grandes demais, problemas complexos, que se não deixam pensar em laboratório porque comportam um número enorme de variáveis, problemas que nenhuma disciplina está preparada para resolver. A juventude urbana, o envelhecimento, a violência, o clima ou a manipulação genética, por exemplo, são novidades epistemológicas a que só a interdisciplinaridade tem condições para procurar dar resposta. (POMBO, 2005)

Como se vê, é o caso do clima ou, mais amplamente, das crises ambientais. Baseadas em descobertas e análises científicas de diversas áreas de conhecimento como a Biologia, a Meteorologia e a Química, elas necessitam de contribuições das ciências humanas para compreendê-la em toda sua extensão histórica e global e, ainda mais importante, para pensar em formas de combatê-la. De acordo com Luiz Marques (2018), estas devem ser compreendidas como crises socioambientais, conectadas em suas origens e conseqüências ao sistema político e econômico produtivista moderno.

De forma semelhante, essas crises também têm implicações culturais, já que, progressivamente ao longo do último século, a partir do âmbito da discussão científica e política, o tema passou a integrar do imaginário popular, trazendo novos atores e novos problemas para a questão, que exigiam o olhar de novas áreas disciplinares.

Pesquisas anteriores se debruçaram sobre o tema, com as chamadas ficções climáticas sendo cada vez mais um objeto da crítica literária, sendo estudadas pelas suas

especificidades artísticas e por sua capacidade de refletir preocupações contemporâneas. O presente trabalho toma como objeto especificamente as distopias climáticas que podemos definir como obras ficcionais situadas em um futuro próximo ou distante que descrevam uma sociedade pior, de acordo com o autor, do que a do momento e local em que foi escrita e que tratem de questões ecológicas ou ambientais como o foco, ou um dos focos, da disfuncionalidade do seu mundo. Também se procura tratá-las historicamente, isto é, sua funcionalidade como fonte para esclarecer o contexto em que foram escritas e a sua mudança ao longo de determinada dimensão temporal.

Pergunta-se: como obras de ficção distópicas caracterizam as crises ambientais ao longo do último século? Esperamos reconstituir a história da percepção pública quanto às crises ambientais a partir de sua capacidade de inspirar narrativas ficcionais engajadoras e comparar as formas distópicas ao longo do tempo, identificando nelas críticas específicas ao paradigma propagado por Francis Bacon, do desenvolvimento tecnológico como ferramenta de domínio da natureza.

2.3. Seleção das obras

Para cumprimento desses objetivos, foram selecionadas obras ao longo de um amplo período de forma a melhor caracterizar o que muda e o que permanece nessas críticas. O momento em que foram publicadas é relevante para evidenciar entendimentos possíveis em relação ao tema naquele instante histórico, com propósitos distintos em cada ponto do trabalho.

No primeiro capítulo, intitulado “Antecedentes da distopia climática” nos debruçaremos sobre obras que, embora já formulem críticas sobre o otimismo tecnológico modernista e sobre a relação do homem com a natureza, ainda não colocam as mudanças climáticas como centrais em suas construções narrativas. Seu objetivo é tratar das tradições – históricas, literárias e ideológicas – que viriam a informar as distopias climáticas posteriores. Para começar, a novela *Coração das Trevas* de Joseph Conrad segue uma longa tradição de representação da natureza em obras de literatura. Escrita na virada do século XX, ela é uma voz dissidente em relação ao antropocentrismo e ao colonialismo que informavam a dominação da natureza então.

A anti-utopia *The Republic of the Future* de Anna Bowman Dodd foi selecionada devido a caracterização clara que faz de uma anti-utopia, se opondo diretamente às utopias típicas do final do século XIX, em que a confiança no potencial da tecnologia para resolver os problemas da humanidade conduziria esta ao fim da história. Ela

apresenta diversos criticismos ao pensamento utópico que seriam típicos, e nos ajudam a compreender a anti-utopia, conforme as definições de Tom Moylan.

No subcapítulo seguintes, as três obras selecionadas são fundadoras do gênero de distopia, além de também trazerem o dinamismo da relação entre civilização e natureza: *The Machine Stops* publicada por E.M. Forster em 1909, é uma das primeiras do gênero; *Nós* de Ievguêni Zamiátin, de 1922, seria profundamente influente nas distopias clássicas, como é o caso de *Admirável Mundo Novo* de Aldous Huxley, que receberá destaque particular para demonstrar como elas formulam críticas semelhantes a das anti-utopias, quanto ao desenvolvimento da tecnologia.

No segundo capítulo, “As primeiras décadas”, focaremos obras escritas após 1945, quando a crença no progresso se abala até mesmo nos círculos científicos. A discussão se torna mais abrangente, discutindo aspectos físicos, econômicos, políticos e culturais ao redor do tema ecológico e manifestando um temor concreto quanto ao futuro da humanidade dependente da tecnologia. A primeira obra selecionada é de 1952 *Os Mercadores do Espaço*, uma ficção científica de Frederik Pohl e Cyril M. Kornbluth. Situada no período pós-guerra de instabilidade política e macarthismo, ela apresenta o conservacionismo ambiental como o lado oposto ao capitalismo consumista, o que a torna particularmente interessante para esse trabalho.

As próximas obras selecionadas são de J.G. Ballard: *The Drowned World* e *The Burning World*. Apresentando um mundo apocalíptico em que a mudança climática conduziu a destruição da civilização humana, com uma subversão radical do antropocentrismo, os livros foram publicados em 1962 e 1964, período de conscientização quanto ao potencial da atividade humana de destruição da natureza graças a publicação do livro *Primavera Silenciosa*, de Rachel Carson. A antropogenia das crises no primeiro e no segundo livros reflete o debate.

Finalmente, no terceiro capítulo, intitulado “Uma preocupação global”, focaremos em obras publicadas a partir da década de 70, quando o escopo global e caráter convergente das crises ambientais, bem como sua antropogenia se tornam completamente evidentes e a distopia climática ganha mais volumes e popularidade. Neste período também se desenvolve o que Tom Moylan chama de distopia crítica e questões sociais serão explicitamente incorporadas no discurso dessas obras. John McCormick (1992) chama o ano de 1972 de o mais crucial para os movimentos ambientalistas e nesse mesmo ano é publicado o livro *The Sheep Look Up* de John Brunner, que demonstra muito bem

os diversos debates que ocorriam no mesmo período, entre os pessimistas *doomsday sayers* e os otimistas cornucopianos.

O último livro é escolhido pela mesma lógica, vindo em outro momento fundamental para compreensão pública das crises ambientais: *A Parábola do Semeador* de Octavia Butler foi publicado pela primeira vez em 1993 e incorporam as mudanças climáticas em um momento de triunfalismo capitalista. Ao partir do ponto de vista dos excluídos do sistema e construir uma utopia, a obra também se encaixa entre as distopias críticas, de acordo com a definição de Tom Moylan.

2.4. Análise das obras

A pesquisa foi qualitativa, bibliográfica e documental, com o uso de obras de ficção como fontes primárias às quais deverão ser acrescentadas outras obras literárias relevantes, bem como livros de divulgação científica, notícias, palestras, ensaios e entrevistas como fontes secundárias. As obras ficcionais foram analisadas conforme a proposta da tríade de fontes de Peter Gay: 1) Sociedade ou contexto histórico; 2) arte ou contexto literário e 3) psicologia do autor.

Para contextualizar historicamente as obras de ficção científica climática foi necessário examinar a história da difusão da crença nas mudanças climáticas antropogênicas. Diversos marcos são essenciais para este movimento, o já citado livro *Primavera Silenciosa* de Rachel Carson sendo um exemplo, e as conferências internacionais organizadas pelas nações unidas em 1972 e 1992, quando o tema entra definitivamente na discussão política e é amplamente divulgado na mídia. A iminência de um colapso climático começa a ganhar espaço no imaginário popular.

Além de ser um produto do seu contexto histórico, uma obra ficcional também é inserida em uma ou mais tradições literárias e compreender com quem o autor está conversando ou referenciando nela é igualmente essencial. Para estudar a ficção científica, a tradição da literatura de utopia e distopia, deve-se estar consciente de obras clássicas do tema, bem como análises da crítica literária, que podem incluir: *Utopia* (1516), de Thomas More, e *Looking Backward* (1888), de Edward Bellamy.

Finalmente, a psicologia do autor é, segundo Gay, a mais importante das três fontes, por ser a que codifica as outras duas, uma vez que diferentes indivíduos podem ter interpretações opostas mesmo dentro do mesmo contexto histórico e artístico. Dessa forma, deve-se investigar a formação e cosmovisão do autor é essencial para perpassar

um pouco de sua subjetividade na interpretação do problema da pesquisa. Para isso, é útil estudar sua biografia, demais obras, ensaios e entrevistas como fontes complementares.

3. ANTECEDENTES DA DISTOPIA CLIMÁTICA

O objeto de estudos desta dissertação são as distopias climáticas, que podemos definir como obras ficcionais situadas em um futuro próximo ou distante que descrevam uma sociedade pior, de acordo com o autor, do que a do momento e local em que foi escrita e que tratem de questões ecológicas ou ambientais como o foco, ou um dos focos, da disfuncionalidade do seu mundo.

Neste primeiro capítulo, as obras escolhidas não se encaixam exatamente nesse molde, ora despojadas do caráter futuroológico ora do tema ambiental. Seu objetivo é servir aos dois primeiros eixos da metodologia de Peter Gay, revelando tradições literárias e históricas que serviram de base para as obras que estudaremos posteriormente.

A primeira subseção discorrerá sobre como obras ficcionais retratam a relação do homem com a natureza antes da popularização do movimento ambientalista, em particular ao final do século XIX. A obra escolhida para um olhar mais atencioso é *O Coração da Trevas* de Joseph Conrad. Sua publicação em 1899, na virada do século, é relevante para a escolha, bem como sua importância fundamental para a literatura e a crítica incisiva, embora as vezes ambígua, da expansão colonialista. Em alguns trechos breves ela trata do futuro, mas não situa sua narrativa nele.

Cobriremos essa tradição na segunda e na terceira subseções do capítulo. Na segunda discorreremos sobre a utopia e a anti-utopia no século XIX, que refletem o otimismo ou o pessimismo de seu tempo e ajudam a compreender como construções imaginativas podem ser interpretadas como manifestações políticas. A obra escolhida para análise, *Republic of The Future* de Anna Bowman Dodd, publicada em 1885, é pertinente para o estudo por providenciar uma outra perspectiva crítica ao modernismo tecnicista, originária de um ponto de vista reacionário, que também pode ter produzido obras posteriores.

Na terceira subseção, entramos no século XX e estudaremos a distopia, que emerge então como gênero literário próprio, de acordo com Tom Moylan (2000). Investigaremos como a distopia formula críticas à sociedade industrial moderna e indica uma mudança de mentalidade quanto à relação do homem com a natureza e com a tecnologia. Nos debruçaremos sobre três obras fundadoras: o conto *The Machine Stops*, de E.M. Forster publicado em 1909 e os livros *Nós*, de Ievguêni Zamiátin e escrito entre 1920 e 1921, e *Admirável Mundo Novo*, escrito por Aldous Huxley e publicado em 1932.

3.1. Civilização contra Selvageria

Distopias climáticas são um gênero relativamente novo, mas a natureza tem sido um tema da literatura muito antes das preocupações ecológicas serem claramente formuladas e amplamente aceitas. Na Antiguidade, a natureza era vista como uma barreira imperturbável, grande demais para pertencer ao domínio do agir humano. Ainda que o homem fosse caracterizado como o mais excelente dos entes naturais, ele era ainda muito menor do que o todo natural (JONAS, 2006).

No século XVI ocorre a mudança essencial, que Luiz Marques (2018:597) caracteriza como da força centrípeta mediterrânea para a centrífuga norte-atlântica. A primeira se volta para dentro, para os costumes e o conhecido, suas histórias se baseiam em mitos de origem; enquanto a segunda se volta para fora, para o progresso e a exploração do desconhecido, se orienta por mitos do futuro, para a expansão de suas fronteiras. É claro que esta é uma generalização, uma tendência, e havia forças centrífugas de exploração e devastação da natureza no período antigo e no medieval, mas mesmo nos momentos de maior ímpeto expansivo – por exemplo, o império romano – as forças centrípetas de conservação do conhecido a limitavam. Não apenas através de limitações práticas, a capacidade da tecnologia de locomoção, por exemplo, mas também filosóficas: a completude era considerada uma virtude e aceitar os limites de seu papel social e natureza era incentivado.

Essa qualidade pode ser vista na construção física de suas cidades, com seu centro, a ágora, para onde a vida pública converge, e também na construção narrativa de suas histórias. A tragédia, uma das formas poéticas, é uma advertência contra o excesso: a *Ilíada*, por exemplo, não é uma guerra motivada por desejos de expansão ou conquista, mas para retomar a ordem. Similarmente, a *Odisseia* narra o retorno para casa e, na *Eneida*, o objetivo é refazer Troia, não construir nada novo. Para Marques (2018:605), o símbolo máximo dessa visão de mundo são as colunas de Hércules no limite oeste do Mediterrâneo, que nem o maior de todos os heróis ultrapassou, ponto final das viagens tanto em um sentido cosmográfico quanto filosófico-moral.

No século XVI, o significado das colunas se inverte: elas aparecem no emblema do rei da Espanha Carlos V com o lema “*plus ultra*”, ou “mais além”. Elas não são mais um limite duro da navegação, mas algo a ser ultrapassado quando a exploração marítima se torna desejável. A moral muda e o ímpeto é agora superior à prudência. *Os Lusíadas*

de Camões não narra a reparação ou retorno à ordem, mas a conquista do novo mundo e a superação dos antigos.

Entre os filósofos naturais, com o desenvolvimento de um novo paradigma epistemológico, a ideia de avanço, de descoberta do novo, definitivamente dominaria as mentalidades. Novamente, podemos destacar Francis Bacon como o autor que expressou essas ideias mais claramente. É o progresso da ciência e da tecnologia o que permite a mudança da relação do homem com a natureza. Tão significativo dessa mudança é o desenvolvimento do capitalismo, que precisa necessariamente se expandir: as expedições marítimas abrem novos mercados, a exploração da natureza é necessária para a coleta de matérias-primas e para sustentar o gasto energético de uma civilização cada vez mais tecnológica.

Nesse novo paradigma, a natureza não aparece simplesmente como uma barreira intransponível e imutável, da qual a civilização deve apenas se proteger, mas como algo a ser conquistado. A racionalidade eurocêntrica é tomada como a única epistemologia possível e seu modo de vida como, se ainda não o ideal a ser alcançado, em um estágio mais avançado que todas as demais. É a sua superioridade, garantida pela ciência e tecnologia, que justifica a dominação: outros povos e até mesmo a natureza não são outros domínios soberanos de existência, mas um estágio anterior do mesmo modelo de progresso. A novela clássica de Joseph Conrad *Coração das Trevas* apresenta e, ao mesmo tempo, se opõe criticamente a essa ideia.

Logo na primeira página da narrativa Londres, às costas do narrador sem nome, é descrita como a maior e mais ilustre cidade do mundo. Sua luz difusa brilha nos momentos antes da primeira hora da manhã, apresentando de cara a analogia presente em toda a obra: a oposição entre a luz civilizacional e as trevas da selvageria. O narrador e seus colegas estão situados no Rio Tâmisa, apresentado como uma conexão entre os dois mundos, de onde grandes homens do passado saíram para conquistar o mar e “navegaram no fluxo desse rio para o mistério de um mundo desconhecido! Sonho de homens, semente de nações, embrião de impérios.”

Já apresentando a atitude mais crítica do autor, o protagonista Marlow é cínico em relação a essas crenças: lembra esse entusiasmo como o sentia no passado, quando era uma criança fascinada com mapas, especialmente as partes não exploradas da África. Os trechos do livro que ocorrem na Europa nos dão pistas quanto ao espírito do tempo. A tia de Marlow está exultante, cheia de excitação pelo trabalho que arranjou para o sobrinho no barco: para ela, ele será um pioneiro com P maiúsculo, um apóstolo da luz do

progresso. Deixando claro que, embora hegemônicas, tais ideias não eram isentas de ceticismo, Marlow afirma que: “tais idiotices, nessa época, circulavam impressas ou oralmente e a boa mulher, vivendo em meio à torrente dessa impostura, empolgara-se”. A motivação pode ser baseada em ideias “científicas”, mas sua forma é claramente moral-religiosa: “resgatar aquelas milhões de criaturas ignorantes de seus horrendos costumes”. O sobrinho tenta lembrá-la sem sucesso que o objetivo da Companhia é o lucro.

A atitude dela é muito semelhante à de outra personagem que só encontramos no final da narrativa: a noiva da Kurtz. O tom de Marlow – e provavelmente do escritor – é condescendente e patriarcal. Para eles, mulheres no conforto da Europa estão fora da realidade. Seu mundo é tão lindo que, uma vez contraposto a fatos concretos, desmoronaria. Dessa forma, não é surpresa que, ao ter com a noiva de Kurtz um ano após a morte desse, ela ainda está de luto e vê seu prometido com adoração, como um homem perfeito e impossível de não amar. Marlow sente pena e não é capaz de quebrar sua ilusão, mentindo quanto às palavras finais de Kurtz.

Voltaremos a ela mais à frente. Cabe agora, no entanto, ressaltar uma outra figura na Europa. O livro não trata diretamente sobre ciência e tecnologia, a despeito da centralidade do conceito de progresso. Entretanto, um representante da classe intelectual aparece logo no começo: o médico que analisa Marlow antes de enviá-lo para a África. Ele pede permissão para medir o crânio de todos os seus pacientes cuidadosamente, antes de partirem e quando voltam da África, “no interesse da ciência”. Sua atitude é típica do século, em que a epistemologia científica supostamente oferece as únicas respostas possíveis para todos os problemas, sociais ou comportamentais.

A biometria, medição das características físicas para identificar os melhores membros da espécie humana, embora viesse a ser considerada uma pseudociência posteriormente, no século XIX recebia ampla aceitação da comunidade acadêmica, a partir das ideias eugênicas de Francis Galton (POLIAKOV, 1974). O objetivo deste era garantir o progresso da humanidade, a partir do controle da natalidade, estimulando a reprodução das melhores qualidades e impedindo a de características degenerativas (DEL CONT, 2008). A antropologia criminalista de Cesare Lombroso viria a utilizar os mesmos princípios para encontrar o que seriam características típicas de criminosos na Europa. Dessa forma, a figura do médico não é estranha e sua teoria de que o calor e a selva encolhem a cabeça dos colonizadores deixa evidente que, se na Europa há indivíduos geneticamente melhores que outros, os de outras partes do mundo são necessariamente inferiores.

Quando se refere a Bruxelas como um “sepulcro caiado”, Marlow deixa claro seu ceticismo quanto a esta superioridade. O termo é bíblico, presente em Mateus, 23:27, e se refere aos escribas e fariseus: estes se apresentavam como superiores e excelentes em sua religiosidade, mas não passavam de hipócritas, semelhantes a um sepulcro caiado, elegante e bem cuidado por fora, mas que dentro só contém podridão e decaimento. Dessa forma, décadas antes dessas ideias caírem em descrédito, Conrad ataca a filosofia sintética de Spencer: o etapismo histórico baseado na evolução social e civilizacional que justificaria a colonização através de conceitos como do Fardo do Homem Branco de Rudyard Kipling ou o Destino Manifesto do excepcionalismo americano. Talvez isso explique por que o livro alcançou pouco sucesso em sua própria época, mas posteriormente se tornou uma das obras mais importantes e estudadas da virada do século.

Se a relação de Marlow – e do autor – com a Europa é de cinismo, sua visão da África é complexa. Em oposição à luz europeia, a selva africana é treva: um domínio selvagem e desumanizante, onde a própria natureza tenta repelir os intrusos e o calor enlouquece as pessoas. No estilo quase impressionista de Conrad, as imagens aterrorizantes do silêncio cheio de expectativa ou do frenesi da selva, onipresente ao redor de seus exploradores, se alternam repetidamente à medida que este mundo, esse domínio, serve como antítese da civilização europeia. A intenção do livro parece ser, acima de tudo, acusar os horrores perpetrados pela colonização belga no Congo. Marlow narra as condições deploráveis dos trabalhadores que vê tão logo chega à África:

Vultos negros, apenas vislumbrados na claridade embaciada, jaziam entre as árvores, acorados, sentados, apoiando-se nos troncos, curvados para o chão, em todas as posturas de dor, do desespero e do abandono. (CONRAD, 1984:28)

Diante do seu sofrimento, não consegue vê-los como inimigos ou criminosos, mas como espectros da doença e da inanição. A caracterização dos nativos é problemática, como a crítica clássica de Chinua Achebe (1988) deixou claro em 1977. Eles são referenciados como selvagens, o oposto do europeu civilizado, canibais primitivos, cuja comunicação não passa de grunhidos e que estão mais próximos da natureza do que da humanidade dos brancos. Eles não passam de plano de fundo na obra, mais parte do cenário do que do elenco, um fragmento da selva. O racismo presente é inquestionável e a degradação que o colonialismo traz é terrível particularmente porque afeta o colonizador europeu, como deixa claro a trajetória de Kurtz.

Marlow gasta boa parte da narrativa desvelando as deficiências do empreendimento colonizador: as condições terríveis de vida, os atrasos constantes, a falta

de recursos, o caráter ganancioso e vulgar dos pioneiros. Nos interessam em particular, entretanto, as diferentes caracterizações da natureza dentro da obra: primeiro, como um obstáculo a ser ultrapassado pelo progresso; segundo, como um outro domínio de existência, no mínimo tão poderoso quanto a civilização europeia.

Sob o olhar de alguém experiente e cético como Marlow, o primeiro aspecto da referida caracterização soa muitas vezes como um subterfúgio, uma justificativa para a companhia que busca somente o lucro, mas também está presente na esperança quase religiosa de sua tia e de outros que nunca saíram da Europa, e no fanatismo de Kurtz, o mais excelente dos europeus. Este é mencionado primeiro quase como uma figura mística, um anjo, demônio ou homem de Marte, mas certamente um homem extraordinário, “mensageiro da piedade, da ciência, do progresso” (CONRAD, 1974:41) com uma capacidade sem igual para enviar marfim. Todos desejam agradá-lo, esperam que ele se torne administrador-geral em breve e realize grandes feitos. Ele representa o homem branco de Kipling, poderoso e capaz de dominar os povos inferiores e encaminhá-los em direção ao progresso:

Sua mãe era meio inglesa e seu pai meio francês. A Europa toda colaborara na confecção de Kurtz e não tardei em saber que, muito apropriadamente, a Sociedade Internacional de Supressão dos Costumes Selvagens havia-lhe confiado a elaboração de um relatório para sua orientação futura. (...) Era um texto eloquente, vibrante, por demais exasperado, penso. (...) Começava com o argumento de que nós, os brancos, em face do desenvolvimento que alcançamos, ‘devemos necessariamente surgir aos olhos deles (os selvagens) como seres sobrenaturais (...) pelo simples exercício de nossa vontade podemos empregar uma força ilimitada em favor do bem. (CONRAD, 1984:78)

O texto elaborado por Kurtz arrebatava Marlow, o faz estremecer de entusiasmo, mas nenhuma sugestão prática contém, exceto por uma nota insegura e rabiscada no final, que propõe “Exterminar todos esses bárbaros”. O narrador sugere que essa nota funesta foi escrita por um Kurtz já doentio e febril, mas ainda é claro que para o conquistador europeu as únicas opções são a submissão ou a morte.

Quando os exploradores sobem o rio e chegam ao posto avançado, eles encontram Kurtz quase morto, mas vivendo de acordo com suas palavras: os nativos fascinados o carregam em uma padiola e o tratam como um deus. O inesperado é que o fascínio é mútuo, quando encontramos a segunda caracterização da natureza: Kurtz não quer voltar. Ordena aos nativos um ataque contra o barco e se arrasta no meio da madrugada de volta para sua cabana. Ainda fala de seus planos de conquista grandiosos, mas está claramente enfeitiçado. O poderoso homem europeu se vê incapaz de resistir ao fascínio da selva, que o chama e o atrai para seu seio.

Quando o arrastam a contragosto, uma figura se destaca entre os nativos: uma espécie de feiticeira, mulher nativa magnífica. Marlow se refere a ela como a alma da selva, em claro contraste com a imaculada noiva de Kurtz que aparece posteriormente. No fim de sua vida, ele luta por dias, ainda insistindo em sua missão e quando finalmente morre suas famosas palavras finais são: “o horror, o horror!”. No final, a selva triunfa e o europeu mais exemplar é reduzido a não muito mais que seus compatriotas gananciosos. A última impressão de Marlow é que, fora sua voz magnífica, Kurtz não tem nada demais, e mesmo a excelência dos seus ideais parece questionável ao lidar com as riquezas exploradas. O narrador relembra ao voltar a Europa:

(...) uma sombra insaciável de aparências esplendorosas e aterradoras realidades; sombra mais escura que as sombras da noite e envolta nas dobras de uma deslumbrante eloquência. A visão pareceu adentrar a casa comigo: a padiola, os carregadores fantasmas, a selvagem multidão de dóceis adoradores, a penumbra das florestas, a cintilação do rio entre duas umbrosas curvas, o ritmo dos tambores, o coração da treva triunfante. Foi um momento de vitória para a selva, uma investida arrasadora e vingativa que, imaginei, precisava fazer recuar pela salvação de outra alma. (CONRAD, 1984:114)

Os tambores são uma imagem recorrente da selva, como um coração pulsante – o que reforça a crítica de Achebe de que os nativos são tratados como parte da natureza ao invés de indivíduos pensantes – das trevas impenetráveis. O ímpeto do progresso europeu, representado por Kurtz, é completamente derrotado. Os paralelos com a Europa são inegáveis: primeiro, o explorador ainda é visto com reverência, afinal ele era magnífico, atraente e dominante, mas retirada sua característica mais marcante, sua retórica impressionante, não sobra muito. Por fora incrível, mas por dentro podre, decaindo, como um sepulcro caiado. E, em segundo lugar, ele não é tão diferente de seus companheiros e tem a mesma força motriz de todo o empenho: trechos distintos falam como o homem refinado e racional muda diante do marfim, se tornando uma besta que ameaça até o seu jovem admirador russo. Até mesmo à beira da morte, ele manifesta a Marlow a preocupação com o marfim que capturou, e como deveria ser seu e não da companhia. Kurtz representa o melhor da Europa, sua ousadia, sua filosofia, racionalidade e retórica, mas também sua hipocrisia, sua ganância e, afinal de contas, sua impotência diante da natureza.

No trecho final, Marlow volta à Europa e vai ter com a noiva de Kurtz, um ser que brilha com pureza e fé. Sua crença no noivo é comovente e resoluto, mas para Marlow não passa de ingenuidade quase infantil. Quando ela clama que ele lhe revele as palavras finais de seu noivo, ele mente e diz que foi o nome dela. Revelar a verdade seria

absolutamente tenebroso. Se a feiticeira nativa representa o poder encantador da selva, a noiva de Kurtz representa a ignorância europeia em suas ideias de progresso.

Como se vê, a visão de Conrad não é a hegemônica, que vê acriticamente o direito do europeu ao domínio completo da natureza e dos outros povos, mas ela ainda pertence ao seu tempo e, embora ele seja um crítico do colonialismo – ao menos o colonialismo brutal dos belgas no Congo –, sua crítica não é, nem poderia ser, pós-colonial. Não apenas os apontamentos de Achebe tem valor aqui: o conceito de alteridade presente por exemplo nos escritos de Edward Said (2007) também nos ajuda a compreender do que exatamente Conrad está falando: ao olhar para o outro domínio, para as trevas, o autor ilumina a luz, revela as falhas e limitações da visão eurocêntrica de mundo. Ao ser usado como uma fonte histórica, conforme a proposta de Peter Gay, *O Coração das Trevas* não diz muito de substancioso sobre a África e as africanos, mas é rico e esclarecedor ao tratar do empreendimento europeu e de uma perspectiva europeia da colonização e dominação da Natureza.

Para Geoff Berry (2011), o que caracteriza *O Coração das Trevas* como uma ficção climática é a exposição por Conrad da verdadeira motivação dos colonizadores, mesmo o mais excelente dentre eles: a busca pelo lucro. O autor afirma que o impulso de modernizar, como manifesto por Kurtz e seus patrões, não pode ser desassociado do desenvolvimento tecnológico designado especificamente para lucrar a partir da exploração da natureza. A ideia de oposição entre Treva e Luz é propagada pelos colonizadores: diversos impérios se baseiam em uma busca simbólica pelo bem, verdade, ordem e abundância. A dominação é boa, justificada pela crença no progresso linear econômico e tecnológico. De acordo com essa visão – a primeira caracterização da relação civilização-natureza como vimos no livro – há apenas uma forma correta de viver e compreender o mundo, a epistemologia moderna europeia, e espalhá-la entre os povos envoltos em trevas é a missão divina dos pioneiros com P maiúsculo, como crê a tia de Marlow.

Não apenas Marlow, mas todos os trabalhadores que realmente vão para a África, não compram essa visão, mas sabem o que estão fazendo ali: os grandes discursos sobre penetrar as trevas com a luz da civilização como uma cruzada digna são designados para incentivar o apoio do público, acionistas e governantes, inspirados pelo fato de que as riquezas da África pagariam o espírito do capitalismo empreendedor (BERRY, 2011:84). Marlow afirma:

(...) Era tão irreal como todo o resto: o caráter pretensamente filantrópico do empreendimento, sua administração, o palavrório, a encenação de atividade. O único elemento real era o desejo de ser designado para um entreposto onde houvesse marfim, de forma que pudessem receber porcentagens. (CONRAD, 1984:40)

No mesmo sentido, a excelência de Kurtz por mais que seja destacada em seu amplo conhecimento e sua oratória, só tem valor porque ninguém negocia tanto marfim quanto ele. O ideal do valor superior da civilização sobre a natureza é questionado quando o empreendimento a que ele conduz se revela como pura luxúria mercantil. Para Berry, Conrad compreende que o mesmo empreendimento que propõe levar a luz, e criar uma utopia de abundância urbana modernista, arruína os meios de alcançá-lo, ao destruir os ecossistemas em seu caminho.

É por isso que *O Coração das Trevas* se revela tão útil e interessante ao presente trabalho. Outras obras propõem visões contra-hegemônicas da relação civilização-natureza, questionando inclusive o direito a dominação baconiano, mas ao destacar o capitalismo, a busca pelo lucro, como o fator fundamental para compreender essas relações de dominação e devastação, Conrad adianta críticas de autores como Feenberg e Luiz Marques, essenciais para esta pesquisa.

3.2. Utopia e anti-utopia

Se na primeira seção deste capítulo cobrimos uma obra que, embora não trate do futuro ou apresente uma sociedade imaginária, apresenta diferentes formas da relação homem-natureza, nesta faremos o oposto: a obra a ser estudada não trata do clima especificamente, mas se insere na tradição literária de utopia e distopia. Nosso objetivo é apresentar as bases do segundo atributo do tema principal deste trabalho, as distopias climáticas.

De acordo com Elton Furlanetto (2012:307), a formulação de utopias se estende por vários séculos, mas que tem ganhado análises e sistematizações acadêmicas nas últimas décadas. Manifestando-se em três direções – pensamento ou filosofia utópica, literatura utópica e movimentos comunitários –, conforme a divisão de Sargent (MOYLAN, 2000:91), ao conceber lugares e tempos imaginários, a utopia revela grande potencial subversivo em explorar possibilidades de organização social e política que não são, não existem no mundo, apontando assim deficiências no sistema vigente e possíveis direções de melhora.

Muitos autores apontam na *República* de Platão (1987) o primeiro modelo de uma sociedade inexistente como uma forma de discutir a existente e propor alternativas. O

exercício filosófico de imaginação ocorre a partir do segundo livro da obra quando Sócrates debate com seus jovens interlocutores a respeito da justiça. O filósofo afirma que ela é desejável não apenas em si mesma, mas também pelos resultados que produz e, ao ser recebido com ceticismo, propõe investigá-la a partir do estado inteiro para só depois aplicar os mesmos princípios ao indivíduo particular. Passam então a discutir a formação de uma cidade, desde o motivo de sua origem até a sua organização política e social. Além da profissão dos agricultores, artífices e assalariados, divididos de acordo com a propensão natural de cada um, ele se debruça particularmente sobre a classe dos militares e dos guardiões, estadistas e legisladores da cidade.

Para estabelecimento de uma cidade ideal, diferente da de seu tempo que promovia injustiças, Sócrates reforça a importância de uma educação controlada pelo Estado: as histórias deveriam ser censuradas desde as fábulas infantis, omitindo aquelas que mostram os deuses como entes enganadores e injustos, a música, a alimentação, a ginástica, tudo deveria ser estritamente controlado, promovendo assim o modelo de cidadão desejável. No quarto livro, a analogia é concluída com a compreensão de que a justiça na cidade é que cada um faça aquilo para o que a natureza o dotou (PLATÃO, 1987:110).

A obra retorna ao seu objeto inicial em seguida, mas podemos ler esses trechos como um exemplo antigo de pensamento utópico, apresentando uma sociedade imaginária que o formulador considera superior, mais desejável, do que a existente em que vive. Apenas no século XVI, entretanto, que o tema receberia seu nome e forma literária através da obra *Utopia*, de Thomas More. A obra faz referência direta a Platão, sendo este a grande inspiração de Rafael Hitlodeu, narrador da estrutura da ilha Utopia.

A primeira parte do livro serve para estabelecer a verossimilhança do personagem, e conseqüentemente a de seu relato, e deixa explícito o caráter de crítica social da obra: a versão fictícia de More, impressionado com a sabedoria e eloquência de Hitlodeu, afirma que suas ideias seriam muito úteis ao Estado, mas em tom irônico. Diz que os princípios que governam a organização política europeia são tão opostos aos seus e tão completamente enraizados que seria como falar a surdos. Ele afirma: “Estou certo, meu caro More -para dizer exatamente o que penso - de que onde existe a propriedade privada, onde o dinheiro é a medida de todas as coisas, não é possível governar de forma justa e próspera.” (MORE, 2004:41) More confirma essa suposição ao questioná-lo, argumentando que uma sociedade onde todos os bens fossem comuns seria inviável ou miserável: sem motivação de gerar abundância para si os homens não trabalhariam, sem

autoridade de um homem sobre o outro, eles se digladiariam em guerras. Rafael compreende suas dúvidas, mas tem evidências de que tal sociedade não apenas é possível como, de fato, já existe:

Se tivésseis estado comigo no país de Utopia, se tivésseis visto seus costumes e suas instituições como eu, que lá passei mais de cinco anos - e que jamais teria consentido em sair, o que só fiz para revelar sua existência ao mundo - enfim, se tivésseis visto esse lugar, reconheceríeis, sem hesitação, que não pode haver outro povo tão bem governado. (MORE, 2004:44)

Inicia então o seu relato que ocupa a segunda parte do livro. Vemos, portanto, que desde as suas origens as utopias têm como objetivo criticar a sociedade em que vivem seus formuladores, ao mesmo tempo indicando que alternativas são possíveis. Revela-se assim seu caráter potencialmente subversivo ou, no mínimo, progressista.

A segunda opção é o caso da maior parte das obras produzidas no século XIX, quando o gênero cresce imensamente em volume e popularidade. De fato, é neste período que o termo “utópico” assume um caráter conotativo para pensadores revolucionários, a partir dos escritos de Karl Marx e Friedrich Engels em suas críticas à filosofia idealista da Alemanha de sua época (MARX; ENGELS, 2007). No Manifesto Comunista (MARX; ENGELS, 2005:67), os autores defendem a tese de que o socialismo utópico é expressão de setores mais ou menos reacionários, tais como a pequena burguesia. Tal vertente consiste em mudanças graduais a partir de uma ideia de progresso civilizatório, rejeitando mudanças radicais da sociedade. Não é um movimento limitado à literatura, haja vista partidos políticos e propostas experimentais, como as de Charles Fourier. Dentro do gênero literário, poucos autores tiveram tanto alcance quanto Edward Bellamy com seu livro *Looking Backward*.

O caráter reformista do pensamento de Bellamy é evidente em seu histórico de ativista: ele apoiava as causas trabalhistas e sufragistas, mas não gostava dos grupos violentos, como os anarquistas, de cujos atos resultava uma imagem desfavorável para todo o movimento. De acordo com Vasconcelos (2013:251), ele afirmava que seu romance pretendia ser uma previsão séria do próximo estágio de desenvolvimento social e industrial da humanidade. Como os exemplos anteriores, sua obra ainda é uma crítica dos problemas e limitações da sociedade vigente, mas sua utopia é colocada no futuro porque, de acordo com o otimismo típico do século, mais do que viável ela se apresenta como uma realidade vindoura.

O progresso, seja como possibilidade seja ideia hegemônica, é fundamental para a formulação de utopias: o exercício seria em vão se não houvesse por parte do autor algum nível de confiança em uma alternativa melhor à realidade concreta do mundo. Daí

surge a oposição mais antiga e fundamental ao pensamento utópico: o ceticismo quanto à sua viabilidade. A anti-utopia, oposição satírica e crítica a um projeto utópico, é tipicamente conservadora. Para Sargent, ela manifesta uma ideologia semelhante à do pecado original presente em Agostinho (MOYLAN, 2000:156): o homem é mau por natureza e incapaz de criar uma sociedade melhor. Kumar a compara ao pragmatismo inglês: sua desconfiança quanto a mudanças e seu medo do totalitarismo que pode surgir de um estado maior refletem as críticas da obra clássica de Edmund Burke *Reflexões Sobre A Revolução Na França*, fundadora do conservadorismo moderno.

Distinguiremos posteriormente a anti-utopia enquanto temperamento social, conforme termo de Sargent, da distopia enquanto gênero literário, que pode manifestar tanto ideais utópicos quanto anti-utópicos. Entretanto para melhor definir a anti-utopia, em suas críticas a um projeto utópico específico e conservadorismo intrínseco, passaremos a analisar como exemplo a obra *The Republic of the Future*, de Anna Bowman Dodd.

Publicado originalmente em 1885, o livro imagina os Estados Unidos 200 anos no futuro: um país que, após guerras civis e sua destruição quase completa, instaurou o socialismo perfeitamente funcional. A narrativa é desenvolvida em forma de cartas escritas pelo nobre sueco Wolfgang para seu amigo Hannevig, em que descreve suas impressões do país socialista. A primeira coisa que chama sua atenção é o tamanho colossal da cidade e a automatização quase completa da vida, já que, considerado degradante, o trabalho braçal foi proibido por lei. Nos primeiro três dias, sendo cuidado e alimentado no hotel, o narrador não vê nenhum humano. O avanço tecnológico do país socialista é inegável: há máquinas para realizar todos os trabalhos domésticos, para alimentar a população, produzir todos os bens e víveres e os cidadãos não precisam trabalhar mais do que duas horas por dia.

Wolfgang não considera positivamente o avanço tecnológico, entretanto. Logo após seus apontamentos sobre tecnologia, o que mais imediatamente chama sua atenção é a monotonia e o embotamento, tanto da cidade quanto de seus habitantes. Tudo é igual em toda parte, a arquitetura e decoração das casas, todas sem nenhum jardim, também considerado trabalho pesado, todo mundo veste as mesmas roupas e tem o mesmo trabalho, que consiste em não mais do que apertar alguns botões. Existem bibliotecas, museus, teatros e templos éticos, criados para substituir as igrejas, mas mesmos estes não têm gosto arquitetônico nenhum, já que apenas a eficiência foi considerada em sua

construção. O ambiente monótono produz, conseqüentemente, pessoas entediadas, sem motivação alguma:

To connect the word enjoyment with the aspect of these serious socialists is almost laughable. A more sober collection of people I never beheld. They are as solemn as the oldest and wisest of owls. They have the look of people who have come to the end of things and who have failed to find it amusing. The entire population appear to be eternally in the streets, wandering up and down, with their hands in their pockets, on the lookout for something that never happens. What indeed, is there to happen? Have they not come to the consummation of everything, of their dreams and their hopes and desires? A man can't have his dream and dream it too. Realization has been found before now, to be exceedingly dull play.¹ (DODD, 2008:8)

Na terceira carta, Wolfgang narra sua conversa com uma mulher, a filha de um dos residentes com quem ele deveria conversar para escrever seu relato. O homem não estava em casa, como quase nunca ninguém está, mas sua filha estava mais do que disposta a responder suas perguntas. Após revelar outro dos aspectos maçantes da vida ali – a comida desidrata produzida em massa que vem em tubos de Chicago e que comem sem prazer, enquanto andam ou fazem outras atividades – a jovem mulher demonstra desejo de ter vivido no século XIX, com longos jantares e flertes, com uma vida doméstica onde ela pudesse cuidar de sua casa e seu marido. Ela se resigna, entretanto, com a justificativa do Estado de que acabar com as tarefas domésticas foi essencial para a emancipação da mulher, atrasada em centenas de anos pelo prazer que as esposas tinham em cozinhar para os maridos, dificuldade superada apenas com o desenvolvimento das novas tecnologias, capazes de realizar a manutenção da casa.

Dodd é claramente uma crítica do movimento feminista e o papel da mulher e do homem na sociedade socialista é um tema recorrente da obra. Wolfgang narra que faz duzentos anos que acabou a diferença entre homens e mulheres na América do Norte. O país parece ser agora ocupado por mulheres: estão em todos os postos burocráticos ou comerciais. Homens são poucos e menos importantes, sendo superados em uma razão de 1 para 10 entre os que votam. Com seu novo poder, mulheres aboliram os serviços domésticos e a servidão, contando com as máquinas para substituí-las. O único problema a ser superado quanto à diferença de gêneros era o parto, já que apenas as mulheres ficam

¹ Em tradução do autor: “Conectar a palavra prazer com o semblante desses socialistas sérios é quase risível. Eu nunca vi uma coleção mais sóbria de pessoas. Eles são tão solenes quanto as mais velhas e sábias das corujas. Eles têm a aparência de pessoas que chegaram ao final das coisas e que falharam em achá-las divertidas. Toda a população parece estar eternamente nas ruas, vagando para cima e para baixo, com as mãos nos bolsos, esperando por algo que nunca acontece. O que, de fato, tem para acontecer? Não chegaram eles a consumação de todas as coisas, dos seus sonhos e suas esperanças e seus desejos? Um homem não pode ter seu sonho e ainda sonhá-lo. A realização se descobriu agora ser extremamente enfadonha.”

grávidas e o melhor que conseguiram fazer foi tirar os bebês dos pais assim que nasciam, para ser educado pelo Estado como cidadãos exemplares. O “Lar” (*home*, no original) deixou de existir: não há crianças, não há servos, homens e mulheres estão com mais frequência fora de casa, em atividades comunais, come-se em qualquer lugar. Não há mais marido e esposa, mas dois camaradas, cidadãos com as mesmas responsabilidades e deveres.

O narrador lastima essas mudanças, já que com elas, todos os ideais de amor e atração morreram entre os sexos. Wolfgang acredita que para despertar esses sentimentos são necessários oposição, dificuldade, esforço e, se homens veem mulheres como suas iguais em tudo, não se gera mais nenhum desejo. A autora viveu ao longo do século XIX, tendo nascido em 1858, e viu a emergência da chamada primeira onda do feminismo. Revelando ideais conservadores semelhantes aos de Burke, ela indica na obra que mesmo mudanças reformistas, como o sufrágio feminino, podem revirar completamente a ordem social a longo prazo, que há valor nas falhas de como as coisas são tradicionalmente e que a revolução contém o risco de gerar algo muito pior. Esse é o “temperamento social” da anti-utopia.

Nas próximas duas cartas, Wolfgang manifestará claramente dois argumentos recorrentes das obras de anti-utopia. Na quinta, ele conta a história de como o país socialista veio a ser: inicia-se com conflito entre republicanos e os socialistas e anarquistas em 1900, um embate existente no momento da escrita do livro. No livro os republicanos, também chamados de americanos – já que as doutrinas socialistas e anarquistas vêm do estrangeiro – são apresentados como benevolentes e pacíficos, que apenas reagiram às demandas cada vez mais pesadas de seus inimigos. Eles começam vencendo a guerra, mas anarquistas usam explosivos para dinamitar cidades e exércitos inteiros, demonstrando mais uma vez a profunda associação que a autora faz entre anarquistas e a tecnologia emergente. Afirma que isso não era um problema para eles já que pretendiam construir uma nova sociedade do zero e, assim, não se importavam em desmantelar completamente a anterior. Sob caos e destruição, houve contenda entre as diferentes facções, devido ao fato de serem de diferentes nacionalidades, irlandeses e alemães. Não foi, portanto, um processo fácil e pacífico, mas extremamente violento e que conota a profunda falha – e até o horror – das ideologias revolucionárias como eram expressas no período da autora. Wolfgang narra:

The Anarchist’s war-cry had been, as you remember — Away with private property! away with all authority! away with the State! away with all political machinery! But now the leaders discovered that a belief in the reign of anarchy

was one thing, and its practice was quite another. For a time, as you know, there was a terrible period of disorder, during which the grossest excesses were practiced under the name of "Perfect Individualism," "a common property, common freedom, common distribution for all." After a few years of the wildest indulgence, rapacity, crime, and cruelty — for, of course, there being no government, there could be neither restraints imposed nor crimes punished — the people themselves at last began to cry aloud for some form of government which should include at least order and decency.² (DODD, 2008:18)

Como se vê, a própria essência da ideologia anarquista é criticada como irrealizável, repulsiva e irracional. Trata-se do primeiro e mais básico argumento contra a utopia, manifesto pelo Thomas More ficcional de "A Utopia": na crença de seus proselitistas uma coisa, na prática outra completamente diferente. Mas a narrativa continua e da desgraça emergem os socialistas, escolhidos para reconstruir o país em uma experiência única na história, excepcionalmente privilegiada: "um continente inteiro ao seu dispor, seus inimigos todos mortos ou exilados e todos unidos em um único interesse político". Nunca houve melhor chance para construção de uma sociedade ideal. Como se chegou a partir disso ao país de pessoas melancólicas e apáticas, sem prazer nenhum na vida, é o que a próxima carta narra, no segundo argumento recorrente contra a utopia.

Em sua penúltima carta, Wolfgang chega a duas conclusões quanto aos habitantes do país, tentando entender como aquelas pessoas que possuem tudo o que um indivíduo pode desejar, são tão infelizes. Primeiro, elas sentiriam falta do trabalho duro. O avanço da tecnologia que deveria elevar a humanidade para um novo patamar de excelência, ao libertá-la da necessidade de gastar tanto tempo produzindo seus meios de vida, na verdade incentivou a preguiça e a acomodação excessivas. Aqueles que queriam usar seu tempo para autoaperfeiçoamento tiveram que ser impedidos pelo Estado, já que o aprimoramento pessoal implicaria a criação de classes distintas, uma ameaça ao sistema vigente.

A segunda conclusão é que os engenheiros do país socialista ignoraram os princípios da natureza humana que conduzem ao progresso: o esforço, a ambição de

² Em tradução do autor: "O grito de guerra dos anarquistas era, como você se lembra: Fora com a propriedade privada! Fora com toda autoridade! Fora com o Estado! Fora com toda maquinaria política! Mas agora os líderes descobriram que a crença no reino da anarquia era uma coisa, e sua prática era outra bem diferente. Por algum tempo, como você sabe, houve um período terrível de desordem, durante o qual os excessos mais flagrantes foram praticados sob o nome do "Individualismo Perfeito", "a propriedade comum, liberdade comum, distribuição igual para todos". Após alguns anos das mais selvagens indulgência, rapacidade, crime e crueldade - pois, é claro, não havendo nenhum governo, não poderia haver também restrições impostas nem crimes punidos - as pessoas começaram a clamar por alguma forma de governo que deveria incluir ao menos ordem e decência."

superar os outros e se tornar superior. Sem competição, todo aspecto de criatividade e grandeza humana desapareceram:

With the abolishment of competition have died out, naturally, all the prizes and rewards in life which came from individual struggle. As accumulation of personal property, in lands or in moneys, and the possibility of personal advancement are forbidden by law, under this form of government, all incentives to personal activity have disappeared. The law of equality, with its logical decrees for the suppression of superiority, has brought about the other extreme, sterility. The crippling of individual activity has finally produced its legitimate result—it has fatally sapped the energies of the people.³ (DODD, 2008:22)

Este é o segundo argumento da anti-utopia satírica: ela se opõe a um projeto utópico, não porque ele é incompetente ou se move em uma direção inesperada ou indesejada, mas porque mesmo o seu êxito, uma sociedade ideal e sem problemas, não seria desejável. Aqui Wolfgang vai além das críticas do Thomas More ficcional: não é a viabilidade do país socialista que ela questiona, afinal ele está ali concretizado e perfeitamente funcional. Todas essas dificuldades, todas as guerras e instabilidades políticas narradas na última carta, já foram superadas através da tecnologia e da engenharia social. É o passo seguinte, o argumento após o relato de Rafael Hitlodeu, que está sendo questionado: resolvidos todos os problemas, alcançadas a paz e a funcionalidade total, nem assim se alcança a felicidade. Pelo contrário, cria-se a sociedade mais miserável de todas, que anseia por qualquer acontecimento, qualquer tensão.

Na última carta, após narrar como os socialistas tiveram que substituir as festas e a religião tradicional por rituais em “Templos Éticos”, baseados nos escritos de Henry George, Wolfgang tem mais uma conversa com a mulher da segunda carta e a convida para voltar a Suécia com ele. Ela suspira e murmura, lamentosamente, que é proibido viajar, mas que gostaria. Cansada da sociedade perfeita, ela anseia por uma cheia de falhas como a dele, ou como a da autora. Ansiedade semelhante se fará presente em diversas das obras clássicas de distopia que surgiram no século seguinte.

3.3. Distopia e Ficção Científica

A anti-utopia surgiu junto com o pensamento utópico, sendo um produto deste: existindo ideias progressistas de uma sociedade melhor, superior à vigente, críticas

³ Em tradução do autor: “Com a abolição da competição morreram, naturalmente, todos os prêmios e recompensas na vida que vinham da luta individual. Como a acumulação de propriedade pessoal, em terra ou dinheiro, e a possibilidade de avanço pessoal são proibidos por lei, sob esta forma de governo, todos os incentivos de atividade individual desapareceram. A lei da igualdade, com seus decretos lógicos para a supressão da superioridade, trouxe o outro extremo, esterilidade. O aleijamento da atividade individual finalmente produziu seu legítimo resultado: tem minado fatalmente as energias do povo.”

quanto a viabilidade e/ou desejabilidade dela serão formuladas, ocasionalmente em formato narrativo. A distopia, por sua vez, emerge como gênero literário no início do Século XX, de acordo com Tom Moylan (2000:12), não pertencendo necessariamente nem a anti-utopia nem a utopia (ou eutopia, termo que designa especificamente uma utopia positiva). A anti-utopia é normalmente conservadora ao rejeitar a possibilidade de qualquer mudança positiva enquanto a distopia faz a ponte entre utopia e anti-utopia ao mostrar os riscos presentes em tendências potenciais ou em ação na sociedade vigente. A utopia, ao menos em sua versão do século XIX, tem tendências progressistas reformistas, enquanto a distopia por natureza não é reformista, já que reflete o mal social e ecológico em seu caráter sistêmico. Assim, as conclusões de uma distopia específica podem ser tanto utópicas, anti-utópicas ou algo intermediário.

Ela se caracteriza por imaginar sociedades que são ainda piores do que aquelas em que o autor situa-se, sendo produto, não de projetos teóricos específicos, mas dos terrores concretos do seu tempo: o desenvolvimento de tecnologias cada vez mais destrutivas ou, no mínimo, mais invasivas no modo de vida humano; o capitalismo colonialista e globalizado; e o avanço do totalitarismo. Essas preocupações típicas do mundo contemporâneo com a visão voltada para o futuro evidenciam a profunda conexão entre o gênero distópico e a ficção científica.

Obras consideradas de ficção científica já existiam desde o século passado, como o livro fundador, *Frankenstein*, de Mary Shelley ou os dos autores pioneiros Júlio Verne e H.G. Wells, que se inspiram na criação de novas tecnologias para produzir o cerne criativo de suas narrativas ficcionais. No século XX, entretanto, o gênero torna-se um dos mais populares e inovativos, tanto na cultura popular como na literatura.

A conexão com as concepções utópicas e distópicas é evidente: a construção narrativa em um ambiente estranho, alheio ao leitor, exige perguntas básicas, coloca o *background* como o *foreground*, já que tudo deve ser revelado e explicado aos poucos. Para Tom Moylan (2000:26), esse *worldbuilding* inerente do gênero é seu aspecto de maior potencial subversivo. Ao mostrar seu mundo como “outro lugar”, como um espaço fora da realidade concreta, mas que ao mesmo tempo compartilha certos critérios epistemológicos e cognitivos com o do leitor, uma obra de ficção científica desafia o leitor a colocar de lado suas pressuposições, ideologias e convenções.

São temas recorrentes em obras de ficção científica a alienação e a descoberta. Seus protagonistas frequentemente pertencem a outra realidade, devem explorar o mundo estranho e, revelando desigualdades as e violências dentro das convenções destas

sociedades, se juntam a grupos oprimidos para combater essas injustiças. Darko Suvin investiga como a ficção científica negocia a relação entre o mundo do autor e este mundo criado e, assim, pode gerar reflexões sobre o primeiro a partir do segundo. Ele apresenta duas formas que isso pode acontecer: primeiro, através da extrapolação de uma tendência do mundo real, por exemplo o totalitarismo e estado de vigilância em *1984*; segundo, através de uma analogia, ao mesmo totalizante e individual, por exemplo *Solaris*, de Stanisław Lem (MOYLAN, 2000:65).

Suvin usa os conceitos de “*cognitive strangement*”, ou estranhamento cognitivo, e de *novum* para caracterizar o gênero de ficção científica. O primeiro se refere ao olhar paradoxal exigido do leitor, ao mesmo tempo de estranhamento e que reconhece uma lógica familiar, cognitiva, nas condições estabelecidas pela narrativa. Esse olhar seria desalienante na medida que permite pensar realidades que normalmente seriam consideradas inconcebíveis, até tabus. Já o segundo diz respeito a própria estranheza, este encontro com o incrível dentro do sistema de regras científicos em que o gênero opera e subverte, em diferentes medidas.

Uma obra fundadora do vínculo entre ficção científica e distopia é o conto *The Machine Stops*, escrito pelo ensaísta britânico E.M. Forster e publicado originalmente em 1909 no *The Oxford and Cambridge Review*.

A primeira frase da obra, “*Imagine, if you can*”, explicita as características que Suvin destaca na ficção científica: essa exigência feita ao leitor de se afastar momentaneamente de sua própria realidade para conceber uma outra. O conto apresenta um mundo onde todos os aspectos da vida humana são mediados pela tecnologia, semelhantemente ao país socialista descrito em *The Republic of the Future* de Anna Bowman Dodd, mas em nível ainda mais elevado. A protagonista Vashti vive, como todos os outros habitantes de sua sociedade, em um hexágono semelhante ao de uma colmeia de abelhas abaixo da superfície da Terra. A onipresente Máquina responde prontamente a qualquer necessidade física ou mental com um toque de botão, todo o necessário é trazido até os moradores e ninguém precisa sair de seu espaço. Por exemplo, ninguém vai tomar um ar fresco, mas um sistema mecanizado troca o ar de seus quartos. Forster descreve as relações humanas de forma quase profética: pessoas se comunicam facilmente com milhares de pessoas em qualquer parte no mundo através de transmissores de imagem e som, mas raramente existe contato pessoal.

A Máquina, com M maiúsculo, é o grande sistema centralizado que resolve todos os problemas da sociedade e responde a todas suas expectativas, como um deus: ela é

onipresente, provê e protege a todos, pune os dissidentes, seus manuais técnicos são lidos como se fossem a Bíblia e, em certo ponto da narrativa, o seu culto é admitido como a religião do Estado. Até esse ponto, a obra pode ser considerada uma anti-utopia muito semelhante ao livro de Dodd, em que a solução dos problemas pela via técnica não produz a felicidade plena como acreditavam os filósofos do século XIX, mas inquietude e insatisfação, presentes na figura de Kuno, filho de Vashti.

Kuno é o personagem dissidente, desalienado, recorrente em obras de distopia. Um atleta natural, ele se sente inquieto no espaço limitado de seu hexágono e anseia por visitar a superfície, atividade controlada estritamente. Ele conta à mãe como fez exercícios em casa e conseguiu achar um caminho por dentro dos túneis até à superfície, onde descobriu que existe gente morando e que o ar é respirável, mas acabou sendo capturado pelos tentáculos da Máquina e confinado novamente.

É também Kuno o primeiro a perceber que a Máquina está começando a falhar, ou melhor, o primeiro que vê as evidências como sinais de deterioração ao invés de aceitar as justificativas do Estado. A narrativa se afasta da anti-utopia tradicional e se torna um conto de ficção científica apocalíptico quando o mundo começa a ruir: a música se torna dissonante, aparelhos de comunicação falham, comidas têm gosto estranho, camas não aparecem quando os moradores apertam o botão corresponde. Quando a Máquina finalmente para, conforme o título, o silêncio absoluto choca os habitantes, acostumados desde o nascimento ao murmurar dos mecanismos ao seu redor. Eventualmente vem a escuridão completa e, em seguida, a destruição, quando os túneis desabam sobre a civilização da Máquina e seus moradores.

Alguns temas são recorrentes na obra como contraposição ao *establishment* da sociedade da Máquina: a relação de afeição e o ocasional conflito entre mãe e filho de Vashti e Kuno em oposição às palestras cordiais mediadas pela tecnologia e o sistema de procriação utilitarista; o desejo de atividade e aperfeiçoamento físicos de Kuno ao invés das pesquisas excessivamente especializadas e inúteis com que todos os bons cidadãos gastam o seu tempo e da inércia causada pela automatização de todas as atividades produtivas; Por fim, e mais relevante para o presente trabalho, a contraposição entre a sociedade civilizada da Máquina e a superfície selvagem. O confronto eterno, de que tratou Conrad em *O Coração das Trevas*, parece resolvido para Vashti no começo da história:

Night and day, wind and storm, tide and earthquake, impeded man no longer. He had harnessed Leviathan. All the old literature, with its praise of Nature, and its fear of Nature, rang false as the prattle of a child.⁴ (FORSTER, 1909:7)

Mas a experiência de Kuno na superfície deixa claro que o outro lado não morreu, que outra forma de existência é possível. O dissidente conta à sua mãe que em sua viagem ilegal descobriu que o ar é respirável e existe vida na superfície, vida selvagem, mas organizada. No final da obra, quando o mundo está acabando e os dois protagonistas se encontram pela última vez, Vashti desesperada pergunta para o filho:

“But Kuno, is it true? Are there still men on the surface of the earth? Is this — this tunnel, this poisoned darkness —really not the end?”

He replied:

“I have seen them, spoken to them, loved them. They are hiding in the mist and the ferns until our civilization stops. Today they are the Homeless—tomorrow—”

“Oh, tomorrow—some fool will start the Machine again, tomorrow.”

“Never,” said Kuno, “never. Humanity has learnt its lesson.”

As he spoke, the whole city was broken like a honeycomb. An air-ship had sailed in through the vomitory into a ruined wharf. It crashed downwards, exploding as it went, rending gallery after gallery with its wings of steel. For a moment they saw the nations of the dead, and, before they joined them, scraps of the untainted sky.⁵ (FORSTER, 1909:25)

Este trecho indica, de acordo com Moylan, a distinção entre distopia e anti-utopia ao abrir espaço para a esperança, para o aprendizado e progresso da humanidade e para um modo de vida que não é nem o utópico, onde todos os problemas foram resolvidos, nem o do mundo do autor, onde este já vê as tendências que extrapola na obra. Kuno crê que os homens conhecem agora o potencial destrutivo de sua tecnologia e serão capazes de criar uma sociedade melhor, equilibrada. Forster se baseia em um humanismo romântico anti-urbano e anti-tecnológico, valoriza o indivíduo e critica o coletivismo, como deixa claro o modo de existência opressivo no formato de colmeia. “A Máquina”, construída pelos homens e que domina todos os aspectos da vida, seria uma prefiguração do estado burocrático, capitalismo e monopolista. A figura do historiador que apresenta

⁴ Em tradução do autor: “Noite e dia, vento e tempestade, maré e terremoto, não impedem mais o homem. Ele arreou o Leviatã. Toda a literatura antiga, com seu louvor da Natureza, e seu medo da Natureza, soa falso como a tagarelice de uma criança.”

⁵ Em tradução do autor: “Mas Kuno, é verdade? Ainda existem homens na superfície da Terra? Isso - esse túnel, essa escuridão envenenada - realmente não é o fim?”

Ele respondeu:

‘Eu os vi, falei com eles, os amei. Eles estão se escondendo entre a névoa e as samambaias até que a nossa civilização pare. Hoje eles são os Sem-teto - Amanhã...’

‘Ah, amanhã... Algum tolo iniciará a Máquina de novo, amanhã.’

‘Nunca’, disse Kuno. “nunca. A Humanidade aprendeu sua lição.’

Enquanto ele falava, toda a cidade se quebrava como uma colmeia. Uma aeronave tinha navegado através do vomitório até um cais arruinado. Ela colidiu para baixo, explodindo a medida que ia, rasgando galeria após galeria com suas asas de metal. Por um momento eles viram as nações dos mortos e, antes que se juntassem a eles, restos do céu imaculado.”

a palestra defendendo o subjetivismo completo, mediado pela Máquina, e rejeitando ideias em primeira mão antecipa a nascente cultura de massa mediada pelo capitalismo (MOYLAN, 2000:132).

É evidente, portanto, que *The Machine Stops* trata de questões de seu tempo, que ocupavam os pensamentos de seu formulador, como é o caso de qualquer obra mesmo de gêneros altamente especulativos, como a ficção científica. Ela é uma obra fundadora, ao adiantar diversas questões que seriam discutidas pelas distopias clássicas nas décadas seguintes, como as duas próximas obras que discutiremos.

A primeira é o livro *Nós*, do autor russo Ievguêni Zamiátin, escrito entre 1920 e 1921. A narrativa é feita através do diário de D-503, membro do Estado Único e construtor da Integral, nave espacial através da qual pretende enviar suas notas para outros planetas, disseminando os ideais da sociedade perfeita que alcançaram. Novamente, este mundo é revelado aos poucos através dos olhos de seu protagonista, cuja fé e arrebatamento pelo Estado Único, dá à obra a forma de uma utopia nos primeiros capítulos, até a sua “doença”.

Se em *The Republic of the Future*, o progressista Henry George é tomado como o grande profeta, a sociedade de *Nós* é perfeitamente racional e organizada de acordo com os princípios de Frederick Taylor, um filósofo muito maior do que Kant, de acordo com o narrador (ZAMIÁTIN, 2017:48). Seus habitantes têm números em lugar de nomes, como se fossem partes de uma fórmula matemática, em vez de indivíduos. Não existe *Eu*, mas todos são *Nós*: se submetem completamente à falta de liberdade. A ciência permite que sejam todos iguais e que já não haja inveja semelhantemente à obra de Dodd, mas de forma oposta à Tábua das Horas que determina o cronograma de todos os “números” e permite poucas horas livres. Todas as atividades são controladas: o trabalho, a alimentação, o sono, o lazer, até os encontros sexuais. O poeta do Estado R-13 proclama:

(...) é a antiga lenda do paraíso... É sobre nós, sobre os de hoje. Sim! Pense um pouco. Àqueles dois, no paraíso, foi apresentada uma escolha: ou a felicidade sem liberdade, ou a liberdade sem felicidade; uma terceira coisa não se dá. Eles, tolos que eram, escolheram a liberdade, e o que se deu foi que, naturalmente, passaram séculos sofrendo a falta dos grilhões. Dos grilhões, compreende? É nisso que consiste a dor do mundo. Por séculos! E assim que imaginamos um meio de devolver a felicidade. (...) O antigo Deus e nós, sentados à mesma mesa, lado a lado. Sim! Fomos nós que ajudamos Deus a derrotar definitivamente o diabo. (...) Somos simples e inocentes outra vez, como Adão e Eva. Nada dessas confusões sobre o bem e o mal; tudo muito simples, paradisíaco, infantilmente simples! O Benfeitor, a Máquina, o Cubo, a Campana de Gás, os Guardiões – tudo isso é o bem, algo majestoso, belo, nobre, elevado e cristalinamente puro. Porque é isso que protege nossa falta de liberdade, isto é, nossa felicidade. (ZAMIÁTIN, 2017:77)

Nos termos de Moylan (2000), esta é a utopia claramente anti-utópica do Estado Único: submissão completa ao seu líder, o Benfeitor, e a todos os mecanismos do Estado. Todos têm tudo do que precisam, têm seu trabalho essencial e, se mesmo assim, houver qualquer caso de insatisfação, eles são vigiados pelos guardiões, presentes em toda parte, e punidos em execuções públicas. D-503 acredita que alcançaram o ponto mais alto que o homem pode alcançar, cumpriram as promessas de progresso do século XIX e atingiram o fim da história, uma sociedade perfeitamente racional. (ZAMIÁTIN, 2017:121)

Como em *The Machine Stops* e em *Coração das Trevas*, o adversário da civilização tecnológica e racional mais uma vez se revela a selvageria da natureza. Como no conto de Forster, existe um mundo além, uma outra forma de existência: lá na superfície e, em *Nós*, além do muro verde que cerca sua cidade. D-503 é apresentado a essa possibilidade ao entrar em contato com a figura dissidente da obra, I-330.

Ela é uma mulher atraente com dentes afiados e costumes que desafiam a ordem estabelecida: usa vestidos antigos, bebe álcool, fuma e atrai homens para a Casa Antiga, uma relíquia preservada de outros tempos, fora do horário estabelecido na Tábua das Horas. O narrador se apaixona completa e desesperadamente por ela, passando a faltar no trabalho e segui-la imprudentemente. De acordo com os médicos do Estado ele está doente e desenvolveu uma “alma”, um problema que está se tornando uma epidemia na sociedade. Quando no dia da eleição – um evento que não passa de formalidade, já que todos sabem que o Benfeitor ganhará de novo – milhares de pessoas não votam a seu favor, tal problema se evidencia.

I-330 não está sozinha, existe toda uma sociedade além do muro verde, com pessoas descritas como selvagens, nuas e cobertas de pelos e uma resistência organizada dentro do Estado Único, chamada de Mefi. Ao ser apresentado à resistência, D-503 é celebrado como o construtor da Integral e se sente pela primeira vez um indivíduo importante, único e especial. Revelam a ele o plano de tomar posse da Integral e, com ela, destruir o Estado Único. Chocado, o narrador questiona, afirmando que a revolução deles havia sido a última, tinham atingido o final da história, ao que I retruca que “não existe a última, as revoluções são infinitas” (ZAMIÁTIN, 2017:195) e que é na colisão e na diferença que uma nova ordem pode surgir. A personagem parece reproduzir críticas ao pensamento utópico estático semelhantes à de autores como Dodd e H.G. Wells (1967), mas não é anti-utópica, uma vez que acredita que algo melhor é possível – talvez até inevitável -, à medida que novas e sucessivas revoluções devem continuar a ocorrer.

De acordo com Cássio de Oliveira (2017:269), esse trecho também reflete as ideias do autor: Ievguêni Zamiátin não era oposto ao comunismo apesar de ter se autoexilado em 1931. Ele tinha apoiado o movimento bolchevique anteriormente e no começo dos anos 20, quando a obra foi escrita, a União Soviética ainda não tinha atingido o seu auge de totalitarismo. A obra não rejeita necessariamente o utopismo, mas aponta as limitações do racionalismo para explicar todas as dimensões da existência humana. Que a opção – a nova revolução – esteja associada a pessoas selvagens que vivem em contato muito mais próximo com a natureza ratifica o argumento deste trabalho: o progresso científico e tecnológico baseado no racionalismo conforme descrito por Francis Bacon encerra uma visão da natureza como objeto de possessão humana a ser conquistado, não como um domínio de igual poder.

Apesar dos planos dos revolucionários e do otimismo de I-330, o final de *Nós* é absolutamente anti-utópico e não deixa espaço nenhum para esperança. Através das notas de D-503, o Estado Único descobre os planos e a revolução é esmagada. A insatisfação de boa parte da população, a “doença” da alma, é corrigida através de um procedimento médico, uma lobotomia, que resolve os últimos sinais de dissidência: todos ficam satisfeitos, sem sofrimento ou questionamento algum, não mais do que robôs obedientes.

Embora não disponha do mesmo prestígio que *1984* e *Admirável Mundo Novo*, *Nós* antecipa muitas de suas problemáticas, vindo a exercer sobre aquelas obras importante influência. *1984* possui um cenário estritamente urbano e foca o autoritarismo e a vigilância em particular: temas que, a despeito de sua atualidade, escapam o nosso foco. Já *Admirável Mundo Novo* coloca em destaque o caráter não-neutro da tecnologia e a relação antagonica entre civilização e natureza, conforme argumentaremos.

Nós apresenta uma solução parcial para o problema da apatia trazida pelo tempo livre e pela supressão da excelência individual em prol da igualdade: supostamente todos têm sua função essencial para funcionamento da sociedade e gastam a maior de seu tempo a cumprindo; não existe mais indivíduo, apenas o coletivo, as pessoas não tem sequer nomes e o Estado incentiva o contentamento em fazer parte do grande mecanismo. Felicidade ao invés de liberdade. *Admirável Mundo Novo* apropria-se de muitas dessas ideias, e leva essa resposta ainda mais adiante, resolvendo também a insatisfação quanto ao Estado Mundial de *Nós*, sem recorrer ao mesmo nível de vigilância e a lobotomias.

A sociedade do livro de Aldous Huxley, publicado originalmente em 1932, é a distopia mais funcional e bem-sucedida dentre as descritas aqui: ela realmente funciona

para todos os seus propósitos. Pode-se até ser argumentado que se trata de uma utopia, ainda que esta não seja a intenção do autor.

O livro já se inicia com uma exposição da completa mecanização da vida em sua sociedade. Não existe mais reprodução natural, agora vista como repugnante e imoral, mas os Centros de Incubação e Condicionamento têm um papel central na manutenção do Estado Mundial. Ali as cinco castas sociais são predestinadas antes do nascimento: quanto mais baixo for seu papel na sociedade menor fluxo de oxigênio no período de desenvolvimento do feto. Os épsilons recebem o mínimo de oxigênios; também chamados de semi-aleijões não são capazes de ler ou escrever e cuidam dos trabalhos de limpeza e manutenção; deltas e gamas também tem baixa inteligência, mas são bem treinados para executar funções específicas de produção, manutenção especializada e serviços. Também são programados para odiar livros e flores, já que não são produtos que geram consumo. Estas três castas mais baixas também passam por um processo chamado bokanovsky, onde são clonados em benefício da eficiência – “noventa e seis gêmeos idênticos fazendo funcionar noventa e seis máquinas idênticas” (HUXLEY, 1982:28) – e da estabilidade social. Betas não são clonados, e são muito menos limitados em seu desenvolvimento, já que exercem funções técnicas na sociedade, como é o caso de uma das principais personagens da trama, Lenina Crowne; Finalmente, alfas são aqueles humanos que se permitem desenvolver completamente, sendo dotados de intelecto e individualidade, para atuar como líderes e pensadores.

Qualquer que seja a casta, entretanto, todos passam pelo processo de condicionamento, com o propósito de tornar cada um ideal para o seu trabalho e, mais importante, perfeitamente satisfeito com ele. Aqueles predestinados a trabalhar em caldeiras são acostumados com altas temperaturas desde bebês e futuros mecânicos de helicópteros passam longos períodos de cabeça para baixo, por exemplo. Para a educação moral dos cidadãos do Estado Mundial, a mais importante ferramenta é a hipnopédia, não por acaso a especialidade do protagonista da obra, Bernard Marx. Trata-se do ensino, durante o sono, de frases prontas repetidas centenas de milhares de vezes. O método não serve para transmitir conhecimento ou ensinar qualquer conceito racional, apenas fixa as frases exatamente como citadas no consciente e no inconsciente dos indivíduos, sendo ideal para deixar claro o papel de cada um na sociedade.

O objetivo da sociedade imaginada por Huxley é a completa falta de conflito, de qualquer descontentamento ou sofrimento: amplo consumo, variedade de atividades de entretenimento (que atendam ao princípio de incentivo ao consumo), cura da maior parte

das doenças, neutralização da velhice e dessensibilização em relação à morte com eutanásia aos 60 anos, liberdade sexual com incentivo à promiscuidade e, por fim, o uso da droga *soma*, que gera um estado de euforia e entorpecimento sem nenhum dos efeitos colaterais de outras drogas.

A problemática parece ser a mesma que a das outras distopias estudadas, com a diferença que muito mais foi feito para resolvê-lo. Apesar disso, há indivíduos insatisfeitos com o modo de vida do Estado Mundial, a começar pelo já mencionado protagonista. O que gera o sentimento de individualidade em Bernard é uma deficiência física, ele não é muito maior que um gama, especula-se que por causa de um acidente com álcool em sua incubação, o que o faz menosprezado pelos seus pares e propenso à solidão, tendência desencorajada pelo estado. Além disso, ele é um psicólogo especialista em hipnopedã, o que o faz compreender os métodos de controle social tão bem quanto qualquer um. É o sofrimento causado pelo sentimento de individualidade que o faz se destacar. Também é a ânsia em ter algo que não possui que gera os mesmos efeitos em Helmholtz Watson: fisicamente poderoso e atraente, é o excesso mental, o desejo de produzir obras narrativas com drama e conflito censuradas e até inconcebíveis em seu contexto, que gera nele a insatisfação e a propensão ao individualismo.

Como em *The Machine Stops* e *The Republic of The Future*, a religião foi abolida como algo primitivo, mas encontra um substituto na técnica. Aqui Ford – as vezes chamado de Freud no contexto do condicionamento psicológico – é adorado: as atividades de entretenimento são pensadas tanto para garantir a satisfação e a estabilidade social quanto para incentivar o máximo de consumo. Há eventos “religiosos” com o uso de soma e realização de orgias e símbolos religiosos, como o T em substituição a cruz do cristianismo em referência ao Modelo T, origem do seu modo de vida fordista. Ainda mais do que nos casos estudados anteriormente, existe uma profunda conexão entre o desenvolvimento tecnológico e o desenvolvimento econômico desta sociedade, com Huxley antecipando críticas quanto à linearidade destes.

Já no final da obra, Mustafá Mond, um dos dez Dirigentes do Estado Mundial revela a Bernard, Helmholtz e John, de quem falaremos em seguida, o tipo de desenvolvimento desejável:

(...) temos que pensar na estabilidade. Não queremos mudanças. Qualquer mudança é uma ameaça para a estabilidade. Eis outra razão pela qual somos pouco propensos a aplicar as novas invenções. Toda descoberta no campo da ciência pura é subversiva potencialmente; por vezes, até mesmo a ciência deve ser tratada como um inimigo possível. Sim, até a ciência.

- A ciência? - O selvagem franziu as sobrancelhas. Ele conhecia a palavra, mas não poderia dizer o que significava exatamente. Shakespeare e os velhos do *pueblo* nunca mencionaram a ciência e de Linda não obtivera senão vagas referências: a ciência era algo com o que se faziam os helicópteros, algo que fazia rir das Danças do Trigo, algo que impedia de ter rugas e de perder os dentes. Fez um esforço desesperado para captar o sentido das palavras do Dirigente.

- Sim - dizia Mustafá Mond -, esse é outro item do preço da estabilidade. Não é a arte a única incompatível com a felicidade; a ciência também o é. A ciência é perigosa; temos que mantê-la cuidadosamente acorrentada e amordaçada.

- Como? - disse Helmholtz, espantado. - Mas estamos sempre a dizer que a ciência é tudo. É um axioma hipnopédico.

- Três vezes por semana entre os treze e os dezessete anos - acrescentou Bernard.

- E toda propaganda científica ministrada no Colégio...

- Sim, mas que espécie de ciência? - perguntou sarcasticamente Mustafá Mond.

- Vocês não têm preparo científico, por isso não podem julgar. Fui um bom físico no meu tempo. Bom demais - bastante bom para compreender que toda a nossa ciência não passa de um livro de cozinha, com uma teoria ortodoxa de culinária que não se admite ser posta em questão, e uma lista de receitas que não deve ser aumentada, exceto com permissão especial do Mestre-Cuca. Agora eu sou o Mestre-Cuca. Mas houve tempo em que era apenas um lavador de pratos curioso. Comecei a imaginar novas receitas. Culinária heterodoxa, ilícita. Em suma, um pouco de ciência real. (HUXLEY, 1982:273)

Mond fala de diferentes tipos de ciência: a que produz helicópteros, o cinema sensível e impede as pessoas de envelhecerem é desejável, produz estabilidade social e incentiva o consumo, mas a que chama de “ciência pura” é potencialmente subversiva e deve ser controlada. Renato Dagnino, escrevendo muito depois, provavelmente questionaria a ideia de uma ciência “pura”, mas o primeiro tipo não é muito dissimilar do que chama tecnociência capitalista, que seria apropriadamente um dos pilares do Fordismo neste mundo. Huxley questiona, portanto, a ideia popular no século XIX de progresso linear guiado pela tecnologia, mas sem abdicar da crença na ciência como única epistemologia viável.

Dessa forma, quando as reservas indígenas aparecem como o contraponto à ultra desenvolvida civilização do Governo Mundial, elas também não são descritas como um modo de vida particularmente positivo. É claro que o ponto de vista nesse momento é de Bernard e Lenina, membros superprotegidos da sociedade tecnológica, mas a primeira coisa que lhes chama a atenção é “a sujeira, para começar, os montes de lixo, o pó, os cães, as moscas” (HUXLEY, 1982:139) da reserva em oposição à assepsia de suas cidades. Pessoas envelhecem, ficam enrugadas e doentes, têm piolhos, dentes podres e cheiram mal. Bernard afirma que “vivem assim há cinco ou seis mil anos”: se os civilizados alcançaram o fim da história, os selvagens jamais chegaram a serem seres históricos. É difícil determinar através do livro se o óbvio etnocentrismo parte do personagem ou do autor da obra, mas mesmo que intencional por parte de Huxley para

demonstrar a limitação da visão dos visitantes, a caracterização nada lisonjeira do modo de vida indígena indica claramente que não é esta a opção em relação à distopia.

Apenas a inviabilidade econômica de "civilizar" aquelas áreas é que impede o Governo Mundial de conquistar as colônias indígenas, o que sugere que seu modo de vida não é correspondente – que o domínio do natural não é igualmente poderoso conforme *O Coração das Trevas* –, mas recebe apenas migalhas, existe porque lhes é permitido existir pelo outro mundo. A preferência de John, o Selvagem, pelo natural é sofrida, forçosa, nada como o hipnotismo e fascinação que acomete Kurtz. No final da obra, ele acaba sucumbindo: perturbado pelo seu agonizante desejo sexual por Lenina e, constantemente importunado pelos visitantes curiosos, ele acaba entrando em uma orgia movida por soma e, completamente tomado pela culpa, comete suicídio.

Outro indicativo de que natureza é mais um acessório na obra do que uma alternativa viável a distopia tecnicista é o lugar onde Huxley indica que a utopia pode realmente estar: nas ilhas em que Bernard e Helmholtz são exilados. Mond quase sente inveja, quando explica:

Isto é, ser enviado a um lugar onde irá encontrar o mais interessante conjunto de homens e mulheres existente em qualquer parte do mundo. Todos os tipos que, por esse ou aquele motivo, adquiriram demasiada consciência individual para se adaptarem à vida comunitária. Todas as pessoas que não estão satisfeitas com a ortodoxia, que tiveram ideias próprias, independentes. Em suma, todos os que são alguém. (HUXLEY, 1982:275)

Não por acaso o contraponto utópico a *Admirável Mundo Novo* escrito por Huxley em 1962 é intitulado *A Ilha*. Nele, o autor propõe uma terceira alternativa para John: nem a selvageria infeliz, nem a civilização tecnológica que escraviza o homem em prol da felicidade, mas sua própria ideia de sociedade ideal, em que a ciência e a tecnologia serviriam ao homem e não o oposto.

Nas três obras estudadas nesta seção, o meio ambiente tem um papel crucial como oposição ao modo de vida distópico ultra tecnológico, mas em nenhuma delas ele é apresentado realmente como uma opção viável, sendo apenas referenciado quase como um sonho em *The Machine Stops*; completamente derrotado como lugar de existência em *Nós*; e tão desagradável quanto a distopia em *Admirável Mundo Novo*. Ainda mais flagrantemente, ela é sempre um acessório ao homem, sempre considerada em relação às suas necessidades e à sua felicidade. Embora, a natureza seja um elemento importante nas três obras, nenhuma delas pode ser caracterizada como uma distopia climática, devido ao seu caráter estritamente antropocêntrico. Por exemplo, o consumismo na obra de Huxley gera deterioração, mas tão somente no espírito humano. Isso não é surpreendente, tendo

em vista que os movimentos conservacionistas tinham pouco alcance nesta época, e apenas posteriormente essas preocupações entrariam no imaginário popular, como veremos.

4. AS PRIMEIRAS DÉCADAS

Como vimos nas obras estudadas na seção anterior, uma visão crítica do progresso já existia antes da virada do século, mas assumia um papel de heterodoxia em relação à visão hegemônica do homem empoderado pela tecnologia como senhor da natureza e do seu próprio destino. As grandes guerras tiveram um papel crucial em trazer essas preocupações para o primeiro plano das discussões acadêmicas e públicas, desafiando as visões novecentistas de etapismo histórico linear.

Esse movimento não foi recebido sem resistência. Na radicalização ideológica do pós-guerra pela competição entre os dois grandes blocos “oriental” e “ocidental”, o momento de competição entre diferentes modelos de organização política e social exigia talvez ainda mais um projeto unificador que justificasse os jogos de poder em ação: é nesse momento que surge o conceito de “desenvolvimento” e a definição como “desenvolvidos” e “subdesenvolvidos” para países que subscrevessem ao modelo estadunidense de organização. O discurso de posse do presidente dos Estados Unidos Harry Truman em 1949 é definido como um marco para essa concepção. Dentro do bloco ocidental, o subdesenvolvimento é visto como uma condição a ser superada através da cooperação e da ajuda dada pelos países desenvolvidos (FREITAS, 2016:94). O mesmo modelo mantém uma visão linear de tecnologia, que divide diferentes artefatos em mais avançados, ou de ponta, e mais atrasados.

A despeito da reafirmação, por parte de suas lideranças, da contínua superioridade do modo de vida ocidental moderno, a heterodoxia não pertencia mais a poucos indivíduos subversivos, mas as décadas após a Segunda Guerra Mundial veem uma esquerda mundial cada vez mais forte e questionadora dessas narrativas. Que esta seja imediatamente perseguida pelo macarthismo apenas o reafirma.

Também nos meios acadêmicos, entre cientistas, divulgadores científicos, filósofos e historiadores da ciência, não há mais um generalizado senso de otimismo. A fé na epistemologia ocidental moderna não diminui, ao menos para a maioria deles, mas ganha uma nova consciência. É fundamental para essa mudança de rumo o poder de destruição assombroso usado nas guerras contemporâneas, particular e emblematicamente representado pela explosão das bombas atômicas em 1945. A famosa frase de J. Robert Oppenheimer citando o *Bhagavad Gita*, “Now I am become Death, the destroyer of worlds”, reflete o entendimento dessa extensão do braço humano, nos termos

de Hans Jonas (2006:37), dessa nova potência capaz de, mais do que acabar com uma vida ou até um povo, destruir o mundo todo.

Diferentes obras de ficção científica, veículo recorrente de divulgação e das preocupações científicas, refletiriam esses movimentos: tanto o caráter subversivo, crítico do capitalismo e do modo de vida americano, da nova esquerda emergente; quanto a consciência do poder de destruição inédito das novas tecnologias e a responsabilidade que acarreta dela, que parte dos próprios cientistas.

Ao mesmo tempo, emergindo de forma independente, mas profundamente empenhada, as preocupações com o meio ambiente ganhavam força. Podemos observar essa relação no desenvolvimento da Ecologia. Em sua forma holística de compreender a natureza, através de suas relações ao invés de categorizações, esta disciplina vai na contramão da super especialização e sistematização que tanto tinha marcado a formação de disciplinas científicas no século XIX. O termo é pela primeira vez cunhado pelo zoologista alemão Ernst Haeckel em 1866 (BRAMWELL, 1989:4). Uma abordagem heterodoxa da Biologia, em suas primeiras décadas a Ecologia possuía um caráter conservador, moral e culturalmente. As ideias dominantes de progresso impulsionavam a humanidade a ultrapassar os limites tecnológicos e sociais, enquanto a ecologia defendia que a interferência drástica em um sistema, ou qualquer mudança que pode prejudicar uma espécie dentro dele, deveria ser vista como errada e indesejável e, portanto, mais do que apenas o benefício da espécie humana deveria ser considerado em suas decisões.

Em um período em que ideias científicas eram aplicadas em teorias sociais e culturais, as ideias conservacionistas que enxergam a sociedade humana como uma parte do todo natural poderiam ser vistas como legitimadoras do darwinismo social, o que contribuiu para a adoção destas pelo partido nazista alemão. A conexão não é direta ou causal: desde Haeckel, já existia uma tradição de filósofos naturalistas alemães que defendiam uma abordagem holística antes da ascensão do nazismo, e o movimento foi apropriado pelo partido como uma tradição germânica. Anna Bramwell (1989:13) defende que as ideias conservacionistas não pertencem à direita ou à esquerda, mas são um movimento específico que ora se alia com um lado ou com o outro. Com as mudanças ocorridas no pós-guerra sua associação no Ocidente com a esquerda emergente é inegável: o conceito de desenvolvimento, herdeiro do “progresso” do século XIX, mantém o bloco ocidental unido e o capitalismo agora é considerado sua característica essencial. Ainda que o bloco oriental tenha sido produtivista e explorado os recursos naturais na mesma medida, a própria essência do capitalismo, de crescimento constante e

criação de valor infinitamente, é incompatível com os valores ambientalistas necessários, de acordo com Luiz Marques (2018:549).

Este capítulo procura investigar como obras de ficção científica nas décadas seguintes ao final da Segunda Guerra Mundial absorvem essas questões, à medida que descobertas científicas quanto às consequências das ações humanas sobre a natureza são feitas. Ao analisar as obras escolhidas, espalhadas ao longo do período para melhor refletir suas mudanças de mentalidade, perguntamos: as crises ambientais são vistas como de origens sócio-políticas e, mais especificamente, de origens capitalistas? São tratadas como globais ou locais? Conservam a visão tradicional da natureza como domínio dos homens ou rompem com ela?

Focaremos primeiro em um clássico de ficção científica publicado em 1952, *Os Mercadores do Espaço*, de Frederik Pohl e C.M. Kornbluth, e, em seguida, nos dois primeiros livros da trilogia apocalíptica de J.G. Ballard: *The Drowned World* de 1962 e *The Burning World* (também conhecido como *The Drought*) de 1964.

4.1. Indústria contra conservacionismo ambiental

Um dos elementos que aponta para essa mudança de mentalidade no pós-guerra em relação à natureza é a ascensão dos movimentos conservacionistas. A agenda de conservacionismo era até então no máximo secundária e, na maioria dos casos, inexistente no discurso político de partidos tanto de esquerda quanto de direita. Apenas na década de 70 partidos verdes emergiriam, mas neste período organizações civis focadas na preservação do meio ambiente iniciam um discurso unificado na América do Norte.

Neste contexto, o livro *Os Mercadores do Espaço* se revela uma excelente fonte para procurar conceitos de preservação ambiental neste período, uma vez que foi escrito em 1952 e emprega o conservacionismo como uma de suas principais forças motrizes ideológicas e em direta contraposição ao consumismo. Ao contrário das distopias tratadas no capítulo anterior, esta obra deixa claro o potencial destrutivo do capitalismo industrial, que ameaça não apenas a dignidade humana, mas toda a vida no planeta: é claramente uma distopia climática. De fato, a história apresenta essa contraposição diretamente, com os conservacionistas, ou *consies*, como são chamados na obra, sendo a facção oposta à classe do protagonista, os publicitários que incentivam o consumo.

A partir da metodologia de Peter Gay, podemos encontrar pistas das fontes de inspiração dos autores. Pohl, em particular – que escreveu o primeiro terço do livro – se une à Youth Communist League dos Estados Unidos (YCL) na década de 30 quando tinha

16 anos, por ver nela ideais semelhantes aos seus de proteção ao trabalhador, pacifismo e justiça racial (POHL, 1978:48). Ele afirma em sua autobiografia que então o termo comunista evocava sentimentos bem diferentes do que faria na década de 50, quando Joe McCarthy exercia suas políticas. Pohl ajudou a formular um manifesto quanto ao propósito de que a ficção científica servisse como um método de propagar medidas progressistas, em um movimento chamado de *micHELism*, a partir de John B. Michel, outro escritor e editor de ficção científica de seu círculo. Seu ativismo minguiaria depois de quatro anos como membro entusiasmado da YCL, ao se decepcionar com a recusa do grupo em condenar o stalinismo, entretanto os valores que lhe atraíram no grupo continuariam importantes em suas obras. Kornbluth, tendo falecido precocemente em 1958, não deixou uma narrativa própria dos fatos, mas de acordo com o relato de Pohl também fez parte da Liga e manifestava ideais semelhantes.

A estruturação dos *consies* aponta para a inspiração na União da Juventude Comunista, com a divisão em células e o uso de cognomes, mas representa para Pohl o tipo de motivação e importância que não encontrou na YCL quando jovem: eles têm um objetivo, razões de ser e, mais importante, projetos concretos e influência o suficiente para chegar lá.

O narrador e protagonista da história é Mitchel Courtenay, um publicitário de alta classe dentro do sistema de castas deste mundo. No primeiro capítulo, ele é escolhido para liderar o maior e mais recente projeto da agência publicitária Fowler Schocken, a maior de Nova Iorque: a colonização e a exploração de Vênus, um planeta inteiro para vender. Nesta distopia, o capitalismo é uma religião para os cidadãos, o Estado tem pouco poder, mas é todo controlado por interesses privados, com representantes de companhias comerciais ocupando os assentos do congresso americano. O consumo é incentivado e a multidão de trabalhadores que produzem são explorados, forçados pelas companhias que os empregam a gastar mais do seu salário com seus produtos, os mantendo eternamente presos aos seus contratos. Também neste mundo os recursos naturais estão depredados e as cidades são tomadas pela poluição, mas isso não é um problema para Mitch e seus colegas de profissão: todos são ricos e tem em abundância em um mundo de privação. São afetados pela poluição e racionamentos, é claro, mas usam seus filtros e pedotáxis, meios de transporte a pedal, quando estão fora de casa e não têm problema com a ordem vigente.

Seu maior problema são os irritantes *consies*. Eles denunciam suas técnicas agressivas e invasivas de publicidade e controle do consumidor, como o uso de hipnose

e mensagens subliminares, a adição de um alcaloide que produz vício no *coffiest*, substituto do raro café. Eles são acusados também dos demais problemas: de sabotar a companhia de tratamento da água para limitar o consumo, de provocar falhas técnicas e realizar ataques terroristas para perturbar o bom funcionamento da sociedade. Para os publicitários, os *consies* são loucos e degenerados: suas ações são incompreensíveis, não fazem sentido nenhum para os bons discípulos do consumo, como Mitchel.

Ao ser colocado na prestigiosa posição de Diretor de Vênus, entretanto, ele se vê envolvido em uma trama que desafia suas crenças. Em primeiro lugar, em relação ao código comercial, as regras que determinam a competitividade entre diferentes empresas nesse capitalismo selvagem. De acordo com ele, assassinatos e espionagem são normais e aceitos por todos, mas é necessário notificar os adversários primeiro e lhes dar uma chance de resistir.

Pouco depois de receber o cargo, Mitch recebe dois atentados contra a sua vida: primeiro quando a carga de um helicóptero cai sobre ele, o que é tomado por todos como um acidente, e depois quando um invasor atira contra ele em seu apartamento. Ele imediatamente desconfia de B.J. Taunton, dono de outra grande companhia publicitária e rival de Fowler Schocken. Embora da mesma classe, Taunton não seria como eles: seus comerciais seriam de mau gosto, vulgares e agressivos, e Mitch leva ao patrão suas preocupações. Porém Fowler se recusa a acreditar já que, por mais vigarista que o rival seja, eles conhecem as regras do jogo e sabem as consequências de se mover fora delas.

A segunda ruptura que experimenta é ainda mais radical: ao ter de lidar com um colega de trabalho rebelde, Matthew Runstead, Mitch é traído, nocauteado e colocado em uma nave de transporte de trabalhadores. Adicionam números à sua tatuagem de identificação, impondo-lhe uma nova identidade, George Groby, com um contrato de cinco anos com as Plantações Chlorella na Costa Rica. Ali, forçado a trabalhar de escumador, limpando os tanques do excesso de algas, ele descobre as condições dos trabalhadores, a realidade dos contratos, que basicamente conduzem a escravidão, já que as companhias os forçam a criar dívidas e mais dívidas. Mesmo as relações com seus colegas de trabalho e outros indivíduos de classes mais baixas que encontra são todas mercantilizadas, com empréstimos constantes e deslealdades mútuas.

Após alguns meses, Mitch faz amizade com um colega chamado Gus Herrera, que se revela um *consie* e oferece a ele a oportunidade de se juntar ao grupo, o que acredita ser uma chance de voltar à velha vida. A despeito da nova perspectiva, ele não pretende manifestar misericórdia alguma para nenhum membro do grupo, ainda fanáticos e

excêntricos, de acordo com o seu ponto de vista. Tudo o que Herrera lhe contava, à medida que se embrenhava no grupo – “alterações da população, alterações do Q.I., taxa de mortalidade e causas de morte e tudo o mais” – como aquilo contra o que lutavam, Mitch toma como uma boa notícia para a sua classe, afinal: “mais gente, mais vendas. (...) Menos inteligência, mais vendas”. (POHL; KORNBLUTH, 1987:83)

Usando de suas habilidades de publicitário, o narrador sobe na hierarquia do grupo e eventualmente é enviado de volta para Nova Iorque, onde a liderança dos *consies* se reúne. Ali, o terceiro ato do livro se inicia, com a revelação dos planos de Taunton: usar assassinos psicóticos que não se importam com a terrível punição para aqueles que desrespeitam o código comercial. Depois de escapar, Mitch é obrigado a ir procurar Fowler na Lua, onde descobre que sua ex-mulher Kathy, Matthew Runstead e alguns outros personagens eram *consies* o tempo todo e que colocá-lo para trabalhar na Chlorella foi um plano dela, com a esperança de que mudasse de atitude com o conhecimento das condições de vida dos trabalhadores. O publicitário fica furioso com a traição, ameaça Kathy e a manda desaparecer, antes de se revelar a Fowler e ser imediatamente reinstituído por ele em sua antiga vida. Novamente, seu patrão não acredita nele quando Mitch conta as fantásticas aventuras por que passou, mas permanece firme em sua crença no sistema e confiantemente ignorante da disfuncionalidade do jogo comercial:

Pobre Fowler. Quem o podia censurar? Todo o seu mundo era atacado pelas palavras que eu tinha para lhe dizer. A minha história era uma blasfêmia contra o Deus das Vendas. Ele não acreditava, nem acreditava que eu, o verdadeiro eu, acreditasse. Como seria possível que o Mitchel Courtenay, publicitário estivesse ali, à sua frente, a fazer afirmações tão ameaçadoras como:
Os interesses dos produtores e dos consumidores não são os mesmos;
A maior parte do mundo é infeliz;
Os trabalhadores não arranjam automaticamente o trabalho que desempenham melhor;
Os empresários não fazem um jogo limpo, que respeite as regras;
Os *consies* são equilibrados, inteligentes e bem organizados;
Representava autênticas marteladas para ele, mas Fowler Schocken recuperava rapidamente. O martelo saltava logo e as marcas que deixava passavam depressa. Para tudo havia uma explicação e as Vendas eram infalíveis. (POHL; KORNBLUTH, 1987:124)

Essa confiança acaba tragicamente para ele, estrangulado na rua tão logo dispensa os seguranças armados que mantinha por insistência de Mitchel. Ao tomar controle da empresa como sucessor de Fowler Schocken, o protagonista se arrepende de rejeitar Kathy e os *consies* e passa a procurá-la obcecadamente com todos os amplos recursos de que agora dispõe e, quando finalmente a encontra, se coloca à disposição dela, descobrindo finalmente o objetivo do grupo subversivo: controlar Vênus. Kathy explica:

Claro, nós os *consies* queríamos as viagens espaciais. A raça humana precisa de Vênus. Precisa de um planeta que não esteja estragado, explorado, pilhado,

(...) saqueado, devastado... bom, percebes. Claro que queríamos uma nave para ir para Vênus. Mas não queríamos a Fowler Schocken em Vênus. Nem o Mitchel Courtenay, tampouco. Pelo menos enquanto Mitchel Courtenay fosse o tipo que agarraria Vênus para faturar mais uns milhões extra. Não há muitos planetas para onde a nossa raça humana se possa expandir, Mitch. (POHL; KORNBLUTH, 152)

Um planeta inteiro para cultivar ao invés de explorar, hectares e hectares de florestas, ela diz. Além disso, pertencente a eles por direito, uma vez que estiveram por trás do plano desde o começo:

(...) Vênus pertence-nos perante Deus. Somos as únicas pessoas que sabem o que fazer com aquilo e, além disso, fomos os primeiros a fazer descer lá um homem. (...) A Terra não descobriu Vênus. A [Associação Mundial Conservacionista] é que o descobriu. E reclamamos o direito de colonizá-lo. Consegues fazer isso? (POHL; KORNBLUTH, 1987:143)

O final de *Os Mercadores do Espaço* é otimista, no sentido explicitado por Tom Moylan (2000): a distopia permanece na Terra e o plano sequer chega a sua destinação final, entretanto os autores deixam um espaço, sugerem a possibilidade da utopia, com a última cena ocorrendo no foguetão ocupado por Mitch, Kahty e outros mil e quatrocentos *consies* voando em direção a Vênus.

De acordo com Moylan (2000:190), a crítica realizada por este livro é extremamente significativa, uma vez que ele é um precursor do *novum*. Não se trata nem de alegorias relativas ao presente similares a literatura clássica, nem algo totalmente novo – “lugar nenhum”, como a utopia –, mas uma forma distinta de mapas cognitivos, sendo um produto da sociedade de seu tempo. Como vimos, o livro foi escrito no pós-guerra, quando o consumismo e o anticomunismo eram incentivados como a essência dos Estados Unidos da América em oposição a União Soviética. Pohl e Konbluth criticam esse contexto de acordo com os estudos da Escola de Frankfurt, que descreve a lógica do capital como produtora de consumidores dispostos e obedientes, ao invés de cidadãos pensantes. O protagonista descobre rapidamente o ciclo viciante dos produtos industrializados quando é colocado na condição de um trabalhador: a propaganda procura reduzir todos os habitantes da Terra em meros consumidores.

A inspiração em distopias clássicas já mencionadas no presente trabalho também é evidente em alguns momentos, particularmente a *Admirável Mundo Novo*, entretanto o mundo de *Os Mercadores do Espaço* é bem menos funcional, bem menos sucedido em produzir satisfação em seus habitantes que o do livro de Huxley. Naquele, a tecnologia mais avançada de engenharia social e produção de bens permite realmente produzir felicidade – ou ao menos uma forma de felicidade baseada na satisfação imediata de todas as necessidades – para a grande maioria, enquanto nesta obra o sistema é bem sucedido

em se auto replicar e continuar produzindo riquezas especialmente para as corporações dominantes, mas produz uma vida miserável para a maior parte da população e um cenário violento, mesmo nos âmbitos mais ricos. A tecnologia é menos avançada, mais imperfeita aqui: os produtos produzidos em laboratório são claramente inferiores às suas contrapartes. Também se faz o uso da psicologia para influenciar os indivíduos, mas de forma muito mais limitada: não para garantir a sociedade perfeitamente estável onde todos são completamente satisfeitos com seu papel, mas como mais uma ferramenta dos publicitários para vender mais produtos.

Por parte desse fracasso podem ser responsabilizados os engenheiros desse mundo, uma extrapolação do da época dos autores, mas mais relevante para esse trabalho são as limitações da biosfera, o que Luiz Marques chama de “retorno negativo” (MARQUES, 2018:636).

Ao explorar o meio ambiente, existiria um limite da adaptação humana e, após a ultrapassagem dele, haveria uma contra adaptação: nesse ponto a relação homem-natureza deixa de ser adaptativa e torna-se mutuamente destrutiva, o que pode conduzir à nossa extinção. Em outras palavras, um efeito de retorno negativo, em que a natureza devolve nossa agressão, e com quanto mais força o homem ataca, maior a reação. De forma semelhante, também à medida que o homem esgota os recursos naturais da terra, maior é o consumo de energia para substituí-los. Na obra, podemos enxergar o primeiro caso na poluição aterradora que ocupa as grandes cidades e obriga todos a usarem máscaras constantemente, bem como nos testes com bombas nucleares que pioraram a situação da falha de San Andreas, o que faz com que terremotos sejam constantes em sua Califórnia. Já o segundo, pode ser observado no racionamento constante de água doce, que obriga o uso de água salgada para diversas atividades cotidianas até mesmo para indivíduos da classe do protagonista, e na substituição de produtos naturais por alternativas produzidas em laboratório.

O fracasso dos poderosos desse mundo em fazê-lo funcional é devido à sua ganância e à sua falta de escrúpulos, mas é a sua exploração do planeta, mais do que de seus trabalhadores que os conduzirá à própria destruição. O grupo dissidente é, afinal, conservacionista, embora os autores apontem uma relação essencial entre as questões ambientais e sociais. MacDonald, um velho militar e famoso especialista em caçar *consies*, narra alguns dos incompreensíveis argumentos do grupo:

- Mas porque eles não gostam da exploração hidráulica? - insistiu ela. -
Precisamos do carvão e do ferro, não é verdade?

- Está a pedir-me (...) que sonde a mente de um *consie*. Já os tenho tido na sala de interrogatórios durante seis horas e nunca disseram nada que fizesse sentido. Se eu apanhar o autor do atentado de Topeka, por exemplo, ele falará de livre vontade... mas só dirá disparates. Dir-me-á que a máquina hidráulica estava a destruir o solo. Eu direi que sim, e qual é o mal? Ele dirá: então não vê? Eu direi: vejo o que? Ele dirá: o solo jamais poderá ser substituído. Eu direi: poderá, sim senhor, desde que seja necessário, e de qualquer forma de exploração condicionada da terra é melhor. Ele dirá qualquer coisa como: a exploração condicionada da terra abrange os animais, e assim sucessivamente. Acaba sempre com ele a dizer-me que o mundo está a caminhar para a destruição e que as pessoas têm de se conscientizar disso, e eu a dizer-lhe que nós temos sempre desenrascando e continuaremos a desenrascar. (POHL; KORNBLUTH, 1987:47)

As duas principais ideologias presentes na obra são completamente opostas e incapazes de conversar entre si: conforme o título do livro de Luiz Marques, capitalismo e colapso ambiental são duas faces da mesma moeda. Para justificar sua exploração sem limites, o militar manifesta sua convicção irrestrita na tecnologia, na epistemologia moderna capaz de resolver todos os problemas do homem, enquanto os *consies* afirmam que em certo ponto a exploração causa danos irreparáveis e, munida da confiança do outro, conduzirá eventualmente a destruição do mundo. Os dois lados refletem discussões descritas por José Veiga (2008) em seu livro *Desenvolvimento sustentável: o desafio do século XXI*. Ele também apresenta, na verdade, três vertentes, se colocando no caminho do meio entre as duas mais radicais. A mais pessimista pode ser representada por Nicholas Georgescu-Roegen que é, de forma semelhante aos *consies*, um “profeta do desastre” ao trazer para a economia o conceito da segunda lei da termodinâmica de entropia, afirmando a incapacidade da manutenção do crescimento a longo prazo. A mais otimista, por sua vez, pode ser exemplificada por Robert M. Solow, que manifesta uma opinião semelhante a do velho militar e não vê ameaça alguma na natureza para o capitalismo, prevendo que eventualmente o consumo de recursos naturais seria substituído pelo consumo de “capital reprodutível”, devido ao desenvolvimento tecnológico.

No começo do livro, Mitchel reflete, revelando ainda mais explicitamente o papel da tecnologia para conservar o modo de vida consumista, ao dar uma saída fácil para qualquer problema:

Os conservacionistas não estavam com rodeios; para esses fanáticos de olhos esbugalhados, a civilização moderna estava, de certa forma, a "espoliar" o planeta. Disparates. A ciência está sempre um passo à frente de qualquer falha de recursos naturais. Afinal, quando a carne verdadeira começou a escassear, já tínhamos os hamburgers de soja. Quando a gasolina começou a faltar, a tecnologia desenvolver o peditáxi.

Eu estivera exposto à forma de sentir dos *consies* no meu tempo e os argumentos iam todos dar ao mesmo ponto: a vida no seio da Natureza era o modo de vida certo. Idiotice. Se a "Natureza" quisesse que comêssemos vegetais frescos, não nos teria dado a niacina ou o ácido ascórbico. (POHL; KORNBLUTH, 1987:18)

Os Mercadores do Espaço adianta em duas décadas o embate. Seu vanguardismo em apontar a relação antagônica entre capitalismo e conservação do meio ambiente o caracteriza claramente como uma distopia ambiental e nos gera dúvidas sobre as condições que levaram a manifestar ideias tão pioneiras. Já apontamos a participação dos autores, em particular Pohl, em movimentos ativistas críticos ao capitalismo, mas a oposição da sociedade dominada por publicitários adoradores do mercado a conservacionistas ambientais antes que livros fundadores, como *Primavera Silenciosa* de Rachel Carson e o relatório *The Limits of Growth* por Donella H. Meadows, Dennis L. Meadows, Jørgen Randers e William W. Behrens III, fossem publicados em 1962 e 1972 respectivamente.

Como vimos na introdução deste capítulo, a ascensão da ecologia como uma abordagem da natureza de maneira holística, em suas relações e equilíbrios, ao invés de como simplesmente objeto por direito de exploração humana, já existia desde o século XIX, ainda que de maneira discreta. Ao longo do século XX, ainda que não um ponto central de nenhum partido, a agenda conservacionista ganha força com defensores de peso como o presidente americano Theodore Roosevelt e com a fundação de organizações civis de proteção ambiental. O ano de escrita de *Os Mercadores do Espaço* parece oportuna para a inclusão do tema na trama, já que um ano antes, em 1951, é fundado a organização The Nature Conservancy a partir da Ecological Society of America (ESA) de 1915.

Provavelmente mais influente para escritores de ficção científica formulando uma distopia, os problemas associados a poluição e superpopulação já eram bem conhecidos quando o livro foi escrito.

De acordo com John McNeil (2000:69), a poluição no ar é um problema desde a revolução industrial, mas que se expande enormemente no século XX. O trecho que Mitch está sendo educado nas preocupações dos consies e repara que toda notícia ruim para eles é uma boa notícia para sua classe, evoca o industrialista de Chicago W.P. Rend, para o qual a fumaça é o incenso para os altares da indústria. Ele diz: “Smoke is the incense burning on the altars of industry. It is beautiful to me. It shows that men are changing the merely potential forces of nature into articles of comfort for humanity....” No livro, Mitch não chega a elogiar a fumaça ou vê-la como algo positivo, mas provavelmente apreciaria a oportunidade de vender respiradores e filtros e a veria como um bom sinal do aumento do número de carros e fábricas.

Apesar do aumento dos gastos energéticos e da expansão do número de automóveis e de seu uso, a qualidade do ar de diversas grandes cidades melhoraria a partir

de 1945 por diversas razões. A substituição do carvão pelo petróleo e a divisão internacional do trabalho, com as indústrias sendo cada vez mais alocadas para regiões distantes das que mais aproveitam de seus produtos e lucros, são fatores importantes, mas não exclusivos: protestos públicos contra a poluição do ar surgem a partir dessa década. Pressões políticas forçaram a regulamentação e o desenvolvimento de novas tecnologias que controlassem a emissão de fumaça e gases tóxicos em regiões urbanas.

Em 1952, ano em que *Os Mercadores do Espaço* foi escrito, essa discussão pertencia à agenda dos movimentos trabalhistas e estava longe de ser resolvida, de forma que os autores não tinham muita razão para estarem otimistas. De fato, foi a culminação de muitos desses problemas, o Grande Nevoeiro de Londres, ocorrido no mesmo ano e responsável pela morte de milhares de pessoas, que levaria a passagem do Ato do Ar Limpo de 1956 pelo parlamento britânico. Os protestos e reivindicações já em voga certamente podem ter sido uma fonte de inspiração para os autores.

De acordo com Moylan (2000:190), *Os Mercadores do Espaço* escapou da censura do macarthismo porque a ficção científica era considerada algo menor, entretanto a obra é explicitamente anticapitalista. De forma fundadora, o movimento utópico dos conservacionistas é o elemento mais subversivo da história. Já a extensão com que o retorno negativo da natureza ameaça a ordem vigente e toda a civilização humana, antes que se tivesse noção do caráter global das crises climáticas, é o mais interessante para o presente trabalho.

4.2. O cataclismo natural de J.G. Ballard

Até a década de 60, o movimento ambientalista continuaria uma parte pequena das reivindicações populares. O livro *Silent Spring* de Rachel Carson (1969), publicado pela primeira vez em 1962 terá um papel fundamental na ampliação da consciência pública. Ele acusa diretamente os pesticidas de causar enormes males ao meio ambiente e as companhias químicas de espalhar propaganda e desinformação, sendo assim recebido com severa oposição por parte destas, e ganhando grande atenção da mídia popular. Ele inspiraria um debate nacional, mobilizando vários setores da sociedade e até o presidente John F. Kennedy (BONZI, 2013:210). Embora diversos fatores influenciem o crescimento dos movimentos ambientalistas na década de 60, é difícil superestimar o impacto do livro de Carson.

O debate crescente, em destaque no momento de elaboração de suas obras, pode ter inspirado o escritor britânico J. G. Ballard a usar as mudanças climáticas como o

elemento de devastação cataclísmico em três obras publicadas ao longo da década: *The Drowned World* de 1962, *The Burning World* – também publicada posteriormente com o título *The Drought* – de 1964 e *The Crystal World*, de 1966. São considerados obras precursoras do gênero de ficção climática (*cli-fi*), ao retratar as consequências da total transformação ambiental na vida e experiência humanas. Contando entre as primeiras, as obras de Ballard também estão entre as mais originais do gênero, com um enfoque na psicologia humana e pouca preocupação quanto as contribuições tecnológicas para criar ou resolver o problema.

James Graham Ballard nasceu em Shangai em 15 de novembro de 1930, graças à profissão de seu pai James, um químico e homem de negócios da indústria têxtil, mandado para a China em 1929 para administrar uma filial da companhia que o empregava, a *Calico Printers Association*. Ballard conta em sua autobiografia (BALLARD, 2008:13) que seu pai era um fã do escritor pioneiro de ficção científica H. G. Wells, possuindo uma confiança profunda na capacidade da ciência moderna de criar um mundo melhor e resolver todos os problemas da humanidade. O escritor, ao contrário, rapidamente desenvolveria um ceticismo que o acompanharia em sua carreira, ao testemunhar os horrores da Segunda Guerra Mundial. Ainda na China quando os japoneses a invadiram em 1937, ele teve que se mudar com sua família para evitar o fogo cruzado, mas ainda podia ouvir os bombardeios e tiroteios por toda parte ao redor de Shangai, viu corpos sangrando nas ruas e caixões sendo retirados aos montes, em uma violência tão perversa que seus pais nem tentaram esconder dele. Ballard relata de forma parcialmente ficcional suas experiências durante a guerra em seu romance mais popular: *Império do Sol*, tornado filme por Steven Spielberg, e posteriormente em sua autobiografia *Miracles of Life*, publicada em 2008.

Ele representa particularmente a mudança de mentalidade da *intelligentsia* ocidental após as grandes guerras: se seu pai manifestava a firme confiança na ciência e na tecnologia como os guias do progresso, J.G. Ballard afirma em 1970 que, após Hiroshima, toda a mágica e autoridade da ciência foi colocada em questão (CLARKE, 2013:10). Posteriormente, em 1991, critica à disciplinarização da estrutura científica moderna, que coloca cada área debaixo de um microscópio, perdendo qualquer contato com a natureza amplamente. Dessa forma, não é surpreendente que a ecologia, com seus princípios holísticos tenha lhe inspirado tanto em sua carreira, nem que sua abordagem do gênero de ficção científica seja tão original.

Após a guerra, em 1949, o jovem Ballard estuda medicina em Cambridge, com o objetivo de se tornar um psiquiatra. Em suas próprias palavras:

I was happy with the prospect of becoming a psychiatrist, and knew that I already had my first patient – myself. I was well aware that my reasons for studying medicine were strongly influenced by my memories of wartime in Shanghai, and by the horrors of the European war exposed at the Nuremberg trials. The dead Chinese I had seen as a boy still lay in their ditches within my mind, an ugly mystery that needed to be solved.

The faith in reason and rationality that dominated postwar thinking struck me as hopelessly idealistic, like the belief that the German people had been led astray by Hitler and the Nazis.⁶ (BALLARD, 2008:112)

O próprio Ballard evidencia, portanto, a importância da terceira fonte exprimida pela metodologia de Peter Gay: são suas experiências pessoais que conduzem à leitura que o autor realizará de seu contexto histórico e artístico para compor suas obras. A partir da década de 70, ele experimenta a fase mais bem sucedida de sua carreira, com livros que atraíram grande polêmica pelos temas chocantes. Neste trabalho focaremos, entretanto, na primeira parte de sua carreira, com a publicação das três obras de ficção científica distópicas já mencionadas.

The Drowned World, a primeira delas, descreve uma terra pós-apocalíptica, quando o sol aparece gigantesco no céu e as temperaturas aumentaram imensamente em todo o planeta, fazendo com que o gelo das calotas polares derretesse e o nível do oceano se elevasse, cobrindo as grandes cidades. A adoção do aquecimento global como grande cataclisma de sua obra, com consequências que se tornariam famosas depois em obras populares do gênero, explica porque ela é considerada um dos precursores da ficção climática. É claro que no livro, a mudança climática não é antropogênica, mas causada por tempestades solares completamente fora do controle humano, o que não surpreende. De acordo com Peterson, Connoley e Fleck (2008), o primeiro artigo científico que liga os níveis de emissão de carbono com uma mudança global do clima da Terra foi publicado em 1965 pelo Painel de Poluição Ambiental, montado pelo Comitê Consultivo Científico do presidente estadunidense Lyndon B. Johnson.

⁶ Em tradução do autor: “Eu estava feliz com a perspectiva de me tornar um psiquiatra, e sabia que já tinha meu primeiro paciente: eu mesmo. Estava consciente que minhas razões para estudar medicina foram fortemente influenciadas pelas minhas memórias do tempo de guerra em Xangai, e pelos horrores da guerra europeia exposta nos Julgamentos de Nuremberg. Os chineses mortos que eu tinha visto quando menino ainda estavam caídos em suas valas dentro da minha mente, um mistério feio que precisava ser resolvido.

A fé na razão e na racionalidade que tinha dominado o pensamento pós-guerra me parecia desesperadoramente idealista, como a crença que o povo alemão tinha sido conduzido ao mau caminho por Hitler e os nazistas.”

O protagonista do livro é o Dr. Robert Kerans, um biólogo que trabalha em uma unidade de testes que monitora as mudanças da fauna e da flora no mundo em transformação. Acompanhando um time científico e militar liderado pelo Coronel Riggs, eles estão há seis meses no que costumava ser uma grande cidade, posteriormente revelada ser Londres, abandonada há muito tempo. Encoberta pela água e lama, o ambiente é formado de grandes lagunas de água escaldante, ocupado por iguanas e outros lagartos, coberto de algas e enormes plantas que lhe dão uma aparência de retorno à Era Paleozoica.

Ainda existem poucos habitantes ao redor das lagunas, mas exceto por sua amante Beatrice Dahl, Kerans acredita que eles são ou insanos ou doentes demais para se mover, e a maior parte da população já morreu ou migrou para os polos, onde estima-se cerca de cinco milhões de pessoas ainda vivem. As consequências do evento apocalíptico aqui foram gigantescas, comparáveis as de *The Machine Stops* ou *Nós*: a maior parte da humanidade já foi extinta no início da obra e os poucos que sobraram lutam para fazer sentido desse novo mundo. Não se trata apenas de sobreviver, mas a adaptação ao novo ambiente é literal e invasiva, afeta não apenas os corpos, mas também a psiquê dos personagens.

Todos os membros da unidade, com exceção de Riggs, parecem quietos e isolados, “como animais antes de uma metamorfose” (BALLARD, 2014:15). Kerans acredita que são as memórias biológicas das selvas terríveis do Paleoceno, despertadas pelo retorno a estas condições. O Dr. Bodkin, outro cientista da estação, teoriza que cada época geológica define a psicologia de seus habitantes e, ao conviver com esse ambiente pré-histórico, eles têm uma sensação de *déjà vu*: a memória biológica está presente no DNA humano, em cada célula de nosso corpo e, quando a flora e a fauna retrocedem temporalmente, também a espécie humana o faz. Para testar sua teoria, ele experimenta com o tenente Hardman, que sofre de insônia e sonhos estranhos que o transportam para o passado distante.

Eventualmente, o dia de partirem de volta para o assentamento no polo norte se aproxima, mas Hardman, completamente tomado pelo chamado da selva ancestral, desaparece e, após ser perseguido e escapar do esquadrão, segue para o sul, onde as temperaturas continuam subindo a níveis insuportáveis. Ele é o mais afetado, mas metade das pessoas ali tem sonhos semelhantes, incluindo Kerans e Beatrice Dahl. E, a despeito de qualquer racionalidade, os dois assim como o Dr. Bodkin, resolvem ficar ao invés de seguir para o norte.

As próximas semanas se passam indolentemente: cada um vive isolado em seu espaço, se deixando dominar pelo calor e pelo chamado das memórias latentes. Por causa do calor extremo, Kerans não consegue fazer nada depois das 10 da manhã e as 16 horas já está tão cansado que vai dormir. Passa o dia inteiro sonhando, viajando por outro espaço-tempo. Sua paz só é perturbada pela chegada de Strangman, um homem branco como uma caveira pilotando um avião e acompanhado de sua tripulação de homens negros e selvagens, bem como por um carnaval de jacarés. Eles são piratas e saqueadores, que seguem de cidade em cidade procurando peças de arte e joias deixadas para trás. Seu apego aos valores do mundo do passado, já morto, contrasta com a atitude de Kerans que se entrega de corpo e mente à mudança.

Kerans, Bodkin e Beatrice resolvem receber bem e ajudar os recém-chegados para que terminem logo o que vieram fazer ali e vão embora, mas a agressividade com que Strangman vai atrás de seus tesouros os perturbam profundamente, e quando ele dá vazão ao seu grandioso plano de drenar a laguna para revelar a cidade há muito submersa, eles ficam chocados e com nojo. Tão entregues ao encanto do passado, que Kerans se preocupa quais efeitos a ressurreição de Londres pode trazer e Bodkin tenta explodir uma barreira de algas com dinamita para inundar novamente a laguna.

Strangman e seus homens conseguem impedi-lo e matá-lo antes que exploda a dinamite e também se voltam contra Kerans, suspeitos de sua participação no atentado. Torturam-no por dias e, quando ele se recusa a morrer após ser deixado debaixo do sol, começa a gerar uma imagem poderosa na cabeça impressionável dos subordinados de Strangman, de forma que este resolve matá-lo. É o Coronel Riggs quem o salva, chegando no último momento, mas para surpresa de Kerans, o militar afirma que nada pode fazer contra o pirata: de acordo com a lei ele não fez nada de errado: as obras de arte que coletou já tinham sido há muito abandonadas, Bodkin tentou matá-los primeiro então sua morte não passou de legítima defesa e sua engenhosidade em drenar a lagoa, vista como horrorosa por eles, provavelmente lhe daria uma bela recompensa e uma medalha do governo se continuar tornando possível a reocupação dessas áreas. Riggs ainda fala para Kerans e Beatrice que partirão no dia seguinte para o norte e os levarão com eles, deixando Strangman livre para fazer o que quiser com a laguna. Dessa vez é Kerans quem usa a dinamite para explodir a barreira e encher a laguna, só que com sucesso.

No final do livro, após conseguir escapar da perseguição de Riggs, ele segue para o sul. Encontra Hardman no caminho, completamente seco e queimado pelo sol, pele sobre ossos, cego e insano, mas ainda vivo e, após ajudá-lo a recuperar um pouco das

forças, continua em direção ao sul, “um segundo Adão procurando pelos paraísos esquecidos do Sol renascido” (BALLARD, 2014:165).

Publicado dois anos depois, *The Burning World* oferece uma distopia quase oposta: o mundo não está coberto de água, mas sem chuva há muitos anos e cada dia mais seco, com água custando mais do que comida ou combustível. O protagonista, o médico Charles Ransom, vive em Larchmont, uma cidade há beira de um grande lago, que agora se transforma em uma série de poças lamacentas e desconectadas. Neste livro, talvez inspirado pelo debate gerado pelo livro de Rachel Carson dois anos antes, a crise é antropogênica e causada pelo:

Covering the offshore waters of the world's oceans, to a distance of about a thousand miles from the coast, was a thin but resilient mono-molecular film formed from a complex of saturated long-chain polymers, generated within the sea from the vast quantities of industrial wastes discharged into the ocean basins during the previous fifty years. This tough, oxygen-permeable membrane lay on the air-water interface and prevented almost all evaporation of surface water into the air space above.⁷ (BALLARD, 2014:42)

A maior parte dos habitantes da cidade já partiu em direção à costa, com a progressiva escassez de recursos ali, e agora sua ex-esposa Judith está para ir com o novo namorado. Antes de ir, ela lhe pergunta, como diversos outros personagens antes, o que ele vai fazer. Ransom nota que a pergunta parte mais de suas próprias inseguranças e desejo de encontrar uma direção do que qualquer interesse nele: com o mundo em transformação, ninguém sabe o que fazer. Como Kerans, Ransom não sente o mesmo desespero, mas está pronto para se entregar à metamorfose, ao novo paradigma de tempo e memória. A mudança é ainda mais trágica aqui, uma vez que conduz a morte de toda vida no interior do continente, mas ainda é bem vinda pelo protagonista.

Outros indivíduos permanecem na cidade por seus próprios motivos: o reverendo Johnstone, sua família e sua agora pequena congregação, acreditam que devem sofrer e se esforçar para manter seu modo de vida, não lutar contra, mas agradecer o fogo purgante de Deus; Um grupo de pescadores que tiravam seu sustento do rio moribundo, liderados por um homem chamado Jonas, formam um culto ao redor de encontrar um rio místico, uma outra fonte de água pura e prosperidade; Catherine Austen é administradora de um zoológico e não quer abandonar os animais para morrer; Philip Jordan é um jovem órfão, amigo das aves do rio, doma cisnes e gansos; A sra. Quilter é uma velha parecida com

⁷ Em tradução do autor: “Cobrindo as águas dos oceanos do mundo, a uma distância de cerca de mil milhas da costa, havia uma fina mas resiliente película monomolecular formada de um complexo de polímeros de cadeia longa saturados, gerados nas bacias oceânicas durante os cinquenta anos anteriores. Essa membrana resistente, permeável ao oxigênio, se estendia na interface ar-água e evitava quase toda a evaporação da água da superfície para o espaço aéreo acima.”

uma bruxa que vive à beira do rio com seu filho insano e deformado; Finalmente, Richard Lomax é um arquiteto rico e excêntrico que lamenta que todos estejam abandonando a cidade e tem planos para tornar a vida em Larchmont mais interessante, sua irmã Miranda se parece com ele e tem um plano próprio.

Desinteressado nos esquemas dos Lomax, Ransom resolve partir em breve, já que toda aquela competitividade ao redor do rio não lhe permitiria a vida de contemplação solitária que deseja. Naquela noite, Lomax solta uma série de fogos de artifício, causando caos e confusão na cidade; ao mesmo tempo, um tiroteio ocorre entre a congregação de Johnstone e o culto de pescadores, que acaba com a igreja incendiada. No dia seguinte, os membros da congregação estão todos de partida para a costa, e Ransom decide ir embora também, a despeito dos protestos de Richard Lomax.

Após se juntam a uma série de companheiros de viagem, chegam a costa, mas ela já está ocupada por dezena de milhares de carros e pessoas, aguardando. A movimentação era tão grande em direção ao mar que o exército construiu uma cerca de arame farpado ao redor da praia e controlam quem entra aos poucos. A água e a paciência da massa está perto de acabar, entretanto, e após alguns dias, um motim ocorre e, na confusão, Ransom e seus companheiros conseguem alcançar a água.

A segunda parte da história se passa 10 anos depois. Ransom vive com Judith, sua ex-esposa, em um barraco feito com peças de automóveis velhos, tem que catar peixes nas dunas e poças de água salgada que continuam secando, e pagar um dos líderes das gangues que lutam por território para deixá-los em paz. Perto vive um assentamento liderado pelo reverendo Johnstone, mas não lhe permitem se unir a eles, já que, no começo quando Ransom tratava pacientes, todos acabavam morrendo devido à má nutrição e ele rapidamente passou a ser considerado um mau agouro para os doentes, tornando-se um pária. Um dia, ele vê um dos leões solto na praia, o que lhe indica que existe alguma fonte de água na direção de onde vieram e resolve voltar, acompanhado dos mesmos companheiros.

Ao chegarem em Larchmont, o lago está completamente seco e no seu lugar há apenas dunas de areia, entretanto no horizonte, Ransom percebe água e, ao correr, até lá descobre um enorme reservatório de água, propriedade de Richard Lomax e mantido por Quilter. Este se veste de peles e está em um relacionamento com Miranda. Foi ela quem mandou Whitman segui-los com seus animais. Richard, por sua vez, se mantém dentro de sua mansão, está paranoico e possessivo de sua água, acreditando que Quilter se voltará contra ele a qualquer momento. Na próxima semana, todos vão se adaptando, mas a saúde

mental de Lomax continua a deteriorar. Provoca e insulta Quilter, o chamando de besta e Caliban, tenta expulsar Ramson e, por fim completamente ensandecido, destrói seu próprio reservatório, arrancando seus azulejos e deixando a água vazar. Como Strangman no livro anterior, sua ganância e apego a riqueza conduz a sua destruição.

No último capítulo do livro, a pequena comunidade se dissolve: Whitman mata Lomax e a Sra. Quilter morre em seguida, Catherine e Philip vão embora com os animais e Ramson finalmente encontra a solidão e liberdade que buscou por toda a narrativa: segue sozinho através das dunas do antigo rio. Um dia, escurece ao meio-dia, ele não tem mais sombra e acredita que o mundo está se desfazendo ao seu redor, mas é que, na verdade, começou a chover.

J.G. Ballard faz parte da chamada *New Wave* de escritores de ficção científica, vindos principalmente do Reino Unido. O movimento procurava reorientar a ficção científica enquanto gênero, abandonando convenções e clichês e se movendo em direção a uma crítica social mais relevante (STERENBERG, 2013). Fica evidente, por exemplo, na rejeição de heróis cientistas, que resolvem os problemas através de incríveis descobertas tecnológicas. Ao invés, em estilo semelhante ao de Joseph Conrad em *O Coração das Trevas*, a natureza – selva ou deserto – produz aqui um encantamento não simplesmente de mesmo poder, mas muito mais poderoso do que qualquer triunfo da civilização humana.

Embora esta característica esteja presente nos três livros, ela é particularmente evidente em *The Drowned World*: a letargia a que o trio de personagens se entrega é a selva de milhões de anos atrás lhes hipnotizando, despertando suas memórias primitivas. O uso liberal de simbolismo e alegorias certamente lembra a obra de Conrad, e até a caracterização inexplicável e infeliz dos subordinados de Strangman com o arquétipo clássico dos selvagens africanos: negros supersticiosos e tolos, facilmente domináveis por um homem branco, com um linguajar simplório e apreço pelas danças e cantos ritualísticos.

Também podemos associar a figura de Strangman com Kurtz, em *Coração das Trevas*: ambos assumem um papel divino entre seus homens, mas são movidos puramente pela cobiça. Ele é o homem branco levado às últimas consequências; evidentemente na aparência – albino com predileção pelos ternos brancos -, mas também em sua sede de poder e riquezas, em sua falta de escrúpulos em dominar tanto os demais humanos como a natureza e em sua engenhosidade: seu poder de drenar a laguna, impressionante sem dúvidas, mas um ato minúsculo e completamente inútil ante as transformações completas

do mundo. O coronel Riggs – outro personagem preso ao passado e as concepções do mundo anterior – diz que nada podem fazer em relação a ele: para o que sobrou dos governos humanos, ele não fez nada de errado. Pelo contrário, merecerá até uma medalha se continuar a liberar outras áreas para reocupação. Como Kurtz, suas ações são vistas como justificadas, de acordo com o projeto colonial.

Jim Clarke (2013) aponta uma possível leitura pós-colonial das obras distópicas de J.G. Ballard, particularmente *The Drowned World*. Não que as nações do terceiro mundo recebam algum tipo de correção ou justiça histórica, presente por exemplo no filme *O Dia Depois de Amanhã* (2001), em que as nações centrais têm que depender da generosidade dos seus vizinhos do sul para sobreviver. Aqui não se trata de inverter o jogo de poder, mas a mudança da experiência humana é tão profunda que todos os jogos de poder e interesses nacionais se tornam irrelevantes; Ballard também subverte as noções de riqueza e economia. Os tesouros artísticos de valor incalculável que Strangman saqueia não tem mais valor do que ossos para Kerans, e o mesmo se daria com o assentamento camaronês em *The Crystal World*: mercado de cristais tem um subtexto quanto a história da exploração da África para extração de metais preciosos e joias, mas o autor aponta para a completa irrelevância deles quando a própria existência está em jogo.

Conrad faz uma crítica semelhante quanto ao empreendimento colonizador, que mói e corrompe vidas – africanas e europeias – em busca de lucros, mas a semelhança é ainda mais evidente nas selvas de Ballard, uma floresta encantada semelhante às encontradas em contos de fadas e folclore, com o poder de tornar a civilização sem sentido:

In the six weeks since Riggs' departure he had lived almost alone in his penthouse suite at the hotel, immersing himself more and more deeply in the silent world of the surrounding jungle. (...) All day he sat by the shuttered windows of the suite, listening from the shadows to the shifting movement of the mesh cage, as it expanded and contracted in the heat. Already many of the buildings around the lagoon had disappeared beneath the proliferating vegetation; huge club mosses and calamites blotted out the white rectangular faces, shading the lizards in their window lairs. (...) The light drummed against his brain, bathing the submerged levels below his consciousness, carrying him downwards into warm pellucid depths where the nominal realities of time and space ceased to exist. Guided by his dreams, he was moving backwards through the emergent past, through a succession of ever stranger landscapes, centred upon the lagoon, each of which, as Bodkin had said, seemed to represent one of his own spinal levels. (...) He longed for this descent through archaeopsychic time to reach its conclusion, repressing the knowledge that when it did the external world around him would have become alien and unbearable.⁸ (BALLARD, 2014:79)

⁸ Em tradução do autor: “Nas seis semanas desde a partida de Riggs, ele tinha vivido quase sozinho em sua suíte na cobertura do hotel, mergulhando cada vez mais e mais fundo no mundo silencioso da selva

Ao contrário de Conrad, Ballard não torna os tambores africanos ou seus tocadores parte da selva, por mais que sua caracterização dos negros seja também extremamente problemática. Os tambores dos subordinados de Strangman não causam senão uma perturbação da paz de Kerans e, posteriormente quando se voltam contra ele, um elemento de sua tortura. Eles são parte da civilização humana que se recusa a aceitar a mudança. O encantamento da selva, o poder hipnótico da natureza está presente sem incluir nenhum humano. Seus tambores são a luz do sol cada vez mais potente e quente, que desperta as memórias mais latentes da psiquê humana, transportando para o passado distante, para além do tempo, quando nada de qualquer civilização humana importa. Se a natureza em Conrad é um domínio tão grande quanto e oposto a civilização, as trevas contra a sua luz, em Ballard, não há oposição ou chance de resistência nenhuma: a natureza é maior ao ponto de tornar qualquer experiência humana coletiva irrelevante.

Neste aspecto, as distopias climáticas de Ballard se aproximam de outra obra clássica sobre a relação humano-natureza: o poema *The Waste Land* de T.S. Eliot. De acordo com *Geoff Berry* (2011), no poema de Eliot, a destruição é necessária para a construção. A oposição entre natureza e civilização é semelhante à de *O Coração das Trevas*, mas a visão tem escopo maior e no final qualquer luz da civilização é necessariamente dispersada pelas forças da natureza. A morte tem um papel essencial no poema: apenas a completa destruição de tudo o que nós acreditamos permite algo novo. Eliot critica os homens modernos como incapazes de serem purificados, possível não através da negação do corpo mortal, mas em transcendência dele enquanto vivos. São as maquinações da produtividade moderna, o apego ao material e o consumismo, que resultam na decadência. Isso se expressa no uso da natureza como replicável e descartável:

The river bears no empty bottles, sandwich papers,
Silk handkerchiefs, cardboard boxes, cigarette ends

ao seu redor. (...) Ficava o dia todo sentado junto as janelas com veneziana da suíte, ouvindo das sombras o movimento da gaiola, a medida que expandia e contraía no calor. Muitas das construções ao redor da laguna já tinham desaparecido debaixo da vegetação proliferante; enormes musgos e calamitas cobriam as faces retangulares e brancas, protegendo os lagartos em seus ninhos nas janelas. (...) A luz tamborilava em seu cérebro, banhando os níveis submersos abaixo de sua consciência, levando-o para baixo em profundezas quentes e transparentes onde as realidades nominais de tempo e espaço deixavam de existir. Guiado pelos seus sonhos, ele estava se movendo para trás através do passado emergente, por uma sucessão de cenários cada vez mais estranhos, centrados na laguna, cada um dos quais, como Bodkin tinha dito, parecia representar um de seus próprios níveis espinhais. (...) Ele ansiava por esse declínio através do tempo arqueopsíquico para alcançar sua conclusão, reprimindo o conhecimento de que, quando isso acontecesse, o mundo externo ao seu redor se tornaria estranho e insuportável.”

Or other testimony of summer nights. The nymphs are departed.⁹ (ELIOT, 2021)

Mas escrito em 1922 antes que a influência da atividade humana fosse compreendida, o papel da mudança climática no poema é, acima de tudo, registrar o decaimento espiritual da civilização pela desertificação. Conforme o mito do Rei Pescador, o homem doente torna a terra doente e maldita.

A influência de Eliot em Ballard é clara particularmente em *The Burning World*, mas o papel fundamental da morte perpassa todas as suas distopias. Para Clarke, Ballard sugere que a mudança climática pode funcionar como um catalisador para mudanças pessoais profundas, o que pode conduzir até a utopia, se estivermos dispostos a dar tudo, até nossa identidade e existência, para obtê-la. Ele vê mesmo a possibilidade do xenocídio – a destruição completa da espécie humana – como algo terrível, mas belo. A jornada de todos os seus protagonistas é atingir a transcendência e superar completamente os seus atuais paradigmas de existência. Aceitar a mudança é parte necessária da utopia, que são sempre cinéticas, móveis, enquanto lutar para a manutenção da velha ordem ou simplesmente pela sobrevivência é inútil. Assim, em *The Drowned World*, apenas Kerans realmente toma um curso significativo de ação, ficando na laguna para compreender seu papel nesse novo mundo e depois marchando para o sul em direção ao sol; fugir como Riggs ou drenar as lagunas como Strangman revela um apego inútil a um mundo que não existe mais. Tanto Kerans como Ransom e Sanders aceitam a mudança climática, mesmo sabendo que conduzirá à própria extinção humana, uma vez que a morte é necessária no caminho da utopia.

De acordo com Jameson (2005), por princípio utopia nenhuma teria como objetivo superar ou abolir a morte. Não é como no Cristianismo onde a morte é o último inimigo a ser destruído (I Coríntios 15:26), mas esta seria parte essencial da experiência humana. Nas perspectivas tanto religiosas como de Jameson, as utopias que subvertem a morte são sempre distopias de fato.

Além desta conexão presente em todas as obras, tematicamente *The Burning World* assemelha-se bastante a *The Waste Land*, compartilhando inclusive o título de um trecho: *The Fire Sermon*, terceiro capítulo do romance de Ballard e terceira parte do poema de Eliot. Ambas as obras tratam da mudança climática para a terra seca, trazendo destruição e morte, conforme os trechos:

⁹ Em tradução do autor: “O rio não tem garrafas vazias, embrulhos de sanduíches, Lenços de seda, caixas de papelão, bitucas de cigarro
Ou outro testemunho das noites de verão. As ninfas partiram.”

I will show you fear in a handful of dust (...)
 We who were living are now dying
 With a little patience (...)
 Here is no water but only rock
 Rock and no water and the sandy road
 The road winding above among the mountains
 Which are mountains of rock without water
 If there were water we should stop and drink
 Amongst the rock one cannot stop or think
 Sweat is dry and feet are in the sand¹⁰ (ELIOT, 2021)

A tragédia é a mesma em *The Burning World*, mas no mundo todo. Em completa escassez, rios se tornam dunas de areia e os barcos dos pescadores se tornam caixões quando todo o lago começa a evaporar sem ter suas águas repostas pela chuva. Sua fonte de vida se reduz a um grande cemitério:

In the sunlight the white carcasses of the fish hung from their hooks in the drying sheds, rotating in the warm air. The boathouses were deserted, and the untended fishing craft were beached side by side in the shallows, their nets lying across the dust. Below the last of the wharfs two or three tons of smaller fish had been tipped out on to the bank, and the slope was covered with the silver bodies. Turning his face from the stench, Ransom looked up at the quay. In the shadows at the back of the boat-house two of the fishermen watched him, their eyes hidden below the peaks of their caps. The other fishermen had gone, but this pair seemed content to sit there unmovingly, separated from the draining river by the dusty boat across their knees, like two widows with a coffin. (...) Across the surface of the lake the pools of evaporating water stirred in the sunlight. Along its southern margins, where the open water had given way before the drought to the creeks and marshes of Philip Jordan's water-world, the channels of damper mud wound among the white beaches. The tall column sand gantries of an experimental distillation unit operated by the municipal authorities rose above the dunes. At intervals along the shore the dark plumes of reed fires lifted into the sky from the deserted settlements, like the calligraphic signals of a primitive desert folk.¹¹ (BALLARD, 2012:27)

¹⁰ Em tradução do autor: "Vou lhe mostrar medo em um punhado de poeira (...)

Nós que vivíamos estamos agora morrendo
 Com um pouco de paciência (...)
 Aqui não tem água, mas apenas pedra
 Pedra e nenhuma água e a estrada arenosa
 A estrada sinuosa acima entre as montanhas
 Se tivesse água nós deveríamos parar e beber
 Entre as pedras não se pode parar ou pensar
 O suor está seco e os pés estão na areia."

¹¹ Em tradução do autor: "À luz do sol as carcaças brancas dos peixes se penduravam de seus anzóis nos galpões de secagem, rodando no ar quente. Os hangares dos barcos estavam desertos, e os barcos de pesca abandonados estavam encalhados lado a lado na parte rasa, suas redes espalhadas pela poeira. Abaixo do último cais, duas ou três toneladas de peixes pequenos tinham sido despejados à margem, e a encosta esta coberta com os corpos prateados. Virando o rosto do fedor, Ransom olhou para o cais. Nas sombras da parte de trás da casa-barco, dois pescadores o observavam, seus olhos escondidos sob as abas de seus bonés. Os outros pescadores tinham ido embora, mas este par parecia contente em se sentar ali imóveis, separados do rio pelo barco empoeirado sob seus joelhos, como duas viúvas com um caixão. (...) Através da superfície do lago, as poças de água evaporando agitavam-se à luz do sol. Ao longo de suas margens ao sul, onde a água aberta antes da seca dava lugar aos riachos e pântanos do mundo aquático de Philip Jordan, os canais lama úmida serpenteavam entre as praias brancas. Os pórticos altos de uma unidade de destilação experimental operada pelas autoridades municipais elevavam-se acima das dunas.

O livro de Ballard com o elenco de personagens mais extenso entre suas três distopias climáticas, ele acompanha o protagonista Ransom enquanto este se move em direção à costa e de volta, revelando como cada um deles lida com a escassez completa que se segue a medida que o meio ambiente se transforma em um deserto árido. Alguns dos personagens da cidade de Larchmont, onde boa parte da trama se passa, espelham o elenco da peça *A Tempestade*, de William Shakespeare, mas versões satíricas, corrompidas, sem humor: Miranda possui o mesmo nome de sua inspiração, embora não tenha nada de sua pureza e inocência, enquanto Quilter é repetidamente chamado de Caliban, sendo uma aberração malformada tanto física como psicologicamente. Aqui, ele também triunfa sobre seu mestre, Richard Lomax, um Prospero cuja “mágica” causa caos no início, mas rapidamente se tornam demonstrações fúteis de um excêntrico: ao contrário do personagem de Shakespeare, ele possui sua Miranda – mas não por estupro – e enche a cidade de pequenos Calibans.

Novamente, a simples busca pela sobrevivência parece fútil e de visão curta e aqueles que utilizam a tragédia para dar vazão as suas fantasias pervertidas de violência e poder – como Lomax, Quilter e o misantropo funcionário do zoológico Whitman – são loucos. Mas Ransom compreende o potencial da catástrofe de conduzir a um novo começo. *The Burning World* também acompanha *The Waste Land* no ato final, quando após o longo período de seca, a chuva finalmente volta:

Dry bones can harm no one.
Only a cock stood on the rooftree
Co co rico co co rico
In a flash of lightning. Then a damp gust
Bringing rain¹² (ELIOT, 2021)

A versão de Ballard não vai além, não mostra as consequências ou o início de um novo ciclo. Dentre suas distopias climáticas, entretanto, é a única que apresenta esperança quanto ao retorno da vida como conhecida. Em *The Drowned World*, as temperaturas continuam subindo e mesmo o assentamento de poucos milhões de pessoas nos polos apenas adiam o inevitável; em *The Crystal World*, o mistério das cristalizações arranja uma explicação científica relacionada a antimatéria e a duplicação de átomos, mas

Em intervalos, ao longo da costa as plumas escuras de fogueiras de junco erguiam-se no céu a partir dos assentamentos desertos, como os sinais caligráficos de um povo primitivo do deserto.”

¹² Em tradução do autor: “Ossos secos não machucam ninguém

Apenas um galo ficou na árvore do telhado
Co co ricó co co ricó
Em um relâmpago. Então uma rajada úmida
Trazendo chuva”

nenhuma solução. Ela é referenciada como “um câncer, mais do que qualquer coisa – e tão curável quanto”, um “processo teoricamente sem fim (...) que pode encher o universo todo, do qual todo o tempo terá expirado”. O único caminho é a aceitação da mudança, mesmo que isso implique a morte e, embora Ballard não os considerasse finais trágicos, uma vez que seus protagonistas se desenvolvem significativamente nos novos mundos emergentes, é difícil negar que para a maioria dos leitores a sensação será de derrota e devastação.

Nesse sentido, o final de *The Burning World* destoa. Ele é ambíguo quanto ao destino de Ransom, mas ainda catártico para os leitores:

Although it was not yet noon , the sun seemed to be receding into the sky, and the air was becoming colder. To his surprise he noticed that he no longer cast any shadow on to the sand, as if he had at last completed his journey across the margins of the inner landscape he had carried in his mind for so many years. The light failed, and the air grew darker. The dust was dull and opaque, the crystals in its surface dead and clouded. An immense pall of darkness lay over the dunes, as if the whole of the exterior world were losing its existence. It was some time later that he failed to notice it had started to rain.¹³ (BALLARD, 2012:196)

A aridez como um elemento narrativo e a discussão de conceitos ecológicos também está presente em outro romance da mesma década que se tornaria um clássico da ficção científica: *Duna*, de Frank Herbert. Publicado originalmente em 1965, mas escrito e pesquisado ao longo de toda a década, a obra tem uma abordagem completamente diferente de Ballard quanto aos seus temas. Embora seja inovadora em diversos aspectos – como o escopo épico inusual para a época em uma obra de ficção científica, e tenha popularizado conceitos ecológicos quando a disciplina ainda era pouco conhecida – seu tratamento da relação civilização-natureza é mais tradicional, calcada na subordinação do mundo natural aos desígnios humanos. O plano do planetólogo Pardot Kynes, herdado por seu filho Liet-Kynes e posteriormente pelos Atreides, é um exemplo de geoengenharia, de acordo com Luiz Marques (2018:661) a mais perigosa forma de presunção antropocêntrica, ao oferecer uma saída fácil para as crises ambientais sem necessidade de diminuição de consumo e gasto energético.

¹³ Em tradução do autor: “Embora ainda não fosse meio-dia, o sol parecia estar retrocedendo no céu, e o ar estava esfriando. Para sua surpresa, ele notou que não lançava mais nenhuma sombra na areia, como se ele tivesse finalmente completado sua jornada através das margens da paisagem interna que carregava em sua mente por tantos anos.

A luz falhou, e o ar ficou mais escuro. A poeira estava parada e opaca, os cristais em sua superfície mortos e turvos. Uma imensa mortalha de escuridão pairava sobre as dunas, como se todo o mundo exterior estivesse perdendo sua existência.

Foi algum tempo depois que ele falhou em notar que tinha começado a chover.”

É claro que não é este o objetivo de Herbert e a transformação de Arrakis, um planeta naturalmente árido e sem precipitação, exige séculos e muitos sacrifícios. Não se trata de uma solução mágica, mas ainda assim o antropocentrismo é evidente na obra, com a natureza assumindo apenas um papel utilitário em relação à sobrevivência da espécie humana. Não intendemos realizar uma análise mais extensa do clássico neste trabalho, embora o clima e a adaptação humana ao ambiente sejam importantes aspectos que a aproximam da ficção climática. Entretanto a comparação com a trilogia de Ballard coloque em evidência que, a despeito destas serem algumas das primeiras obras de distopia climática, ainda contam entre as mais originais.

Se a distopia não é antropogênica, com exceção de *The Burning World*, é porque para Ballard, o mundo é muito maior do que apenas a experiência humana e nisso ele rompe com a perspectiva antropocêntrica radicalmente. Obviamente ele escreve em seu período específico, quando não se tinha consciência da verossimilhança de seus mundos tomados pelo calor e pela seca. Os movimentos ambientalistas, a economia, a política ou a cultura do consumo tem pouco significado para ele, pequenas demais no grande esquema das coisas.

5. UMA PREOCUPAÇÃO GLOBAL

Como mencionado no capítulo anterior, o livro *Primavera Silenciosa* (1962) de Rachel Carson teve um papel crucial em despertar a consciência do grande público sobre o impacto da atividade humana sobre a natureza. Ao longo da década, houve uma revolução ambientalista com enorme crescimento do engajamento social quanto a questões ambientais. Ao final da década, as preocupações de uns poucos cientistas e ativistas conservacionistas tinham se tornado um fervente movimento de massas. No Dia da Terra de 1970, mais de 300 mil americanos marcharam na então maior manifestação ambientalista da história.

A partir da década de 70, a discussão ambiental entra definitivamente na discussão pública. É quando muitos partidos políticos ocidentais começaram a colocar em suas agendas políticas de meio ambiente e, a partir de suas respostas limitadas, que surgem diversos partidos ambientais inteiramente novos (MCCORMICK, 1992:130). O primeiro partido verde surgiu na Nova Zelândia no ano de 1972, seguido ao longo de toda a década por iniciativas na Grã-Bretanha, França, Bélgica, Alemanha Ocidental, Suíça e Luxemburgo. Esta tendência culmina na Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente Humano, realizada em Estocolmo em 1972.

John McCormick afirma que a Conferência de Estocolmo foi o acontecimento isolado que mais influenciou na evolução do movimento ambientalista internacional (MCCORMICK, 1992:112). Ele destaca quatro de suas principais contribuições: primeiro, confirmou a tendência em direção a uma nova ênfase no meio ambiente humano, além das metas limitadas de proteção de áreas ambientais para discutir a relação biosfera-humano; Segundo, ela forçou a colaboração e compromisso entre países mais e menos desenvolvidos. Até então uma preocupação majoritariamente dos países industrializados, sofrendo mais com as consequências da poluição, o modelo das Nações Unidas garantiu que as preocupações dos países em desenvolvimento fossem ouvidas e levadas em conta; Terceiro, a presença de muitas ONGs na conferência marcou o começo de um novo papel para as organizações intergovernamentais. Após Estocolmo houve crescimento do número e qualidade das ONGs e da colaboração entre diferentes organizações; Finalmente, criou-se o Programa do Meio Ambiente das Nações Unidas, um documento limitado, mas que manteve a questão em evidência.

Sobravam poucas dúvidas de a crise ambiental era real e antropogênica, entretanto grandes debates surgiram quanto a resposta adequada a ser tomada. Os extremos do

espectro eram os profetas do apocalipse, ou *doomsday sayers*, e os cornucopianos. Os primeiros chamavam atenção para a seriedade da ameaça e clamavam por mudanças econômicas e culturais radicais para evitar um cataclisma civilizacional. Já os segundos faziam pouco caso das ameaças, afirmando que novas tecnologias resolveriam os problemas apresentados pelas tendências negativas de então. Sua garantia estaria no que Julian Lincoln Simon chamaria de *The Ultimate Resource*, ou o recurso final, em 1981: não qualquer fonte de energia ou matéria prima específica, mas a capacidade humana de inventar e se adaptar (SIMON, 1998). Que a versão revisada de seu livro venha acompanhada de uma apreciação escrita por Milton Friedman, um dos grandes teóricos e bastiões do capitalismo neoliberal, não surpreende.

Outros opositores das crescentes preocupações ambientais são mais diretos. Thomas Shepard chama o livro de Carson de "um ataque à comunidade empresarial, um ataque ao progresso científico e tecnológico, um ataque aos Estados Unidos e um ataque ao próprio homem". Já Petr Beckmann diz que o movimento começou a "degenerar para uma tecnofobia cega. A própria ciência estava sob ataque, os ambientalistas estavam cerceando a atividade científica e reduzindo as novas matrículas nas escolas de física e engenharia" (MCCORMICK, 1992:77). A importância da tecnologia como sustentação do capitalismo infinitamente crescente é evidente.

Em 1980, o cornucopiano Julian Simon e o profeta do apocalipse Paul Ehrlich elaborariam suas crenças em uma aposta quanto aos preços de cinco commodities em dez anos. O biólogo Ehrlich acreditava que, com o aumento da população, ainda na próxima década não haveria fornecimento suficiente de matéria-prima para sustentar seus níveis de consumo e a escassez se tornaria lugar comum, de forma que o preço dos produtos aumentaria. Enquanto Simon, autor de *The Ultimate Resource*, afirmava que os preços diminuiriam. Simon seria o vencedor da aposta quando, em 1990, todos os cinco materiais custavam menos, se ajustados à inflação.

De fato, na década de 80 muitas das previsões mais alarmistas não haviam se cumprido e as discussões eram mais moderadas. Os propagadores do decrescimento eram uma minoria desacreditada e o desenvolvimento econômico voltava a ser visto como um bem desejável, especialmente para os países mais pobres. As demandas ambientais eram parte definitiva da discussão pública – como deixa claro o estabelecimento de partidos verdes pelo mundo todo –, mas agora buscava-se conciliá-las com o aumento da prosperidade propagado pelo capitalismo. O novo princípio seria formulado com o slogan “desenvolvimento sustentável”.

Em 1987, 15 anos após a Conferência de Estocolmo, a Assembleia Geral da ONU formou a Comissão Mundial Sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, com o objetivo de compilar propostas “inovadoras, concretas e realistas” para lidar com o problema. A comissão produziu o documento *Our Common Future*, mais conhecido como Relatório Brundtland, a partir do nome da presidente da comissão e primeira-ministra da Noruega Gro Harlem Brundtland. O relatório subscreve e reforça a necessidade de encontrar respostas que conciliem consciência ambiental e desenvolvimento econômico, afirmando por um lado que a economia ainda possui posição privilegiada na agenda da maioria dos países, mas rejeitando por outro propostas mais radicais.

Na ficção científica, problemas ambientais tornaram-se cada vez mais parte do *worldbuilding* de diferentes autores, com o crescimento do gênero que depois seria nomeado ficção climática, ou *cli-fi*. O ano de 1972, muito importante como vimos para solidificação da agenda ambiental pela realização da Conferência de Estocolmo e pela publicação do relatório fundador *The Limits of Growth*, também verá o lançamento do livro *The Sheep Look Up*, de John Brunner, uma das primeiras obras a realizar um olhar holístico das crises ambientais, compreendendo, além da ciência, seus fatores econômicos, sociais e políticos. Ele será a primeira obra estudada neste capítulo.

Ao longo das décadas de 70 e 80 diversos outros livros, filmes, quadrinhos, absorveram as previsões alarmantes dos profetas do apocalipse, como argumento principal ou secundário. O potencial cataclísmico das mudanças climáticas oferecia uma distopia tão poderosa como a ameaça nuclear, por sua vez já menos angustiante com o relativo arrefecimento das tensões entre os dois blocos da Guerra Fria.

A segunda obra a ser estudada é publicada em outro momento crucial para a consciência pública das crises ambientais. Em 1992, a ONU realiza a Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e o Desenvolvimento no Rio de Janeiro, mais conhecida como ECO-92. Um enorme sucesso em termos de participação e divulgação, a Conferência colocou as crises ambientais no centro da cobertura jornalística. A despeito da resistência – o comitê dos Estados Unidos deixou claro que o modo de vida americano estava fora de negociação, o Japão e a Noruega resistiram as novas proibições quanto a caça da baleia, a Arábia Saudita e outros grandes produtores de petróleo lutaram contra as restrições das emissões de carbono (MCNEIL, 2000:299) –, Luiz Marques afirma que “o universo corporativo foi neutralizado pela imensa exposição a mídia, pelo entusiasmo geral, pelo ímpeto e pelos compromissos assumidos pelos estados para descarbonizar a economia e preservar a biodiversidade” (MARQUES, 2018:54). No ano seguinte, Octavia

Butler publica *A Parábola do Semeador*, segunda obra a ser estudada neste capítulo, trazendo para a distopias climáticas questões até então ignoradas.

5.1. O insustentável modo de vida americano

Como observamos, Ballard foi influenciado pelas discussões de sua época, mas elas são mais um subterfúgio para ele falar da condição humana do que realmente o tema de seus livros. *Primavera Silenciosa*, de Rachel Carson, pode tê-lo influenciado indiretamente, ao trazer para a consciência pública o potencial humano de perturbação da natureza, o que é claro particularmente em *The Burning World*, onde a catástrofe é antropogênica e de origem química. *The Drowned World* e *The Crystal World* deixam evidente, entretanto, que a razão da transformação não importa tanto para Ballard – em ambos os livros a mudança estando completamente fora do controle humano – quanto a forma como os humanos lidam com ela. Mesmo que a perspectiva da trilogia de Ballard rompa com o antropocentrismo ao explorar a pequenez humana ante o poder da natureza e a amplitude do tempo geológico, ao mesmo tempo seu foco é estrito em uma única psiquê humana, seguindo as impressões e decisões de seu protagonista – seja Kerans, Ramson ou Sanders – ao longo de toda obra.

Publicado pela primeira vez uma década após o início da trilogia de Ballard, em 1972, a abordagem de John Brunner em *The Sheep Look Up*, é quase o oposto: com um elenco de personagens tão grande que não se permite debruçar profundamente sobre nenhum, ele destaca as consequências da humanidade, particularmente do modo de vida americano, sobre a natureza, como uma força de desequilíbrio e devastação. Desde o título, os humanos não são tão importantes enquanto indivíduos quanto como coletivo. Os personagens têm personalidade, agência e até importância no rumo da trama, mas mesmo os mais poderosos deles – os irmãos Bamberley, o presidente americano e até Austin Train, por exemplo – se mostram impotentes ante os movimentos naturais e sociais, como veremos. Se o foco de Ballard é psicológico, o de Brunner é social.

Isto pode ser explicado pelo objetivo da obra, que o próprio autor relata no ensaio auto-biográfico “The evolution of a science fiction writer” publicado no livro *The Book of John Brunner* (BRUNNER, 1976), que também nos oferece outras informações úteis para interpretar sua distopia climática.

No ensaio, o autor relata que desde criança, na década de 1930, era um grande fã de ficção científica, tendo iniciado seu interesse lendo as obras de H.G. Wells e depois qualquer livro remotamente do gênero que encontrava. Escreveu sua primeira história aos

nove anos e decidiu então que iria ser um escritor. Sua educação formal não incluiu nada de ciência, mas se destacava em letras. Após finalizar os estudos, Brunner serviu dois anos na Força Aérea britânica no que chama de o período "mais fútil, vazio e, em geral, desperdiçado de sua vida". A rotina lhe entediava e sentia repulsa de estar na companhia de matadores profissionais. A única coisa útil que acreditou tirar da experiência foi a convicção que durou a vida toda de que a mente militar constitui a maior deficiência da raça humana, que essas pessoas sem imaginação ou compaixão possuam o poder de destruir a espécie. Outras classes que afirma desconfiar são:

(...) politicians [who] sacrifice honesty to the exercise of personal power and [...] those so called Christians who bless weapons of war and condone such abominations as the use of atom-bombs, the napalming of Vietnamese children and the sectarian hatreds afflicting Ulster.¹⁴ (BRUNNER, 1976:153)

O desgosto com a hipocrisia do clero não é aparente em *The Sheep Look Up*, mas as outras duas classes são claramente representadas no livro. Quando, no final dos anos 50, começou a vender o suficiente de suas histórias para sustentar sua família e escrever o que vendia não era uma preocupação tão grande, Brunner diz que começou a reparar nas obras de ficção científica no *mainstream* e percebeu uma superficialidade deprimente. Como Ballard, para ele o tempo da euforia maravilhada com as possibilidades infinitas da tecnologia já tinha passado e obras substanciais tinham que examinar o impacto da mudança tecnológica na personalidade humana. Brunner já experimentava com o estilo, mas desejava agora tratar de temas de maior relevância e impacto contemporâneos.

Brunner passa a escrever o que chama de “*close-up science fiction*”, que incorpora elementos clássicos do gênero, mas trata essencialmente do presente, relacionando tropos do gênero com tendências visíveis. O termo se aproxima da distopia de acordo com Tom Moylan: uma extrapolação dos riscos presentes em tendências potenciais ou em ação na sociedade vigente (MOYLAN, 2000). Em *The Sheep Look Up*, Brunner afirma uma preocupação pessoal em exprimir, em formato ficcional, algumas de suas opiniões pessoais, formulando uma distopia ou, em sua definição, uma história de "aviso terrível". Quando a escreveu, ele era de opinião que:

(...) owing to public apathy and the conviction of politicians that concern for the environment was just another fad which by next year will have faded away,

¹⁴ Em tradução do autor: “Políticos que sacrificam honestidade para o exercício de poder pessoal e (...) os chamados cristãos que abençoam armas de guerra e toleram abominações como o uso das bombas atômicas, o uso de napalm contra crianças vietnamitas e os ódios sectários que afligem Ulster.”

pollution does in fact exceed our ability to reverse the destructive process we have set in train.¹⁵ (BRUNNER, 1976:159)

O objetivo de Brunner, portanto, é exprimir seu pessimismo em relação ao futuro da humanidade a partir de seu descaso com o meio ambiente. A distopia climática aqui é inquestionavelmente antropogênica e afeta a toda a coletividade humana.

The Sheep Look Up apresenta uma sociedade distópica em um futuro próximo não especificado. A narrativa se passa ao longo de um ano e apresenta a perspectiva de diversos personagens de diferentes antecedentes e posições sociais, à medida que diferentes colapsos sociais e ambientais conectam suas histórias. Entre os capítulos narrativos, o autor insere propagandas dos produtos e serviços que fazem parte da trama, noticiários de jornal, pronunciamentos do presidente, transcritos de reuniões do Gabinete dos Estados Unidos e outros elementos que contribuem para a construção do mundo.

Nas grandes cidades dos Estados Unidos da América, o ar e a água estão cada dia mais contaminados. Em Los Angeles, as praias são tóxicas, cobertas de lixo e malcheirosas, a água corrente é imprópria para consumo e mesmo assim só acessível em banheiros públicos pagando uma moeda, e o ar é tão poluído que é impossível ficar muito tempo fora sem o uso de uma máscara com filtro. Social e politicamente, também há grande insatisfação e instabilidade: crime, violência e uso de drogas são comuns por toda parte, com a construção de comunidades muradas e vigiadas por guardas armados; as sucessivas guerras que os Estados Unidos realizam por toda a Ásia tornam o serviço militar obrigatório; na América Latina os Tupamaros, um grupo comunista radical, ganha força e conquista territórios; enquanto dentro do país os *trainites*, grupo ambientalista inspirado pelos escritos de Austin Train, são acusados de todo tipo de perturbação, manifestação ou atentado terrorista.

O primeiro personagem apresentado é Philip Mason, executivo em ascensão da companhia de seguros Angel City, que vindo da filial de Denver para uma reunião na sede em L.A. acaba testemunhando a morte de Decimus Jones. Este, aparentemente enlouquecido, pula no meio do tráfego da cidade enquanto se vê perseguido por animais. Com ameaças por toda parte, as seguradoras prosperam vendendo todo tipo de proteção: carros e armas sempre foram fáceis de apresentar como perigosos, já que todo mundo conhece ao menos uma pessoa que se feriu em um acidente, mas agora com a divulgação do potencial tóxico que o DDT e outros produtos químicos apresentam, eles também

¹⁵ Em tradução nossa: "devido à apatia pública e a convicção dos políticos que a preocupação com o meio ambiente era apenas outro modismo que até o próximo ano já terá desaparecido, a poluição de fato excede a nossa capacidade de reverter o processo destrutivo que iniciamos."

conseguem convencer que produtos triviais, como maquiagem ou materiais de construção, também são um risco para suas vidas.

O livro passa para o ponto de vista de Peg Mankiewicz, uma jornalista que vai ao necrotério reconhecer o corpo de Decimus Jones, seu amigo e um *trainita* proeminente, líder de uma unidade do grupo em Denver. Negro, com um passado de delinquente juvenil e parte do grupo subversivo, ela acredita que atribuirão sua morte ao uso de algum alucinógeno, mas ela sabe que ele era completamente são e não usava nenhuma droga mais. Ela decide ir visitar Austin Train, o intelectual que inspirou o movimento e Decimus em particular.

Um trecho conta sobre Leonard Ross e Dr. Isaiah Williams, membros do Globe Relief, maior organização humanitária do mundo, que atualmente investigam o uso de químicos em plantações na América Central que causaram o surgimento dos *jigras*, nova espécie de minhoca que destrói plantações e é resistente a todos os tipos de pesticidas. No popular programa de televisão apresentado por Patronella Page, o professor da Universidade de Columbia Lucas Quarrey, especialista em precipitação de partículas, revela que a maior importação dos Estados Unidos atualmente é oxigênio e a maior exportação são gases nocivos. Também aponta para o preocupante fato de que o público geral acreditar que coisas estejam melhorando após a passagem de um novo Ato Ambiental, mas ele afirma que é uma ilusão de ótica: Ato não faz o suficiente, permite muitas isenções, atrasos e evasões e, ao permitir que as pessoas deixem de se preocupar e sigam com a sua vida menos vigilantes, pode causar mais mal do que bem.

De volta a Califórnia, o milionário Jacob Bamberley desenvolve orgulhosamente um novo produto a partir da mandioca chamado *nutripon*, com que pretende resolver a crise alimentícia global. No centro de Los Angeles, Peg vai conversar com Austin Train, que vive anonimamente entre os pobres, após sofrer uma crise nervosa ao ser subitamente colocado debaixo dos holofotes anos atrás quando publicou seu livro *Handbook for 3000 AD*. Ele não pode lhe ajudar muito quanto a Decimus, a despeito de usarem seu nome não tem relacionamento algum com os *trainites*. Até ressentido a violência que causam em seu nome e teme que em algum momento um deles exploda uma bomba atômica. Após seu sumiço mais de 200 simpatizantes assumiram seu nome.

O último trecho do mês de janeiro nos apresenta Lucy Ramage, uma enfermeira neozelandesa que trabalha no Globe Relief na vila africana de Noshri. O país acabou de passar por uma imensa guerra civil, consequência, entre outras coisas, da morte do Mar Mediterrâneo por excesso de poluição. O uso de armas químicas durante a guerra

envenenou ainda mais os recursos naturais da região, levou a carestia e a agitação social, particularmente direcionada aos países europeus, maiores descarregadores de lixo e esgoto no Mediterrâneo, e agora dependem de ajuda humanitária para sobreviver. Neste dia, os voluntários distribuem um carregamento de *nutripon* entre os locais, mas o produto causa um efeito alucinógeno, gerando uma noite de caos e violência.

Em janeiro, a passagem de um avião supersônico sobre um resort de ski no Colorado produz uma avalanche que mata milhares, levando a ruína de Philip Mason, que vendeu o seguro para a maioria das casas da região afetada. Ao mesmo tempo, o seu exército expulsa o Globe Relief do país africano e o general acusa o governo americano de enviar a comida envenenada propositalmente, em mais uma demonstração de colonialismo e enfraquecimento dos países não-brancos. Ross e Williams são mortos em Honduras, com indicações de outra onda de alucinações causadas pelo *nutripon* distribuído. Em resposta aos escândalos, Jacob Bamberley vai ao programa de Petronella Page e tenta defender o processo de suas plantações, a despeito de toda desconfiança do público quanto a química e a tecnologia.

Em fevereiro, Peg pede demissão após insistir em investigar a morte de Decimus, quando seu editor, movido por preconceitos quanto aos *trainites*, acredita que ele estava mesmo drogado. Lucy é resgatada após a reabertura de Noshri, mas após ter visto tantos horrores perdeu a sanidade, precisa de remédios para conseguir dormir a noite e tem raiva dos americanos que, crê, mandaram o produto infectado. Morde um jornalista americano e acaba sendo mandada para um hospital psiquiátrico. Outros dois personagens importantes tomam seu rumo: Hugh Pettingill, filho adotivo do Sr. Bamberley, o acusa de ter envenenado os africanos e foge de casa com intenção de se juntar aos *trainites*; e Michael Advowson, médico do exército irlandês, é convocado pela ONU para investigar com neutralidade as plantações de mandioca de Bamberley.

Em março, Peg dirige junto com Felice, irmã de Decimus, em direção a base dos *trainites* em Colorado e no caminho acabam dando carona para Hugh Pettingill. Na América Latina, os Tupamaros ganham território e, em resposta, o presidente americano forma o Bastião do Pacífico, formado pelos países brancos e pelas ditaduras militares latino-americanas, enquanto no interior ataques terroristas se tornam mais comuns, usando bombas ou napalm. Em Denver, Philip Mason arranja um novo emprego com Alan Grossler e Peter Goddard, importando e instalando filtros de água, cada vez mais em demanda. Advowson, Lucy Ravage e Sr. Arriegas, um agente do governo uruguaio

Tupamaro, vão juntos para a ONU, onde participarão ou serão ouvidos pelo comitê de investigação do evento em Noshri.

Em Abril, apesar das controvérsias em relação ao produto, congressistas insistem em comprar carregamentos de *nutripon* para alimentar a população do país, cada vez mais pressionada pela fome. Gerry Thorne e Moses Greenbriar, de férias nas Ilhas Virgens, comentam que testes diversos foram realizados com o produto na fábrica e nenhum problema foi encontrado, mas a desconfiança da população é grande, de forma que o governo planeja uma demonstração pública com a Bamberley.

Na unidade dos *trainites* em Colorado, Hugh não se adapta a vida comunitária e pacífica. Eles plantam e tiram da terra o que precisam para viver, tem oficinas de artesanato para produzir suas próprias roupas e móveis, mas ele sente que é uma fuga do mundo real: estão se preparando para sobreviver ao apocalipse, mas não fazendo nada para evitá-lo. Preferiria aprender a fazer bombas e lutar contra os poderosos que destruíram o mundo, ou conscientizar aqueles que ignoram os horrores que ocorrem no mundo, mas as pessoas ali só parecem querer viver. Só se dá bem com Carl Travers, outro jovem e forasteiro como ele, que também anseia por fazer mais. Eventualmente, vão embora juntos.

Advowson sofre e fica enojado com a vida em Nova Iorque: desde que chegou, foi assaltado e esfaqueado, pegou conjuntivite e uma infecção de pele por se barbear com a água da torneira; o Sr. Arriegas foi espancado quase até a morte por ser um comunista, maioria das crianças nasce com alguma deficiência, é impossível plantar qualquer coisa e a chuva é ácida. É chamado por Thorne e Greenbriar para ser um par de olhos neutro que aprovará a utilização do *nutripon* para a alimentação dos americanos esfomeados, mas um atentado com carro bomba interrompe sua reunião. Por todo o país, uma epidemia de enterite se espalha, matando muitas crianças pequenas.

Maior narra as diversas consequências da epidemia de enterite: um enorme número de pessoas com diarreia ao mesmo tempo coloca uma pressão no sistema de saneamento básico, tornando os avisos de “não beber” mais frequentes, exatamente quando as pessoas estão desidratadas. Sem dar conta de sanear, a água e a comida se tornam ainda mais contaminados, espalhando a doença em uma bola de neve. Pragas domésticas – ratos, pulgas, piolhos – são todos resistentes aos pesticidas, devido a décadas de contato, da mesma forma que quase todas as bactérias são resistentes a ação dos antibióticos, devido a presença destes em diversos produtos animais. Como a polícia também sofre com epidemia ao mesmo tempo que a insatisfação popular está no auge, há uma onda de crimes

e protestos violentos. Finalmente, jigras, outra das pestes resistentes, se espalham pelo país, destruindo suas plantações e gerando ainda mais demanda por alimentos.

Em Junho, Philip e Alan lançam seu filtro com enorme sucesso, já que a epidemia de enterite persiste, mas as tensões continuam crescendo: carros militares ocupam as ruas se preparando para uma guerra civil, governo americano usa desfolhantes na guerra contra os Tupas e os preços continuam subindo. Em Nova Iorque, Peg, trabalhando novamente como jornalista, se encontra com Lucy e Arriegas, que lhe obrigam a experimentar um pouco da mandioca contaminada usando uma arma. Pouco depois, ocorre a demonstração pública de queima da *nutripon*, mas jovens subversivos aparecem e querem roubar o carregamento para comer, com o objetivo de ficarem completamente loucos: estão desesperados com suas condições de vida e buscam qualquer maneira de darem vazão a sua revolta. Advowson que sabe que aquele carregamento é puro, lhes oferece um pouco para prová-lo, mas o coronel que vigia a operação abre fogo contra eles, matando também o médico irlandês.

O evento culmina na morte de 63 pessoas, incluindo 4 militares e aumenta ainda mais as tensões em julho: militares aparecem em massa no funeral coletivo, colocam a culpa em Advowson, proclamando ódio a ONU, aos subversivos e antiamericanistas, seus discursos são patrióticos e racistas, chegando até mesmo a queimar uma cruz, símbolo da Ku Klux Klan. Do outro lado, o fracasso das operações da companhia Bamberley leva a tensões em sua família e, por fim, a morte de Jacob Bamberley. Há atentados por todo o país, explosões de postos de gasolina, liberação de gases tóxicos, napalm, estupros coletivos, explosão de pontes. Com o aumento do poder e da violência policial, Hugh, Carl e um dos impostores de Austin Train resolvem sequestrar Hector, o filho de Roland Bamberley, irmão mais novo e herdeiro de Jacob, exigindo como resgate a instalação grátis de filtros para a população pobre. Roland, um militar da reserva, patriota e impiedoso, se recusa a pagar o resgate. Se recusa até a admitir que a água, que continua causando doenças infecciosas intestinais diversas, seja impura.

No final do julho, Peg acorda no hospital após passar todo o mês desacordada. O Dr. Prentiss lhe ajuda a lembrar que Lucy e Arriegas foram mortos pelo FBI e tenta tirar mais informações dela. O médico trabalha para o governo e estão atrás de Austin Train, desejando puni-lo em público para desestimular seus seguidores.

Em agosto, os filtros começam a falhar. Mason recebe uma série de reclamações e descobrem que uma bactéria está lhes contaminando ao ponto de mudar a sua cor. Alguns dos principais *trainites* fazem uma reunião para discutir alimentação – já que os

jigras vem destruindo suas plantações – filtros de água e violência no país quando um avião passa e dispara balas e coquetéis molotov contra eles. Esse ataque finalmente faz Austin Train resolver reemergir novamente, indo até Nova Iorque para pedir a ajuda de Felice para aparecer no programa de Petronella Page. Quando o arranjo é anunciado, oficiais do governo discutem essa informação: desejam matá-lo, mas ele faz preparativos deixando uma fita gravada, que poderia apenas ganhar poder com seu martírio. O Estado proclama por fim que a contaminação do carregamento de *nutripon*, o surgimento dos jigras e o evento nas plantações Bamberley foram um ataque coordenado aos Estados Unidos.

No começo de setembro, Hugh e seus companheiros resolvem soltar Hector, já que Roland Bamberley realmente se recusa a pagar o resgate e alimentá-lo está custando caro. De volta para casa, o jovem rico é examinado pelo médico e revela todos os problemas típicos: pulgas, piolhos, infecções diversas, problemas estomacais, além de gonorreia e sífilis. Ainda atordoado, mas se lembrando das conversas de seus sequestradores, Hector fala que foi Austin Train o perpetrador. Quando chega o esperado dia da entrevista de Train por Petronella, o programa atinge audiências recorde, mas, assim que o show começa, agentes do FBI aparecem e prendem o ecologista pelo sequestro de Hector Bamberley.

Os problemas continuam por todo o país, mas em Denver tudo piora uma manhã quando os mesmos sintomas que atingiram Noshri e a vila em Honduras conduzem ao caos generalizado na cidade: Philip, Alan e Pete são obrigados a matar um de seus colegas de trabalho, as pessoas se matam e provocam incêndios nas ruas e, ao chegar em casa, Philip descobre que seu filho pequeno matou a irmãzinha. Após o evento, o governo americano declara lei marcial no país. Em pronunciamento, o presidente afirma que estão em guerra contra inimigos dos Estados Unidos: fecham todas as ONGs, grupos de proteção aos direitos civis, editoras de esquerda e convoca todos os americanos saudáveis da reserva do exército para estabelecer a ordem.

Ao longo de outubro, os personagens têm que lidar com a diminuição das liberdades civis e as pressões do exército, enquanto todos os problemas ambientais e de saúde pública continuam piorando. Austin aguarda o julgamento sem contato algum com o mundo. Apenas em novembro, ele é finalmente julgado em um espetáculo público: o governo transmite para uma audiência ainda maior, esperando condená-lo diante de seus detratores e apoiadores. Entretanto, tão logo ele é trazido para dentro do tribunal, Hector, a principal testemunha, exclama que aquele não é o homem que o sequestrou e o caso cai

por terra. Este era o plano de Train o tempo todo, lhe dando uma plataforma ainda maior para falar o que precisa ser dito e ainda demonstrar a estupidez e irracionalidade de seus adversários, prova da diminuição da inteligência nos últimos anos, segundo ele.

Com a atenção da maioria dos americanos, ele explica tudo o que ocorreu: um terremoto – cada vez mais comuns por causa da atividade humana – libertou uma arma química, desenvolvida anos antes e descartada sem cuidado em barris pelo exército. Ela contaminou a fonte de água da plantação de *nutripon* no carregamento levado para Noshri e Honduras e, posteriormente com a avalanche, também contaminou o fornecimento de água de Denver. Já a morte de Decimus foi um acidente causada pelo consumo de um pouco de *nutripon* dado por Carl, então funcionário da companhia Bamberley, como presente antes da viagem para Los Angeles. Os jigras, por sua vez, não são um ataque proposital aos Estados Unidos, mas uma mutação das minhocas causada pelo uso excessivo de pesticidas, semelhante ao que acontece com as pulgas e bactérias que perturbam a todos.

Austin Train faz um apelo aos ouvintes:

And because of that"-he drew himself up straight-"at all costs, to me, to anyone, at all costs if the human race is to survive, the forcible exportation of the way of life invented by these stupid men must...be... stopped." (...) "The planet Earth can't afford [our way of life]!"¹⁶ (BRUNNER, 1972:415)

Ele clama para que os americanos fiquem nos Estados Unidos: já é tarde demais e eles já estão condenados, mas se pararem de espalhar sua ideologia e seus produtos pelo mundo, pode ser que o mundo se salve. Nesse momento, o presidente manda cortar a transmissão e pouco depois um atentado a bomba mata a todos dentro do tribunal.

Após o evento, as tensões sociais não se aliviam, mas apoiadores do governo e dissidentes continuam se matando. Thomas Grey, um programador e atuário antigo patrão de Philip Mason na Angel City que vem ao longo de todo o livro desenvolvendo um programa de simulação para prever e solucionar problemas de escopo global, vai ao programa de Patronella. São frequentemente interrompidos por anúncios do comando militar e ameaças ao estúdio, mas Grey não se preocupa, já que a solução proposta por sua simulação ironicamente já está se encaminhando: o balanço da biosfera só se dará com extermínio de 200 milhões dos mais extravagantes e desperdiçadores da espécie.

¹⁶ Em tradução do autor: "'E por causa disso' - Ele se ergueu ereto. - 'a todo custo, para mim, para qualquer um, a todo custo, para que a raça humana sobreviva, a exportação forçada do modo de vida inventada por esses homens estúpidos deve... ser... parada.' (...) 'O planeta Terra não pode bancar [o nosso modo de vida]'"

O livro de Brunner tem muito em comum com *Os Mercadores do Espaço* de Pohl e Kornbluth. Ambos opõem o consumismo e produção de dejetos humanos incentivados pelo governo central e grandes corporações a um movimento subversivo e perseguido que advoga um estilo de vida mais limpo, harmonioso com a natureza e condizente com os limites da biosfera: os *consies* em *Os Mercadores do Espaço* e os *trainites* em *The Sheep Look Up*. Não por acaso, tanto o apelido dos conservacionistas, como o nome oficial dos *trainites* – *commensalist* ou *commie* – evocam os comunistas. Ambos os livros apresentam um mundo superpopuloso tomado pela poluição da água e do ar, com crises alimentícias da qual grandes corporações se aproveitam, personagens que trabalham para essas corporações e tem suas visões de mundo desafiadas – Mitchell Courtenay e Philip Mason – e uma crise ambiental global e antropogênica, que corrompe o planeta e o torna próximo de inabitável.

Mas, publicado 20 anos depois, quando as consequências e demandas das crises ambientais se tornaram parte central da discussão política, a discussão que o livro de Brunner realiza é mais madura, tanto em termos de robustez científica para as ameaças práticas de seu mundo, como também na seriedade com que leva essas ameaças. Escrito após várias obras fundadoras do movimento ambientalista e em um momento de particular insatisfação social, *The Sheep Look Up*, de acordo com os conceitos de Tom Moylan (2000), pode ser considerada uma distopia anti-utópica em seu pessimismo brutal quanto ao futuro da humanidade, deixado claro pelo final do livro, em que apenas a morte de todos os americanos pode talvez salvar o mundo. Se em *Os Mercadores do Espaço*, os *consies* terminam em uma nave espacial indo para outro planeta de que pretendem cuidar, Brunner escreve no artigo mencionado anteriormente:

(...) I don't believe in the colonisation of Mars any more. I don't believe in the Galactic Federation. I don't believe in the imminent advent of the time-machine. (...) On the other hand I do believe very firmly indeed that we ought all to be concerned about the future because that is where we shall spend the rest of our lives...¹⁷ (BRUNNER, 1976:161)

Quanto a robustez científica das ameaças, ela é consequência de obras então recentemente publicadas, consideradas até hoje importantes marcos do pensamento conservacionista. Em conjunto com outros três livros que também se debruçam sobre as consequências temíveis de tendências de seu tempo – *Stand on Zanzibar* (1968) trata

¹⁷ Em tradução do autor: "Eu não acredito mais na colonização de Marte. Não acredito na Federação Galáctica. Não acredito no advento iminente da máquina do tempo. (...) Por outro lado, eu acredito muito firmemente que todos devemos nos preocupar com o futuro, porque é nele que iremos passar o resto de nossas vidas..."

diretamente da explosão populacional, *The Jagged Orbit* (1969) das tensões raciais e *The Shockwave Rider* (1975) da ampliação das redes de comunicação – *The Sheep Look Up* é considerada parte do “*Club of Rome Quartet*”, nomeado a partir do Clube de Roma (O’NEIL, 2018), uma organização criada para discutir as múltiplas crises afetando a humanidade e o planeta (CLUB OF ROME, 2021). Da mesma forma, a distopia de Brunner não tem um único grande cataclisma, mas narra uma “morte por mil cortes”.

Por exemplo, se a influência de *Primavera Silenciosa* (1962) de Rachel Carson sobre Ballard foi indireta, através do debate público que inspirou, Brunner se apropria diretamente de diversas das preocupações trazidas pelo livro. Ela fala de:

Substâncias [sintéticas], (...) utilizadas na guerra do Homem contra a Natureza. A partir de meados de 1940, mais de 200 substâncias químicas, de ordem básica, foram criadas, para uso na matança de insetos, de ervas daninhas, de roedores e de outros organismos que, no linguajar moderno, se descrevem como sendo "pestes" ou "pragas" (...)

[Estas] são agora aplicados quase universalmente em fazendas, em jardins, em florestas, em residências; são substâncias químicas não-seletivas, que têm poder para matar toda espécie de insetos — tanto os "bons" como os "maus"; têm poder para silenciar o canto dos pássaros e para deter o pulo dos peixes nas correntezas; para revestir as folhas das plantas com uma película mortal, e para perdurar, embebidas no solo. (...) Pode alguém acreditar que seja possível instituir semelhante barragem de venenos, sobre a superfície da leira, sem a tomar inadequada para a vida toda? Tais substâncias não deveriam ser denominadas "inseticidas" e sim "biocidas".

À partir de quando o DDT foi colocado a disposição do uso civil, um processo de escalção tem estado em marcha pelo qual materiais cada vez mais tóxicos devem ser encontrados, isto aconteceu porque os insetos, numa reivindicação triunfante do princípio de Darwin, relativo à sobrevivência dos mais fortes e mais adequados, desenvolveram super-raças imunes aos efeitos do inseticida. (CARSON, 1969:17)

Esse processo pode ser visto no livro de Brunner, quando Leonard Ross e Dr. Williams investigam e descobrem que "this area's been sprayed and soaked and saturated with insecticides! (...) [That] made the jigras resistant to DDT, heptachlor, dieldrin, pyrethrum, the bloody lot!" (BRUNNER, 1972:37). As substâncias tóxicas afetam toda a vida conforme avisado por Carson: maior parte da comida e bebida possuem resquícios químicos, com os produtos da Puritan, supostamente puros, custando substancialmente mais; morte dos pássaros e peixes; Jeannie Goddard é avisada pelo médico que, como a maioria das mães, não poderá amamentar, já que possui muito DDT em seu leite.

Os tóxicos presentes no livro não são apenas inseticidas, entretanto, e muitos dos agentes de contaminação que possuem um importante papel na trama são propositalmente projetados como armas químicas. Outra importante fonte para o autor se evidencia: a recém finalizada Guerra do Vietnã. Desfolhantes, como o Agente Laranja, foram usados em massa durante o confronto e suas consequências, ecológicas e para a saúde, perduram.

No livro, desfolhantes usados na Guerra Civil do país africano não nomeado são os responsáveis pela contaminação de seus rios, são novamente usados contra os Tupamaros em Honduras e resquícios ainda são encontrados mesmo na América, com a maioria das crianças possuindo algum tipo de deformação. A influência da guerra na obra obviamente vai muito além das armas químicas. Já mencionamos com as próprias palavras de Brunner seus sentimentos de desdém em relação a militares e políticos e, na obra, fica claro que os interesses da liderança americana estão muito longe dos de seus cidadãos. Para justificar as múltiplas campanhas militares que executa especialmente na Ásia, o presidente afirma ter formado:

(...) "The Pacific bastion"-in other words, a white alliance including Australia, New Zealand and what few Latin American countries were still right-wing dictatorships, designed to contain the pro-Chinese, neo-Marxist tidal wave surging around the planet.¹⁸ (BRUNNER, 1972:136)

O irlandês Advowson se choca com o excepcionalismo americano, quando a despeito de todos os horrores ao seu redor, o presidente e metade da população continuam acreditando ser o melhor país da terra e estão prontos para espalhá-lo por todo o mundo. O general Zaika, ao expulsar o Globe Relief de seu país, afirma que:

Americans go to any length to prevent an independent country whose government does not have white skin. Colored governments must bow to Washington. Consider China. Consider Vietnam, Cambodia, Laos, Thailand, Ceylon, Indonesia.¹⁹ (BRUNNER, 1972:74)

Austin Train, em seu apelo final, não apenas rejeita a ideia de que o modo de vida americano seja superior aos demais, mas afirma que é, na verdade, o pior e está conduzindo diretamente a morte do planeta. Esta conclusão é semelhante a divulgada pelo Clube de Roma no relatório *The Limits of Growth*. Nele, os autores Donella H. Meadows, Dennis L. Meadows, Jørgen Randers e William W. Behrens III utilizam modelos de computador para simular as consequências da interação entre o planeta Terra e os sistemas humanos e chegam a conclusão de que em um sistema fechado como a Terra é impossível que a população, produção de comida, industrialização, exploração de recursos naturais e poluição do meio ambiente continue a crescer sem, mais cedo ou mais tarde, acabe colapsando (COLOMBO, 2001). O relatório afirma que, para prevenir o desastre, um

¹⁸ Em tradução do autor: "'O Bastião do Pacífico' - em outras palavras, uma aliança branca incluindo Austrália, Nova Zelândia e os poucos países latino-americanos que ainda eram ditaduras de direita, designado para conter a onda pró-chinesa, neomarxista que surge ao redor do planeta."

¹⁹ Em tradução do autor: "Americanos fazem qualquer coisa para impedir um país independente cujo governo não tem pele branca. Governos de cor devem se curvar a Washington. Considere a China. Considere o Vietnã, Camboja, Laos, Tailândia, Ceilão, Indonésia."

compromisso coletivo seria necessário para acabar com o crescimento indiscriminado da economia.

Ambos publicados em 1972, eles refletem um debate crescente que opõe a economia clássica aos limites da biosfera. Outras obras importantes que chegam a conclusões semelhantes são *The Population Bomb*, do biólogo Paul Ehrlich, e *The Entropy Law and the Economic Process*, do matemático e economista Nicholas Georgescu-Roegen. A primeira foi publicada em 1968 com grande sucesso, tendo se tornado um best-seller, e é fácil enxergar a influência no livro de Brunner das previsões catastróficas que Ehrlich faz:

The battle to feed all of humanity is over. In the 1970s and 1980s hundreds of millions of people will starve to death in spite of any crash programs embarked upon now. At this late date nothing can prevent a substantial increase in the world death rate. (...) [Our children] will inherit a totally different world, a world in which the standards, politics, and economics of the past decade are dead.²⁰ (EHRlich, 1988)

O biólogo coloca ênfase específica no crescimento populacional, pelo que recebeu críticas de apenas repetir os argumentos malthusianos. A abordagem de Georgescu-Roegen, por sua vez, é mais holística: afirma que as diferentes propriedades da matéria não são simplesmente a soma de suas partes, mas geram coisas novas em sua interação, em um princípio que chama de “emergência da novidade por combinação”. Este princípio estaria presente desde o átomo até às formas sociais (MARQUES, 2018:526). Ao lidar com todos esses elementos, a ecologia seria um domínio mais amplo que a ciência econômica e deveria, portanto, absorvê-la.

É uma inversão dos valores clássicos, presente no livro na figura do presidente e dos irmãos Bamberley, em que o crescimento da economia é o valor supremo a ser buscado, independente dos amplos problemas ambientais destruindo o mundo por toda parte. Como Austin Train, Georgescu-Roegen insiste que não apenas diminuir o ritmo do crescimento ou até pará-lo é o suficiente, mas é necessário o decréscimo da economia para possibilitar a manutenção da vida no planeta a longo prazo (LEVALLOIS, 2010). O modo de vida consumista propagado pelos Estados Unidos como o ideal e levado forçosamente aos outros países é incompatível com a biosfera finita.

²⁰ Em tradução do autor: “A batalha para alimentar toda a humanidade acabou. Nos anos 1970 e 1980 centenas de milhões de pessoas vão morrer de fome a despeito de qualquer programa de emergência iniciados agora. Neste momento, nada pode ser feito para prevenir um aumento substancial na taxa de mortalidade no mundo. (...) [Nossos filhos] herdarão um mundo totalmente diferente, um mundo em que os padrões, a política, e a economia da última década estão mortos.”

John Brunner ainda diz que: “They've been warned over and over, by Austin, by Nader, by Rattray Taylor, everybody”, mencionando o ativista Ralph Nader, figura importante dos Estados Unidos para a promoção política das demandas ambientais, e o escritor britânico Gordon Rattray Taylor, cujo livro *The Biological Time Bomb* de 1968 propôs diversas previsões dos rumos da tecnologia. Tanto *The Limits of Growth* quanto *The Sheep Look Up* são escritos em um momento crucial e refletem o crescimento das preocupações ecológicas nas mentalidades, tanto no âmbito acadêmico quanto popular.

The Sheep Look Up, como os livros de Ballard anteriormente, reflete também a mudança de mentalidades dentro da ficção científica quanto ao papel salvador dos cientistas e da tecnologia. Mesmo Austin Train, o pensador mais influente e brilhante da narrativa, não resolve o problema levando os *trainites* para outro planeta ou inventando uma máquina que limpe os rios e gere bons alimentos. Ele ainda é um intelectual e defende ardentemente a inteligência e razão, essenciais para colocar as mudanças climáticas na perspectiva necessária, contra a ignorância dos políticos cegos pela ganância e amor pelo poder, que creem tudo voltará ao normal simplesmente deixando o tempo passar. Mas, sem confiança no desenvolvimento tecnológico para resolver a questão, não há atalho: a mudança necessária é de estilo de vida.

5.2. A distopia crítica de Octavia Butler

Em *The Sheep Look Up*, a comunidade dos *trainites* é informe e quase accidental. A despeito das diretrizes claras elaboradas em um manual por Austin Train, o título acaba se referindo a qualquer indivíduo subversivo de dentro dos Estados Unidos, revoltado contra as políticas exploratórias e degradadores do governo e contra as companhias que lucram com a desgraça da população. A narrativa passa pouco tempo nas unidades dos que realmente seguem o modo de vida “comensalista” descrito por Train e nenhum dos muitos personagens cujo ponto de vista acompanhamos é um deles. Afinal de contas, não importa: é tarde demais para “salvar” o país, como o intelectual queria, e apenas a sua aniquilação pode garantir a sobrevivência do planeta.

Em *A Parábola do Semeador*, publicado originalmente em 1993, Octavia Butler também constrói um grupo subversivo, alternativo ao modo de vida americano, e o coloca no centro da narrativa. A autora afirma que seu objetivo era contar a história, em uma autobiografia ficcional, de Lauren Olamina, a criadora de uma nova religião que dá sentido à vida de pessoas em um período de crise e trauma generalizados. O novo modo de vida importa aqui porque, mais do que oposição as crises que ameaçam o modo de

vida moderno, ele é uma oposição ao próprio modo de vida moderno em busca de um novo sistema de crenças e costumes baseado no igualitarismo e liberdade.

De acordo com a metodologia de Peter Gay (2010), a psicologia da autora mais uma vez se mostra relevante para buscar em sua obra interpretações específicas de seu contexto histórico e literário. Neste trabalho, Octavia Butler é bastante única: dentre os autores trabalhados até aqui todos são brancos e, exceto por Anna Bowman Dodd, todos são homens. Trata-se de um reflexo do campo da ficção científica, uma área da literatura tradicionalmente dominado por homens brancos. Butler não é a primeira escritora do gênero a lidar com questões como racismo, escravidão, machismo e classismo em seus livros – como visto no capítulo anterior, John Brunner, por exemplo, perpassa por muitas dessas questões –, mas o lugar de fala dela, como a escritora negra mais bem sucedida e laureada da história da ficção científica até aqui, nos oferece *insights* valiosos.

Octavia Butler nasceu na Califórnia em 1947, filha de um engraxate e uma empregada doméstica (BUTLER, 2018). Seu pai faleceu quando ela era criança e ela foi criada pela avó e pela mãe, que ela lembra como uma grande influência em sua carreira e obra. Com apenas três anos de escola, sua mãe lia para ela desde os seus seis anos e a incentivava a estudar, lhe trazia livros que seus patrões jogavam fora. Quando Butler tinha 10 anos, ela lhe comprou uma máquina de escrever e eventualmente pagou um agente literário que lhe custou mais do que um mês de aluguel (BUTLER, 2005). Em uma entrevista, ela explica o paralelo entre a vida de sua mãe e os temas e personagens de sua obra:

My mother did domestic work and I was around sometimes when people talked about her as if she were not there, and I got to watch her going in back doors and generally being treated in a way that made me... I spent a lot of my childhood being ashamed of what she did, and I think one of the reasons I wrote *Kindred* was to resolve my feelings (...) My mother was born in 1914 and spent her early childhood on a sugar plantation in Louisiana. From what she's told me of it, it wasn't that far removed from slavery, the only difference was they could leave, which eventually they did.²¹ (KENAN, 1991)

²¹ Em tradução do autor: “Minha mãe fazia trabalhos domésticos e eu estava por perto às vezes quando pessoas falavam dela como se ela não estivesse lá, e eu pude vê-la entrando pelas portas dos fundos e sendo tratada de forma que me fez... Passei muito da minha infância envergonhada do que ela fazia, e penso que uma das razões que escrevi *Kindred* foi para resolver meus sentimentos. (...) Minha mãe nasceu em 1914 e passou sua primeira infância numa plantação de açúcar em Louisiana. Pelo que ela me contou, não era muito diferente de escravidão, a única diferença é que eles poderiam ir embora, o que eventualmente eles fizeram.”

A marginalização e o trabalho análogo a escravidão serão temas importantes também na *Parábola do Semeador* e na *Parábola dos Talentos*. Butler descreve possuir desde muito jovem o que chama de “obsessão positiva” em se tornar uma escritora profissional. Escrevendo e submetendo para publicação desde os treze anos histórias que seriam repetidamente rejeitadas, ela passou toda a adolescência e maior parte dos seus 20 anos colecionando rejeições impressas. Só aos 23 anos venderia pela primeira vez duas histórias curtas e, logo em seguida, passaria mais cinco anos sem publicar nada. Durante esse período possuiu uma série de empregos em escritórios, fábricas e armazéns que odiava, ao ponto de perder a confiança própria. Ela lembra:

There seems to be an unwritten rule, hurtful and at odds with the realities of American culture. It says you aren't supposed to wonder whether as a Black person, a Black woman, you really might be inferior — not quite bright enough, not quite quick enough, not quite good enough to do the things you want to do. (...) You're supposed to know you're as good as anyone. (...) I didn't talk much about my doubts. (...) But I did a lot of thinking — the same things over and over. Who was I anyway? Why should anyone pay attention to what I had to say? Did I have anything to say? I was writing science for God's sake. At that time nearly all professional science-fiction writers were white men.²² (BUTLER, 2005:108)

Finalmente, aos 28 anos ela vendeu seu primeiro romance e alcançou sua obsessão de longa data. As protagonistas de Butler, quase invariavelmente mulheres negras, são baseadas em sua mãe e na própria autora, inclusive Lauren Olamina em *A Parábola do Semeador*. Escrito em primeira pessoa, o foco é semelhante ao de J.G. Ballard: vemos através dos olhos de um único personagem que interpreta o mundo e suas mudanças.

O livro é dividido em quatro partes, cada uma narrando um ano entre 2024 e 2027. No começo da narrativa, Lauren Oya Olamina é uma garota de 15 anos que vive com o pai, a madrasta e os irmãos em uma Califórnia distópica, em que crises ambientais conduziram o mundo a um estado de caos e desorganização social. Eles vivem em uma comunidade fechada na cidade de Robledo, cercada de muros com arames e pesados portões trancados a chave dia e noite. Milhares de sem-teto miseráveis vivem ao redor, bem como criminosos e viciados em drogas, instáveis e perigosos. Exceto pelos que

²² Em tradução do autor: “Parece existir uma regra não escrita, dolorosa e em desacordo com as realidades da cultura americana. Diz que você não deve se perguntar se, como uma pessoa negra, uma mulher negra, você realmente pode ser inferior - não inteligente o suficiente, não rápida o suficiente, não boa o suficiente para fazer as coisas que deseja fazer. (...) Você deveria saber que é tão boa quanto qualquer um.

(...) Eu não falava muito sobre minhas dúvidas. (...) Mas eu pensava muito - as mesmas coisas de novo e de novo. Quem eu era, afinal? Por que alguém deveria prestar atenção ao que eu tinha para dizer? Eu tinha algo a dizer? Eu estava escrevendo ciência, pelo amor de Deus. Naquela época, quase todos os escritores profissionais de ficção científica eram homens brancos.”

possuem emprego, os membros da comunidade raramente saem e quando o fazem vão armados e em grupos para se protegerem.

A história se inicia em 2024, apresentando a protagonista, sua família e seus vizinhos. Lauren é filha de um dos líderes da comunidade, o pastor batista Laurence, mas desde o começo da narrativa já crê em sua própria religião, chamada Semente da Terra, que descobriu espontaneamente e escreve versos para desde pequena. Ela também sofre de uma condição chamada hiperempatia, devido ao fato de sua falecida mãe ter sido uma usuária de drogas enquanto grávida. A condição faz com que ela sinta a dor e o prazer de outras pessoas simplesmente as observando, as vezes até sofrendo ferimentos reais. Ela esconde a condição de todos os vizinhos, a considerando uma vergonha e uma grande fraqueza em um mundo em que a dor é muito mais comum que o prazer. O mundo mais amplo é apresentado através das notícias de jornal, como uma grande tempestade no golfo do México e a eleição do novo presidente Donner, um libertário que promete acabar com restrições ambientais e trabalhistas para estimular o mercado de trabalho e acabar com o programa espacial, então considerado pela maioria das pessoas, mas não por Lauren, puro desperdício de dinheiro.

No ano de 2025, as coisas continuam piorando: um incêndio ocorre na casa de seus vizinhos e invasores pulam os muros. As invasões acontecem com mais frequência por toda parte e o pai de Lauren toma a iniciativa de montar uma vigia armada do bairro. Ela narra que os serviços públicos, os bombeiros e a polícia, não valem a pena, custam caro demais e raramente tentam realmente ajudá-los.

Refletindo como o mundo continua piorando, Lauren acredita que a maioria das pessoas de seu bairro vivem em negação e vê Donner como um apego ao passado, a um normal que já não existe. O deus da Semente da Terra é a mudança e ela vê potencial mesmo nas tragédias ao seu redor. Ao invés de esperar passivamente como todos os outros, ela resolve se preparar para sobreviver fora dos muros e conta para sua amiga Joanne de seus planos. Assustada, a outra garota conta tudo para Laurence e ele acaba repreendendo a filha. Ele fala sobre o impacto dos avisos: se uma previsão alarmista não se concretizar qualquer outra futura perde o impacto, mesmo se correta, mas ele aprova suas preparações. O seu conselho parece refletir as consequências negativas do alarmismo dos anos 70 que, tendo fracassado em muitas de suas previsões, acabou alimentando o ceticismo dos críticos.

Outro personagem importante na primeira parte do livro é irmão mais novo de Lauren, Keith. Na opinião dela, o menos inteligente e sensato de seus três irmãos, ele

deseja poder usar armas logo e não acha justo que uma garota aprenda antes dele, mesmo que ela seja três anos mais velha. Eventualmente, ele rouba a chave e a arma de sua mãe, e começa a ir para fora para roubar e fazer dinheiro através de outros meios ilícitos. Seu pai o surra, tornando-o ainda mais rebelde e perturbando a dinâmica da família.

Em 2026, Keith vai morar do lado de fora do muro e trabalha ajudando criminosos a lidar com objetos roubados usando sua rara habilidade de ler e escrever. De tempos em tempos, ele volta a Robledo para trazer dinheiro e presentes para sua mãe e irmãos mais novos. Mas um dia o corpo de Keith é encontrado morto, torturado e queimado completamente, exceto pela cabeça. Neste ano, uma cidade da costa é transformada em uma cidade corporativa que oferece um local seguro em troca de trabalho de basicamente trabalho escravo. Com as invasões cada vez mais frequentes, parte da vizinhança fica animada em se aplicar para ir trabalhar lá.

Um dia, é o pai de Lauren que desaparece dessa vez e não é encontrado em parte alguma, após semanas de procura. A comunidade fica ainda mais abalada, mas em um funeral não oficial no culto de domingo, Lauren prega que devem seguir em frente, sem medo e com persistência.

Em 2027, as últimas estruturas da vida de Lauren se rompem quando um incêndio criminoso a obriga a fugir do bairro no meio da madrugada, enquanto este é atacado por viciados em *piro*, uma nova droga que faz com que provocar incêndios traga uma grande satisfação, comparável ao orgasmo, e que se torna cada vez mais popular. Na manhã seguinte, Lauren volta e é obrigada a saquear a própria casa junto com ondas de sem-teto que rapidamente vieram procurar quaisquer resquícios. Não encontra nenhum sinal de sua família e vê os corpos de muitos de seus vizinhos. Dentre seus antigos conhecidos, só encontra vivos Harry Balter, seu amigo de infância branco e ingênuo, e Zahra Moss, uma jovem que cresceu nas ruas e foi comprada por Richard Moss que a fez sua terceira esposa. Resolvem ir juntos para o norte, onde se diz o preço da água não é tão alto e há empregos que pagam em dinheiro. Para evitar assédio e fazer o grupo parecer mais forte, Lauren, alta e forte, se passa por homem.

Nos próximos dias aprendem sobre a dureza do lado de fora: as estradas são ocupadas por mares de refugiados, todos hostis em uma medida ou outra; devem se manter sempre alertas; seus corpos doem após passarem o dia inteiro caminhando e mesmo assim devem manter vigília de noite. Quando são atacados por bandidos um dia, Lauren acaba revelando a vulnerabilidade de sua hiperempatia aos companheiros, ao desmaiar quando é obrigada a acertar o agressor com um golpe.

Na estrada encontram um casal com um bebê pequeno, Travis, Natividad e Dominic Douglas, que acabam se juntando a eles após Lauren salvar o bebê de um cachorro selvagem. Ela também começa a ensinar Zahra a ler e versos da Semente da Terra para todos os membros do grupo. Travis é o mais interessado e ela fica feliz em lhe falar sobre sua religião, acreditando que ele poder ser seu primeiro convertido. Descobre no processo o grande objetivo da Semente da Terra: criar raízes entre as estrelas. Afinal, se seu Deus é a mudança, que mudança maior pode haver, além da morte, do que colonizar outro planeta? Animada, ela começa a procurar entre os viajantes outros como eles que possa recrutar para a sua comunidade.

Nos próximos dias, encontra Tyler Bankole, um homem mais velho, médico, com quem acaba se envolvendo romanticamente, e as irmãs Jill e Allie Gilchrist, fugindo após, tendo passado a vida toda sendo estupradas e prostituídas pelo pai, o mataram e colocaram fogo em sua casa. Com um grupo maior, as coisas ficam um pouco mais fácil. Eles têm que se desviar do caminho, devido a um terremoto em São Francisco que libera o caos generalizado na cidade, e recolhem um menino de três anos chamado Justin no grupo após sua mãe ser baleada em um tiroteio, mas ao chegarem em um reservatório, onde tem acesso a alguma água, se permitem alguns dias para descansar, onde Bankole e Lauren podem conversar sobre o futuro e consumarem seu relacionamento. O médico diz a ela que possui terra no Norte atualmente sendo cuidada pela família de sua irmã e, após alguma discussão, acaba aceitando todos os companheiros de viagem para que formem uma comunidade ali.

Quando atravessam a região de Sacramento, um caminho menos popular para o norte, passam grandes extensões de terra com pouca gente. Acabam recebendo mais quatro membros no grupo: Emery e sua filha Tori e Grayson e sua filha Doe, todos esqueléticos, nervosos e hostis. Todos costumavam ser escravos, presos em fazendas que só pagavam em dinheiro da empresa, os mantendo infinitamente em dívida e presos a eles. Descobrem eventualmente que todos os quatro são compartilhadores, sofrendo com a hiperempatia, e Lauren reflete o quão útil deve ser para manter escravos na linha. Em um confronto com *piros*, Jill Gilchrist acaba morta e um enorme incêndio os cerca, que, na região quente e seca, se espalha por toda a parte e os obriga a correr, para não serem consumidos por ele.

Finalmente, chegam à terra de Bankole, mas a sua casa não está mais lá: foi queimada em outro incêndio criminoso junto com sua irmã e família. Realizam então uma discussão sobre seu próximo passo: Lauren deseja ficar e se esforçar em construir uma

vida ali, enquanto Bankole é cético e acredita que as coisas ainda podem piorar muito, mas por fim acaba aceitando, assim como todos os outros. O livro termina com a fundação da comunidade, a que chamam Bolota.

A continuação de *A Parábola do Semeador*, *A Parábola dos Talentos* não possui uma estrutura linear nem continua a partir unicamente do ponto de vista de Lauren Olamina, mas inclui trechos narrados por sua filha Ashe Vere, originalmente chamada Larkin Olamina, e alguns poucos escritos por Taylor Bankole. A parte narrada por Lauren, mais relevante para este trabalho, se passa entre 2032 e 2035, cinco anos após o final do primeiro livro. Ela agora é casada e lidera a comunidade que cresceu e se estabeleceu ali: todos trabalham muito, eles desenvolvem artesanalmente a maioria das coisas que precisam, plantam e se ensinam uns aos outros. O pior momento da crise que afetava os Estados Unidos no primeiro livro, agora conhecida como “O Apocalipse” ou “A Praga” parece já ter passado e sentem que as coisas estão se estabilizando.

Entretanto, uma nova tendência ameaça seu modo de vida: o fundamentalismo religioso, representado pelo candidato à presidência Andrew Steele Jarrett. Ele é um ministro cristão carismático que afirma querer voltar aos bons tempos e tornar a América grande novamente. Seus seguidores são fanáticos e violentos, acusam quaisquer não-cristãos – muçulmanos, judeus, hindus, ateus ou até alguém “excêntrico” – de bruxaria e os queimam na fogueira. Perseguem cultistas e pagãos, os acusando de adoradores do diabo e pedófilos. Uma religião em seus primeiros anos, a comunidade da Semente da Terra vê sua existência ameaçada por eles.

Marcus, irmão de Lauren que ela acreditava ter morrido na queda de Robledo, é encontrado trabalhando como escravo sexual e resgatado por ela, mas ainda crente nos ensinamentos de seu pai e desejoso ele mesmo de se tornar um ministro cristão, acaba se juntando à igreja de Jarrett, a “América Cristã”. Em 2033, nasce a filha de Lauren com Bankole, que nomeiam Larkin. A nova situação gera conflito entre o casal, com Bankole querendo se mudar para uma pequena e segura cidade onde poderá atuar como médico e Lauren decidida a manter e continuar expandindo sua comunidade.

Ainda no mesmo ano, Lauren vê mais uma vez sua vida destruída quando seus piores temores se concretizam: os cruzados, seguidores fanáticos de Jarrett, invadem Bolota com tanques, roubam todos os bebês, incluindo Larkin, para serem adotados por famílias cristãs e colocam os adultos em coleiras, novos aparatos tecnológicos usados em escravos que os deixam a completa mercê de seus novos mestres. No ataque, Bankole acaba morrendo.

O próximo ano é o pior da vida de Lauren e ela sequer escreve em seu diário. Sem sua família, tendo visto todo o trabalho de sua vida destruído em uma noite e reduzida a objeto por seus captores, que a fazem trabalhar até a completa exaustão, a obrigam a uma vida vazia e sem tempo livre ou interação humana sensível, e a estupram regularmente. Apenas em 2035, graças a um acidente que incapacita o carro que controla as coleiras, os escravos conseguem se rebelar e matar todos os seus captores. Sabem, entretanto, que podem ser presos novamente a qualquer instante e, todos completamente traumatizados com a experiência, decidem se separar para procurar seus filhos, tirados deles.

Lauren é movida pela missão por algum tempo, procurando entre antigos aliados qualquer pista que a leve a filha, mas eventualmente sua missão de vida lhe chama e ela resolve que precisa de novas estratégias para espalhar a Semente da Terra. Quando Jarrett perde a eleição de reeleição, graças a esforços de guerra desastrosos, a religião começa a crescer, Lauren publica seus livros e se torna uma prestigiosa autora e palestrante, viajando por todo o país. No epílogo do livro, Lauren só reencontra com a filha por iniciativa desta aos 58 anos e, aos 81, morre após ver a completude do sonho: uma nave espacial cheia de membros da Semente da Terra sendo enviada as estrelas.

As Parábolas originalmente foram planejadas como uma trilogia, mas Octavia Butler sofreu com bloqueio de escritor nos anos 2000, com problemas de saúde e se sentindo desiludida com o mundo após a eleição de George W. Bush (LEE, 2020). O terceiro livro se chamaria *Parable of the Trickster* e se passaria muitos anos no futuro, com nenhum personagem das duas primeiras obras. De acordo com notas e inícios abandonados da história compilados por Ji Hyun Lee, ela narraria a história de Imara Hope Lucas enquanto ela luta para sobreviver sua cegueira e se estabelecer em uma colônia fora do sistema solar – o Destino da Semente da Terra –, ao mesmo tempo em que os colonos sofrem com uma epidemia de telepatia, ou alucinações em comum, e saudades de casa a nível patológico. Apesar de seu desejo de contar a história do Destino, Octavia Butler infelizmente faleceu em 2006 antes de completar a trilogia. De qualquer forma, este capítulo focará no primeiro livro da série.

Na terceira divisão deste trabalho, falou-se sobre as tradições literárias de Utopia, Anti-utopia e Distopia, trazendo algumas definições literárias e exemplos de cada categoria. Como qualquer categorização, esta é mais funcional do que absoluta e muitas outras formas de divisão poderiam ser realizadas, entretanto uma última classificação relevante é importante para esse trabalho, desenvolvida por Tom Moylan e que se aplica a *Parábola do Semeador*: a de Distopia Crítica.

O primeiro livro que Moylan (2000) aplica a categoria é *Gold Coast* de Kim Stanley Robinson, escrito em 1988. Ele é o segundo de uma trilogia do autor que descreve o estado da Califórnia em três diferentes futuros possíveis: o primeiro, *The Wild Shore* de 1987, é pós-apocalíptico e descreve a vida dos sobreviventes de uma guerra nuclear; o terceiro, *Pacific Edge*, é uma utopia que descreve uma sociedade que superou o consumismo e devastação ambiental em direção a um futuro mais ecológico; Enquanto o segundo, *Gold Coast* realiza, de acordo com Moylan, um mapeamento cognitivo da lógica cultural de um sistema dominado pelo complexo militar-industrial de Reagan nos anos finais da Guerra Fria. Neste futuro, a pressão de sucessivas expedições militares leva a um colapso do sistema econômico e da qualidade de vida: a urbanização e construção de shoppings conduz à devastação dos recursos naturais da área, e a superpopulação conduz problemas extremos de falta de habitação e emprego.

Uma distopia crítica não apenas denuncia o sistema vigente, mas aponta possibilidades de oposição, os próprios protagonistas vêm um caminho em direção a algo melhor no meio do inferno em que se encontram. Não se trata necessariamente de uma distopia utópica no sentido filosófico, ou otimista: ela ainda pode ser anti-utópica, mas ela dá voz aos despossuídos, aos excluídos do sistema social, que gera um mundo para si fora do sistema tradicional, capitalista, classista, machista, etc. A Distopia crítica resiste tanto à ortodoxia hegemônica e oposição tradicional. Ela propõe um novo momento histórico, ir além.

A Parábola do Semeador cumpre com os dois princípios. Em primeiro lugar, em estilo típico de Octavia Butler, ela fala do ponto de vista dos excluídos, reflete sobre o racismo, a escravidão, o patriarcado e a intolerância religiosa. Em segundo, oferece uma contra-narrativa em que um grupo diverso de indivíduos desenvolvem em um coletivo político que formam, mesmo que temporariamente, uma utopia alternativa ao poder hegemônico da sociedade quebrada.

Voltaremos ao segundo ponto, mas de acordo com Luiz Marques (2018:319), a desigualdade é um fator essencial para estudar as crises ambientais, tanto em suas raízes como em suas consequências. O capitalismo produziu o maior nível de riqueza da história, mas à medida que essa riqueza aumenta, as pessoas mais pobres têm uma parcela cada vez menor dela. Maiores padrões de riqueza produzem maiores padrões de consumo, maior gasto energético e maior produção de lixo. Por exemplo, 10% dos mais ricos são responsáveis por quase 50% das emissões de carbono antropogênicas. 70% mais pobres respondem por apenas 21%. Apesar disso, é a parcela mais pobre da população

mundial que arca com as principais consequências das crises ambientais. Por exemplo, Michael Jenkins afirma que futuro das florestas e das pessoas mais pobres estão inextricavelmente ligados. O livro de Butler também mostra como em uma situação de caos e instabilidade são os membros mais vulneráveis da sociedade que sofrem e, de fato, se tornam ainda suscetíveis à exploração. As multidões de sem-teto que vivem fora das comunidades muradas já estão completamente abandonadas, sem qualquer rede de segurança social, e as classes médias começam a se ver pressionadas pelas grandes corporações:

Há uma tempestade fora de temporada atingindo o Golfo do México. Ela se espalhou, matando pessoas da Flórida ao Texas e descendo em direção ao México. Até agora, sabe-se que mais de 700 morreram. Um furacão. E quantas pessoas ele atingiu? Quantas vão morrer de fome posteriormente devido as plantações destruídas? É a natureza. É Deus? A maioria dos mortos é a população de rua que não tem para onde ir e que só sabe dos alertas quando já é tarde demais para se proteger. Onde está a segurança para eles afinal? Ser pobre é um pecado contra Deus? (BUTLER, 2018:26)

Algo novo está começando - ou talvez algo velho e nojento esteja renascendo. Uma empresa chamada Kagimoto, Stamm, Frampton, and Company - KSF - assumiu a administração de uma pequena cidade costeira chamada Olivar. Incorporada nos anos 1980, é só mais um bairro de casas de veraneio do subúrbio de Los Angeles, pequeno e próspero. (...) Seus moradores, assim como alguns aqui no bairro de Robledo, recebem salários que antes os teriam tornado prósperos e lhes dado uma vida confortável. (...) O nível do mar não para de subir com o clima mais quente e (...) Como as cidades costeiras de todo o mundo, Olivar precisa de ajuda especial. (...) Foi então que as pessoas da KSF apareceram. Depois de muitas promessas, muita barganha, desconfiança, medo, esperança e disputa judicial, os eleitores e representantes de Olivar permitiram que a cidade fosse tomada, vendida e privatizada. (BUTLER, 2018:148-149)

Além do classismo, Butler também cria um paralelo entre a jornada de sobrevivência do grupo de Lauren e a fuga de escravos do sul dos Estados Unidos para o norte, proclamada dentro da narrativa quando, após aceitar os quatro ex-escravos – Emery, Tori, Grayson e Doe –, Lauren chama o grupo de uma versão moderna da *underground railroad*. No segundo livro, a comparação se torna completamente literal, quando Bolota é escravizada por fanáticos religiosos, sob o pretexto de sua cristianização e, após se revoltar e matar seus captives, devem fugir para evitar retaliação. Micah Moreno (2020) afirma que, tanto quanto à raça como quanto ao gênero, o livro apresenta todos os papéis atribuídos pela sociedade como socialmente construídos. À medida que precisa, Lauren pode agir como homem ou mulher, negra ou branca, o que seja mais adequado a sua sobrevivência, o que indicaria que gênero é aprendido mais do que um código inerente de genes.

O mundo de *A Parábola do Semeador* ainda mantém estruturas sociais patriarcais, por exemplo na religião criada por David Moss que pode ter múltiplas esposas e as trata

como escravas, assim como homens ricos que tem diversas concubinas; em Tracy Dunn, que é estuprada pelo tio por anos, mas cuja mãe prefere culpá-la; na atitude de Keith, que acha injusto que Lauren já possa usar armas e ele não. Em *A Parábola dos Talentos*, essa tendência se radicaliza sob o governo religioso, com o retorno de caça às bruxas, dispositivo histórico de perseguição a mulheres e a absoluta submissão esperada das esposas e filhas na estrutura da América Cristã.

Octavia Butler faz parte de uma forte tradição de literatura de ficção científica feminista. De acordo com Tom Moylan (2000:99) obras feministas estiveram na vanguarda da ficção científica subversiva, trazendo alternativas ao anti-utopismo que dominou o pós-guerra, citando como exemplos contos como “When It Changed” de Joanna Russ e “Houston, Houston, do you read?” de Alice Sheldon. *O Conto da Aia* (1985), de Margaret Atwood, um clássico da ficção científica e influente obra feminista, parece inspirar a sociedade de Bolota quando dominada pelos cruzados.

De acordo com a definição de Moylan, portanto, Butler dar voz aos rejeitados e despossuídos é uma razão fundamental para caracterizar *A Parábola do Semeador* como uma distopia crítica. Tão importante quanto, entretanto, é o fato de que a autora aponta para um lugar onde estes possam existir além da civilização tradicional. *A Parábola do Semeador* é afinal de contas, de acordo com Butler, a narrativa da criação de uma nova religião, um novo modo de viver, e *A Semente da Vida* de Lauren Olamina rompe tanto com o corporativismo que domina o mundo, quanto com a religião tradicional de seu pai.

Para Stefannie Dunning (2020), as Parábolas existem entre a distopia e a utopia: ao mesmo tempo em que Butler é pessimista quanto aos rumos da civilização ocidental, ela é otimista quanto as possibilidades sociais e ideológicas que poderiam surgir de seu fim. Ela não vê o apocalipse como algo ruim necessariamente, mas como uma oportunidade da criação de novos modelos de comunidade. Em conversa com Joanne, ela vê esse potencial na peste bubônica:

— Você já leu sobre a peste bubônica na Europa Medieval? — perguntei. Ela assentiu. (...)

— Grande parte do continente foi despovoada — disse ela. — Alguns sobreviventes achavam que o mundo estava acabando.

— Sim, mas quando perceberam que não era o caso, também notaram que havia muita terra não ocupada disponível para ser tomada e, se tinham um negócio, que podiam exigir um pagamento melhor por seu trabalho. Muitas coisas mudaram para os sobreviventes. (...) Foram mudanças lentas se comparadas a qualquer coisa que possa acontecer aqui, mas foi necessário que uma praga se espalhasse para algumas pessoas perceberem que as coisas podiam mudar.

— E daí?

— As coisas também estão mudando agora. Nossos adultos não foram dizimados por uma praga, por isso ainda estão presos ao passado, esperando

pela volta dos bons tempos. Mas as coisas mudaram muito, e mudarão mais. Estão sempre mudando. Este é só um dos grandes saltos e não as pequenas mudanças passo a passo, mais fáceis de fazer. As pessoas mudaram o clima do mundo. Agora, esperam pela volta dos bons tempos.

— Seu pai diz não acreditar que as pessoas mudaram o clima, apesar do que os cientistas dizem. Ele diz que só Deus poderia transformar o mundo de modo tão significativo. (BUTLER, 2018:74)

O novo modelo de Lauren, materializado em Bolota posteriormente, rejeita o individualismo, consumismo e dominação de um homem sobre outro e do homem sobre a natureza. É necessária uma mudança de modo de vida que busque à sobrevivência, retirando o necessário, vivendo próximo e em harmonia com o meio ambiente. Dunning observa que sobrevivencialismo, na cultura americana moderna, é associada com homens brancos de direita e fãs de armas de fogo, de forma que a associação com uma garota negra pode parecer estranha à primeira vista. Mas isso seria uma referência ao movimento de sobrevivencialismo negro, cuja origem, novamente, estaria nos escravos fugidos.

É essa necessidade de sobrevivência que guia a trama. Como dissemos no começo deste subcapítulo, Brunner não gasta muito tempo com a comunidade alternativa de seu mundo, mas foca nos grandes eventos globais. Dessa forma, ele pode lidar com diversos aspectos das crises ambientais, com as atitudes políticas e intelectuais em relação a ela. Butler não faz nada disso, os eventos globais – até o final do segundo livro ao menos – estão longe dos acontecimentos da trama: Lauren e seus companheiros de viagens são apenas outros refugiados entre os milhões que atravessam o país. Eles ouvem sobre as eleições presidenciais ou sobre a compra de Olivar no rádio, mas são apenas indiretamente afetados por elas.

A tecnologia no livro, nos termos de Feenberg (2013) é puramente instrumental. A comunidade de Robledo teme as armas e o fogo dos *piros*, mas também usam e treinam com as armas para se defender. No segundo livro, um artefato tecnológico – os colares de choque – permite um nível de escravidão e opressão que jamais seria possível sem ele. Por outro lado, apesar da natureza esotérica de suas crenças e da aproximação com a natureza em seu modo alternativo de vida, isso não significa um abandono da ciência e da tecnologia. Como o trecho citado acima demonstra, Lauren acredita nos cientistas ao contrário de seu pai; quando a Semente da Terra começa a crescer e fazer dinheiro, eles o investem em educação científica e pesquisa, para realizar o objetivo da religião e de Lauren. Trata-se de um tropo tradicional da ficção científica, visto por exemplo em *Os Mercadores do Espaço*: ela crê que o destino da Semente da Terra é criar raízes no espaço:

*O Destino da Semente da Terra
É criar raízes entre as estrelas*

Era isso que eu estava buscando há alguns dias, quando a história da descoberta dos novos planetas chamou minha atenção. É claro que é verdade. É óbvio. No momento, também é impossível. O mundo está horrível. (...) O presidente Donner não é o único que está fechando e vendendo projetos científicos e espaciais. Ninguém está expandindo o tipo de exploração que não traga lucro imediato, ou que pelo menos prometa grandes lucros futuros. (BUTLER, 2018:109)

Em *A Parábola dos Talentos*, o Destino se concretiza. Se *The Sheep Look Up* é uma distopia anti-utópica, com a explícita rejeição de uma nave espacial que leve os *trainites* ao espaço, *A Parábola do Semeador* é claramente utópica: ela aponta tendências negativas vistas na sociedade de então – a poluição da atmosfera com gases do efeito estufa, por exemplo – e as extrapola ao seu limite distópico, em que as cidades costeiras são ameaçadas pela elevação do nível dos oceanos e o calor de um Sul da Califórnia já seco torna incêndios ainda mais comuns e devastadores, mas Butler foca na sociedade alternativa, em que é possível viver e coexistir com a biosfera de forma sustentável.

6. RESULTADOS E DISCUSSÃO

No início desse trabalho, propusemos a seguinte pergunta: como obras de ficção distópicas caracterizam as crises ambientais ao longo do último século? A partir do estudo de diversas obras, podemos observar que a relação entre civilização – como tradicionalmente vista a partir do modo de vida eurocêntrico – e natureza é um tema recorrente de obras de utopia e distopia, ao refletir sobre um modo alternativo de existência fora da sociedade industrial, bem como de obras de ficção científica que dialoguem com estes gêneros. Vemos isso em obras como *o The Machine Stops* (1909), *We* (1920-1921) e *Admirável Mundo Novo* (1932).

Em *The Machine Stops*, a vida alternativa ocorre na superfície entre aqueles que conseguiram escapar de seus cubículos e da tirania da Máquina e baseia-se em trabalho e exercício físico ao invés de se entregar a ociosidade e deixar a máquina fazer tudo. Em *Nós*, o modo de vida de I-330 é fora da lógica dos números, e existe toda uma comunidade como ela. O muro verde também separa a sociedade racionalista dos que vivem do lado de fora, descrito como selvagens e bestiais. Em *Admirável Mundo Novo*, John o Selvagem representa o modo de vida alternativa a do governo mundial, extremamente mediada pela tecnologia. É claro que as reservas indígenas e o eremitismo a que John se entrega ainda são vistos negativamente, mas a alternativa ser uma vida mais próxima da natureza ainda é uma ideia presente no texto.

O *Coração das Trevas*, que não é uma ficção científica ou uma distopia, também mostra como a Natureza, em tradição literária, pode ser vista como um modo alternativo de vida ao europeu, neste caso oposta a máquina dominadora e destruidora do colonialismo.

Os quatro subcapítulos seguintes trazem distopias climáticas, formuladas por escritores de ficção científica: *Os Mercadores do Espaço* (1952), de Frederik Pohl e Cyril M. Kornbluth; *The Drowned World* (1962) e *The Burning World* (1964) de J.G. Ballard; *The Sheep Look Up* (1972), de John Brunner; e *A Parábola do Semeador* (1993) de Octavia E. Butler. Todos eles de diferentes formas, propõe modos de vida alternativa ao capitalismo produtivista, em que um contato mais próximo com a natureza tem um importante papel.

Os Mercadores do espaço é o que fica mais distante de elaborar de fato uma sociedade alternativa: os *consies* defendem maior harmonia com natureza e são considerados estranhos e subversivos, mas eles são uma sociedade secreta presente em

todos os lugares e estratos da sociedade, sem indicações de ações específicas que tomam na Terra para impactar menos o planeta. Apenas no final do livro que seu plano se revela: ir para Vênus em uma nave espacial, onde finalmente terão seu espaço e poderão construir do zero uma comunidade ecológica.

Em *The Drowned World* e *The Burning World*, de J.G. Ballard, a nova forma de existência não está na formação de nenhuma comunidade nova, mas a aceitação da mudança do mundo é uma jornada individual e psicológica. Em *The Drowned World*, Kerans aceita e se entrega o encantamento da selva ao invés de se apegar ao modo de vida que já passou. Este é o caso de Strangman, um homem do passado, ganancioso e busca obras de arte e joias, como se elas ainda tivessem algum valor. Para Kerans, são ossos. De forma semelhante, o Coronel Riggs se apega a ordem e a estruturas de uma sociedade que não existe mais, reforça suas leis e se recusa a mover adiante. Já em *The Burning World*, Ransom busca a solidão, quer se entregar a mudança, mas sucessivas responsabilidades não lhe permitem. De forma semelhante a Strangman, Richard Lomax enlouquece e atribui à água o poder e a riqueza que tinha anteriormente, apegado a hierarquização do mundo que já morreu. Por outro lado, Whitman é um misantropo que prefere os animais, mas nem por isso é menos insano. Ballard localiza suas obras em um futuro radicalmente mais transformado que as demais estudadas, no fato de que não sobrou ordem alguma em suas sociedades. O modo de vida tradicional já é passado, apenas um detalhe no imenso tempo geológico, e os que se apegam a ele são loucos.

The Sheep Look Up, de John Brunner é o mais pessimista dos livros estudados e indica que é tarde demais mesmo para a sobrevivência. A acusação ao modo de vida consumista e produtor de lixo estadunidense é totalmente explícita, de forma ainda mais pungente que *Os Mercadores do Espaço*. Mais maduro, sua solução não é partir dessa terra – Brunner explicitamente afirma que não gosta da ideia –, mas de acordo com as crenças de Austin Train, um modo de vida alternativo, baseado em viver com menos, plantar o que come e não ter filhos. Mas é claro que a situação já é tão grave que não importa mais.

A Parábola do Semeador e *A Parábola dos Talentos* de Octavia Butler são as obras que melhor descrevem um modo de vida alternativo, através da nova religião criada pela protagonista Lauren Olamina, a Semente da Terra. É semelhante aos *trainites*: se planta o que come, educação e oficinas comunitária, se trabalha muito e cada um contribui com a comunidade como pode. Por outro lado, há uma grande ênfase na educação científica e, a longo prazo, na saída da Terra com uma nave espacial.

Quanto a capacidade das obras ficcionais de reconstituir a história da percepção pública quanto às crises ambientais, cremos que elas se mostraram úteis, ao revelar características importantes de momentos chave da conscientização quanto as crises ambientais

Os Mercadores do Espaço é de 1952, no período do pós-guerra, um momento de radicalização política, com desconfiança quanto ao modo de vida capitalista e perseguição aos comunistas nos EUA. Além disso, é o ano em que os problemas de poluição cada vez mais evidentes nas grandes metrópoles industriais culminam no Grande Nevoeiro de Londres, considerado um dos mais sentidos impactos ambientais até então e que inspiraria regulamentações nos próximos anos.

The Sheep Look Up foi publicado em 1972, um dos anos mais cruciais para a conscientização e combate às crises ambientais. É quando relatórios como The Limits of Growth, Blueprint for Survival e A Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente Humano é realizada pela ONU revelam a gravidade e urgência da influência humana sobre a biosfera. As mudanças climáticas são vistas como uma ameaça real para o modo de vida americano, o que é refletido no livro de Brunner. Seu livro também foi escrito logo após Guerra do Vietnã, quando a insatisfação política dentro dos Estados Unidos se encontrava no auge.

Já A Parábola do Semeador é publicada em 1993, um ano após Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e o Desenvolvimento, outro momento chave para a divulgação das crises ambientais em todos os setores da sociedade. O teor um pouco menos pessimista e o conselho do pai de Lauren quanto aos avisos alarmistas, também pode refletir a desconfiança com os “profetas do apocalipse” de 1972, após algumas de suas previsões não se concretizarem. Quanto a insatisfação com o modo de vida consumista americano, apesar do momento triunfalista do capitalismo, o livro é escrito do ponto de vista de grupos tradicionalmente oprimidos.

Dessa forma, acreditamos que há potencial no uso de obras de ficção científica didaticamente, para ensinar sobre a história das crises ambientais a partir de sua inspiração para autores de ficção.

Quanto as críticas específicas ao paradigma propagado por Francis Bacon, do desenvolvimento tecnológico como ferramenta de domínio da natureza e sua capacidade de resolver os problemas humanos, nós podemos observar que não há uma linearidade

nas diferentes obras: não são apenas definidas pelo seu contexto histórico, mas a formação de cada autor também influencia em sua interpretação do tema, conforme a sugestão de Peter Gay (2010).

Feenberg aponta as diferentes perspectivas quanto a tecnologia em sua relação com a sociedade (FEENBERG, 2013). No século XIX, o determinismo é a visão hegemônica, onde o progresso é inevitável, conforme creem os europeus ingênuos em *O Coração das Trevas* ou o militar caçador de consies em *Os Mercadores do Espaço*. No pós-guerra entretanto, o instrumentalismo ganha espaço: o otimismo já não é tão dominante e o artefato tem potencial tanto de conduzir a humanidade a um patamar mais alto como a destruí-la completamente, entretanto isso não diz muito a respeito da ciência e da tecnologia em si, que permanecem neutros. São os humanos, em seu mundo social e político, que determinam o que é feito delas, mas o seu desenvolvimento permanece dado pela eficiência e pelo progresso. Essa parece ser a posição mais próxima da dos próprios consies e também da Semente da Terra em *A Parábola do Semeador*: nelas a tecnologia é usada para reforçar a lógica de dominação, mas também é parte da solução que pode conduzir a utopia.

Dessa forma, em *Os Mercadores do Espaço*, o caçador de consies MacDonald manifesta a opinião dos futuros cornucopianos ao afirmar que a humanidade vai continuar a se desenrascar dos problemas ambientais, da mesma forma que sempre se desenrasca. A tecnologia tem um papel fundamental nisso, com a produção de substitutos da carne e do café que permitem uma industrialização radical do mundo. Por outro lado, a solução dos consies passa por deixar o planeta Terra em um foguete construído pelos publicitários.

Ballard, que testemunhou em primeira vez os horrores da Segunda Guerra Mundial, é quem mais “rejeita” a doutrina baconiana moderna de dominação da natureza via tecnologia, e até a epistemologia ocidental moderna. Ao contrário, vê o domínio da natureza muito maior e mais poderoso. Também rejeita a economia hegemônica do consumo, mas não por vê-la como prejudicial a biosfera ou geradora de desigualdades, mas novamente porque é superficial, desimportante. No tempo geológico, o conceito de “civilização” é inútil.

Brunner escreve a mais pessimista de todas as obras estudadas. Ele adere aos “profetas de apocalipse” dentro da discussão de então, que acredita na impossibilidade do crescimento infinito a partir dos limites da biosfera. O abuso da tecnologia para produzir produtos e para o uso militar conduz ao desastre. Não há rejeição da epistemologia moderna: Austin Train, afinal, é um intelectual e lamenta a diminuição da inteligência

devido aos químicos; também a necessidade de mudança é baseada em descobertas científicas e são os cientistas que apontam o caminho correto a seguir. Por outro lado, ele rejeita o papel salvador da tecnologia, de acordo com a lógica cornucopiana, de que novas descobertas científicas darão conta de resolver todos os problemas ambientais. Novamente, não há foguetão para Vênus, e a solução de Train é um clamor por mudança de vida, não uma nova descoberta que purifique o ar e a água.

A obra de Butler não é nem perto tão pessimista, mas abre a possibilidade de alternativas utópicas e, ao final de *A Parábola dos Talentos*, não só o mundo voltou ao “normal” na Terra, como os membros da Semente da Terra partem em direção as estrelas em uma nave espacial. Diferente de *Os Mercadores do Espaço*, a nave espacial não é bem a solução aqui: ela é construída muitos anos depois. O que ela representa é o Destino, a comunidade ter algo para lutarem juntos e manterem o conhecimento adquirido. Como em Brunner, os cientistas são ignorados e rejeitados pelo governo quando não corroboram com seus interesses. Os vilões do segundo livro, fanáticos religiosos, definitivamente rejeitam a epistemologia moderna, mas a Semente da Terra mantém os estudos em ciência e tecnologia, assim que tem condições e crescem. Antes disso, é a criação de uma comunidade, com um modo de vida comunitário e alternativo ao capitalista, que permite a sua sobrevivência.

Dessa forma, as três obras que tratam mais diretamente do tema – *Os Mercadores do Espaço*, *The Sheep Look Up* e *A Parábola do Semeado* – parecem concordar com a tese principal do livro *Capitalismo e Colapso Ambiental*, de Luiz Marques (2018): capitalismo e colapso ambiental são duas faces da mesma moeda. O sistema é fundamentalmente baseado no crescimento econômico, com contínuo incentivo à produção e ao consumo, de forma que as ideias moderadas e conciliadoras de alcançar um “capitalismo sustentável” não se sustentam. Elas se baseiam em uma confiança no desenvolvimento tecnológico, em continuar produzindo soluções inovadoras para aumentar a eficiência dos processos produtivos (MARQUES, 2018:560), mas não levam em conta as ponderações de Georgescu-Roegen, as limitações físicas dos níveis de eficiência, de acordo com a segunda lei da termodinâmica.

Assim, ainda de acordo com Marques, “a única crítica que vai à raiz do sistema capitalista é a crítica (...) do tipo suicida de sociedade que ela implica (...) A ecologia é subversiva, pois põe em questão o imaginário capitalista que domina o planeta.” Frederik Pohl, Cyril Kornbluth, John Brunner e Octavia Butler demonstram pensamento

semelhante ao opor, em suas obras, modos alternativos de vida ao capitalismo que ativamente destrói o planeta.

CONCLUSÃO

Mesmo para os mais observadores escritores de ficção científica, prever o futuro é impossível. Tom Moylan (2000:47) afirma que o valor do gênero está em olhar para o presente como história, como um passado mais ou menos distante. Ela ativamente interroga e intervém na construção histórica e assim oferece, mais do que apenas entretenimento, a habilidade de se distanciar do presente e analisá-lo criticamente. Fora da concepção de tempo linear, ela rejeita o mito do “progresso” ou do “fim da história” e possibilita outras imaginações do futuro, oferecendo uma forma alternativa de ler a forma do mundo e, na melhor das hipóteses, intervir nele.

Assim, quando os autores estudados escrevem sobre a gravidade ou consequências específicas das crises climáticas, eles não estão fazendo profecias ou previsões, mas escrevendo sobre angústias próprias do seu tempo. De acordo com Frederic Jameson (2005:232), mais do que a alternativa em si que eles constroem – a sociedade dos *consies*, as comunidades *trainita*, a religião Semente da Terra, a vida na superfície, nas reservas indígenas ou além do muro verde –, apenas em nos forçarem a imaginar uma quebra com o sistema vigente, a forma utópica responde a convicção ideológica de que nenhuma alternativa é possível. Marques diz que:

O que retarda uma mais ampla acolhida a esse conjunto de reflexões não se deve a argumentos em favor do capitalismo, e menos ainda em favor de um capitalismo ambientalmente sustentável, mas ao mantra da ausência de alternativas a ele. É tal o poder hipnótico desse mantra, que mesmo os mais preparados estudiosos dos vínculos entre crise ambiental e atividade econômica apegam-se ao oximoro de um “capitalismo sustentável”. (MARQUES, 2018:580)

Assim, ao localizar suas obras no futuro e apontar formas alternativas de vida, onde é possível existir fora do sistema capitalista, eles contribuem com o pensamento utópico, com a superação desse mantra que trava as mudanças necessárias. Não se trata de alcançar a utopia como tradicionalmente entendida: a forma social ideal, aspiração criticada por Hans Jonas (2006) e pelos teóricos do pós-desenvolvimento. Atualmente caminhamos em direção a distopia e o novo programa é a sobrevivência: achar não a sociedade perfeita, mas uma que caiba na biosfera (MARQUES, 2018:692).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACHEBE, Chinua. "An Image of Africa: Racism in Conrad's 'Heart of Darkness'". **Massachusetts Review**. 18. 1977. Rpt. in *Heart of Darkness, An Authoritative Text, background and Sources Criticism*. 1961. 3rd ed. Ed. Robert Kimbrough, London: W. W Norton and Co. 1988. Retirado de: <https://polonistyka.amu.edu.pl/_data/assets/pdf_file/0007/259954/Chinua-Achebe,-An-Image-of-Africa.-Racism-in-Conrads-Heart-of-Darkness.pdf> Acessado em: 13/09/2020.

BALLARD, J.G. **Miracles of Life: An Autobiography**. New York: Harper-Collins. 2008.

BALLARD, J.G. **The Drought**. New York: Liveright. 2012

BALLARD, J.G. **The Drowned World**. London: Fourth Estate. 2014.

BERRY, Geoff. "Modernism, climate change and dystopia: an ecocritical reading of light symbology in Conrad's *Heart of Darkness* and Eliot's *The Waste Land*". **Colloquy: Text Theory Critique**, v. 21, p. 81–100. 2011.

BÍBLIA SAGRADA. Tradução de João Ferreira de Almeida. Santo André: Geográfica Editora. 2011.

BONZI, Ramón Stock. "Meio século de Primavera Silenciosa: um livro que mudou o mundo". **Desenvolvimento e Meio Ambiente**, n. 28, p. 207-215, jul./dez. 2013. Editora UFPR

BRADY, Amy. "The Man Who Coined 'Cli-Fi' Has Some Reading Suggestions For You". **Chicago Review of Books**. 2017. Retirado de: <<https://chireviewofbooks.com/2017/02/08/the-man-who-coined-cli-fi-has-some-reading-suggestions-for-you/>>. Acessado em: 15/06/2020

BRAMWELL, Anna. **Ecology in the 20th century: a history**. Yale University Press: New Haven and London. 1989.

BRUNNER, John. **The Sheep Look Up**. New York: Harper & Row. 1972.

BRUNNER, John. **The Book of John Brunner**. New York: DAW books. 1976.

BUTLER, Octavia. **Bloodchild and Other Stories**. New York: Seven Stories Press. 2005.

BUTLER, Octavia. **A Parábola do Semador**. São Paulo: Editora Morro Branco. 2018.

BUTLER, Octavia. **A Parábola dos Talentos**. São Paulo: Editora Morro Branco. 2019.

CARSON, Rachel. **Primavera silenciosa**. São Paulo: Melho-ramentos, 1969.

CLARKE, Jim. "Reading Climate Change in J.G. Ballard". In: **Critical Survey**. Volume 25, Number 2. 2013. Retirado de: <<https://www.jstor.org/stable/42751031>>. Acessado em: 14/09/2020.

CHAUÍ, Marilena. **Convite a Filosofia**. São Paulo: Editora Ática. 2000.

COLOMBO, Umberto. "The Club of Rome and sustainable development". **Futures**. Volume 33, Issue 1, February 2001, Pages 7-11. Disponível em: <<https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0016328700000483>>. Acessado em: 13/01/2021.

CONCEIÇÃO, A.F.; OLIVEIRA, C.G.; SOUZA, D.B.; "Rostow e os estágios para o desenvolvimento". In: NIEDERLE, P.A.; RADOMSKY, G F. W. (orgs.) **Introdução às teorias do desenvolvimento**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2016.

CONRAD, Joseph. **O Coração das Trevas**. São Paulo: Global. 1984.

DAGNINO, R. "Ajudando a desencadear transformações sociais: o que é isso que hoje chamamos de Ciência & tecnologia?" In: NASCIMENTO, D. E.; LUZ, N. S. e QUELUZ, M. (org) **Tecnologia e Sociedade: Transformações Sociais**. Curitiba: Ed. UTFPR, 2011.

DEL CONT, Valdeir. Francis Galton: eugenia e hereditariedade. **Sci. stud.**, São Paulo, v. 6, n. 2, p. 201-218, June 2008. Retirado de: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1678-31662008000200004&lng=en&nrm=iso>. Acessado em: 27/10/ 2018.

DODD, Anna Bowman. **The Republic of the Future**. New York: Cassel & Company. 2008.

DUNNING, Stefania K. "'Learn or Die': Survivalism and Anarchy in Octavia Butler's Parable of the Sower". In: JAPTOK, Martin; JENKINS, Jerry Rafiki. (ed.) **Human Contradiction in Octavia E. Butler's Work**. London: Palgrave Macmillan. 2020.

ELIOT, T.S. "The Waste Land". In: **Poetry Foundation**. Disponível em: <<https://www.poetryfoundation.org/poems/47311/the-waste-land>>. Acessado em: 08/11/2020.

EHRlich, Paul. **The Population Bomb**. New York: Ballantine Books. 1988.

FEENBERG, Andrew. "O que é a filosofia da tecnologia?". NEDER. Ricardo T. **A Teoria Crítica de Andrew Feenberg: racionalização democrática, poder e tecnologia**. Brasília. Observatório pelo Desenvolvimento da Tecnologia Social na América Latina. CDS/UnB/Capes, 2013.

FORSTER, E.M. "The Machine Stops". **Oxford and Cambridge Review**. 1909. Retirado de: <<http://www.visbox.com/prajlich/forster.html>>. Acessado em: 19/09/2020.

FREITAS, G.R.; CRUZ, M.J.R.; RADOMSKY, G.F.W. "Pós-desenvolvimento: a desconstrução do desenvolvimento". In: NIEDERLE, P.A.; RADOMSKY, G F. W. (orgs.) **Introdução às teorias do desenvolvimento**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2016.

FURLANETTO, E. L. A. "O futuro como ruptura: A crítica materialista-histórica de ficção científica e utopia". **Remate de Males**, v. 32, n. 2, p. 307–319, 19 dez. 2012.

GAY, Peter. **Represálias selvagens: realidade e ficção na literatura de Charles Dickens, Gustave Flaubert e Thomas Mann**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

HAQ, Garu; PAUL, Alistair. **Environmentalism since 1945: The Making of the Contemporary World**. Abingdon: Routledge. 2012.

HERBERT, Frank. *Duna*. São Paulo: Aleph. 2017)

HOBBSAWN, E. "Ciência, Religião, Ideologia". **A Era do Capital**. São Paulo: Paz e Terra. 2001.

HUXLEY, Aldous. **Admirável Mundo Novo**. São Paulo: Abril Cultural. 1982.

IRR, Caren. "Climate Fiction in English". **Oxford Research Encyclopedia, Literature**. Oxford University Press USA. 2020. Retirado de:

<<https://oxfordre.com/literature/view/10.1093/acrefore/9780190201098.001.0001/acrefore-9780190201098-e-4>>. Acessado em: 13/06/2020

JAMESON, Frederic. **Archeologies of the Future: The Desire Called Utopia and Other Science Fictions**. London: Verso Books. 2005.

JONAS, Hans. **O princípio responsabilidade**. Rio de Janeiro: Contraponto. 2006.

KENAN, Randall. “An Interview with Octavia E. Butler”. **Callaloo**, Vol. 14, No. 2 (Spring 1991), pp. 495-504.

LATOURE, Bruno. **Jamais Fomos Modernos**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 1994.

LEVALLOIS, Clément. “Can de-growth be considered a policy option? A historical note on Nicholas Georgescu-Roegen and the Club of Rome”. **Ecological Economics**. Volume 69, Issue 11, 15 September 2010, Pages 2271-2278. Disponível em: <<https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0921800910002582>> Acessado em: 13/01/2021.

LEE, Ji Hyun. “Trauma, Technology, and the Trickster: Reading Octavia E. Butler’s Unfinished Trilogy”. HAMPTON, Gregory J.; PARKER, Kendra R. (org.) In: **The Bloomsbury Handbook to Octavia E. Butler**. New York: Bloomsbury Publishing. 2020.

MARQUES, Luiz. **Capitalismo e colapso ambiental**. 3ª edição revista e ampliada. Campinas: Editora da Unicamp. 2018.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A Ideologia Alemã**. São Paulo: Boitempo, 2007.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Manifesto Comunista**. São Paulo: Boitempo. 2005.

MCCORMICK, John. **Rumo ao paraíso: A história do movimento ambientalista**. Rio de Janeiro: Relume-Durnarã. 1992.

MCNEIL, John, **Something New Under the Sun: An Environmental History of the Twentieth Century World**. Londres: Penguin Books, 2000.

MECKLIN, John (ed.). “Closer than ever: It is 100 seconds to midnight”. 2020. **Bulletin of Atomic Scientists**. Retirado de: <<https://thebulletin.org/doomsday-clock/current-time/>>. Acessado em: 13/06/2020

MILL, John Stuart. **Public and parliamentary speeches**. Part I: November 1850 – November 1868. Toronto University Press, 1988.

MORE, Thomas. **Utopia**. Brasília: Editora Universidade de Brasília: Instituto de Pesquisa e Relações Internacionais. 2004.

MOYLAN, Tom. **Scraps of the Untainted Sky: Science Fiction, Utopia, Dystopia**. Boulder, Colo: Westview Press, 2000.

OLIVEIRA, Cássio. “Nós, de Ievguêni Zamiátin, ou dos limites da razão”. In: ZAMIÁTIN, Ievguêni. **Nós**. São Paulo: Editora 35. 2017.

PLATÃO. **A República**. Rio de Janeiro: Ediouro. 1987.

POHL, Frederick. **The Way the Future Was**. New York: Ballantine Books. 1978.

POHL, Frederick; KORNBLUTH, Cyril. **Os Mercadores do Espaço**. Mem Martins: Publicações Europa-América. 1987.

- POLIAKOV, Léon. **O mito ariano**: ensaio sobre as fontes do racismo e dos nacionalismos. São Paulo: Perspectiva. 1974.
- POMBO, Olga. “Interdisciplinaridade e integração de saberes”. **Liinc em Revista**, v.1, n.1, março 2005. Retirado de: <<http://www.ibict.br/liinc>>. Acessado em: 13/06/2020.
- RADOMSKY, G F. W. (orgs.) **Introdução às teorias do desenvolvimento**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2016.
- SACHS, I. **Caminhos para o Desenvolvimento Sustentável**. 3ª edição. Rio de Janeiro: Ed. Garamond, 2008.
- SAID, Edward. **Orientalismo**. São Paulo: Companhia das Letras. 2007.
- SANTOS, B.S. **A Crítica da Razão Indolente**: Contra o Desperdício da Experiência. São Paulo: Editora Cortez, 2000.
- SANTOS. Boaventura de Souza (org). **Conhecimento prudente para uma vida decente**: um discurso sobre as ciências revisitado. Lisboa: Afrontamento, 2003.
- SCHNEIDER-MAYERSON, Matthew. “The Influence of Climate Fiction: An Empirical Survey of Readers”. **Environmental Humanities**. Yale-NUS College: Singapore. 2018. Retirado de: <<http://www.environmentandsociety.org/mml/influence-climate-fiction-empirical-survey-readers>>. Acessado em: 13/06/2020
- SILVA, Renan Gonçalves Leonel e COSTA, Maria Conceição. “Sociologia da ciência e da Tecnologia: instrumentos para a análise do processo de formação de agendas de pesquisa”. In: V.V.A.A. **Abordagens em Ciência, Tecnologia e Sociedade**. Santo André: Editora UFABC. 2014.
- SIMON, Julian. **The Ultimate Resource 2**. Princeton: Princeton University Press. 1998.
- STERENBERG, Matthew. **Mythic Thinking in Twentieth-Century Britain**: Meaning for Modernity. Londres: Palgrave Macmillan. 2013.
- PETERSON, Thomas C.; CONNOLEY, William M.; FLECK, John. “The myth of the 1970s global cooling consensus”. **Bulletin of the American Meteorological Society**, Vol. 89, No. 9 (September 2008). Pp. 1325-1337.
- VARGAS, F.; ARANDA, Y. P. C.; RADOMSKY, G. F. W. “Desenvolvimento sustentável: introdução histórica e perspectivas teóricas”. In: NIEDERLE, P.A.; RADOMSKY, G F. W. (orgs.) **Introdução às teorias do desenvolvimento**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2016.
- VASCONCELOS, José Antônio. "A utopia urbana de Edward Bellamy". **Dimensões**, vol. 30, 2013.
- VEIGA, J.E. **Desenvolvimento Sustentável**: o desafio do século XXI. Rio de Janeiro, Garamond, 2008.
- WELLS, H.G. **A Modern Utopia**. Lincoln: University of Nebraska. 1967.
- ZAMIÁTIN, Ievguêni. **Nós**. São Paulo: Editora 35. 2017.